



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA –
MESTRADO**



RAMOM PEREIRA DA SILVA MACHADO

**A CIDADE DAS GRADES: A ESPETACULARIZAÇÃO DA
VIOLÊNCIA E MATERIALIZAÇÃO DO MEDO NO ESPAÇO URBANO
DE BAIXA GRANDE/BA**

SALVADOR
2016

RAMOM PEREIRA DA SILVA MACHADO

**A CIDADE DAS GRADES: A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
E MATERIALIZAÇÃO DO MEDO NO ESPAÇO URBANO DE BAIXA
GRANDE/BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Henrique Baumgartner

SALVADOR
2016

**A CIDADE DAS GRADES: A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
E MATERIALIZAÇÃO DO MEDO NO ESPAÇO URBANO DE BAIXA
GRANDE/BA**

Dissertação

**Submetida à banca como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM GEOGRAFIA**

APROVAÇÃO BANCA EXAMINADORA

_____ Prof. Dr. Wendel Henrique Baumgartner- orientador
Universidade Federal da Bahia

_____ Prof. Dr. Antonio Angelo Martins da Fonseca
Universidade Federal da Bahia

_____ Prof. Dr. Antonio Mateus de Carvalho Soares
Universidade Federal do Sul da Bahia

Data da defesa: _____/_____/_____

Nas *pequenas* cidades do pequeno dia-a-dia
O medo nos leva a tudo, sobretudo à fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia

Nas *pequenas* cidades de um país tão violento
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido
O quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido

Um dia super
Uma noite super
Uma vida superficial
Entre as sombras
Entre as sobras
Da nossa escassez

Um dia super
Uma noite super
Uma vida superficial
Entre cobras
Entre escombros
Da nossa solidez

Nas *pequenas* cidades de um país tão irreal
Os muros e as grades
Nos protegem de nosso próprio mal
Levamos uma vida que não nos leva à nada
Levamos muito tempo pra descobrir
Que não é por aí...não é por nada não
Não, não, não pode ser. É claro que não é
Será?

Meninos de rua, delírios de ruína
Violência nua e crua, verdade clandestina
Delírios de ruína, delitos e delícias
A violência travestida, faz seu trottoir
Em armas de brinquedo, medo de brincar
Em anúncios luminosos, lâminas de barbear!

Um dia super
Uma noite super
Uma vida superficial
Entre as sombras
Entre as sobras
Da nossa escassez

Um dia super
Uma noite super
Uma vida superficial
Entre cobras
Entre escombros
Da nossa solidez

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por acreditar que nossa existência pressupõe outra infinitamente superior.

Dedico especial agradecimento aos meus pais, minhas duas mães Ana Maria e Antonieta (*in memoriam*), ao meu pai Adervinal Machado.

Ao meu professor orientador Wendel Henrique, pelo auxílio, disponibilidade de tempo, paciência e principalmente pelos ensinamentos.

Aos membros da banca, os professores Antonio Angelo e Antonio Mateus pelas contribuições e reflexões importantes para a conclusão da dissertação.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa durante os 24 meses.

Aos professores do programa de Pós-graduação em Geografia da UFBA, em especial, Alcides Caldas, Cristóvão Brito e Emanuel Reis pela atenção e preocupação devido ao tema estudado. Aos funcionários, Dirce e o querido Itanajara.

Por fim, aos meus amigos da vida toda, e aos que fiz na Universidade durante os últimos sete anos.

PEREIRA DA SILVA MACHADO, Ramom. A cidade das grades: a espetacularização de violência materialização Do medo no espaço urbano de Baixa Grande/BA.

RESUMO

O presente trabalho surgiu da necessidade de estudar e analisar um fenômeno que vem se alastrando na sociedade brasileira, a violência e o medo nas pequenas cidades. Podemos perceber com maior amplitude através dos noticiários, dos blogs, das redes sociais e da própria vivência como, o tráfico de drogas e outras tipologias do crime vem mudando o comportamento dessas cidades, neste caso em particular, em Baixa Grande no estado da Bahia. A violência afetou o ritmo da convivência entre as pessoas, deixando as ruas vazias; materializou o medo nas paisagens urbanas com o erguimento de casas que mais parecem fortalezas, muros e gradeados extensos; implantou cercas elétricas e sistemas de vigilância; e criou territórios dominados pelo crime, saindo das periferias em direção aos bairros centrais. A situação local extrapolou o mundo real e virou disputa no espaço cibernético, agora o espetáculo violento pode ser acompanhado por todos. A população de Baixa Grande, os gestores e autoridades compactuam com a mesma certeza, a violência agora não é mais manchete de jornais distantes, é a realidade local que precisa ser combatida desde as suas raízes, para que o levantamento de muros e grades não sejam a solução final do problema.

Palavras-chaves: Violência, Medo, Paisagem, Território e Pequena Cidade.

PEREIRA DA SILVA MACHADO, Ramom. **A cidade das grades: a espetacularização de violência materialização Do medo no espaço urbano de Baixa Grande/BA.**

ABSTRACT

This present research project arises from the need of studying and analyze a phenomenon that has been spread in Brazilian society: fear and violence in small cities. It is possible to widely perceive through the news, social networks and blogs, and even through the life itself how drug traffic and other types of crime has been changing the behavior of certain cities, in this case, Baixa Grande, in Bahia State. Violence affected the social living among people, turning the streets into empty ones; materializing the fear through the cityscapes by the construction of houses similar to strongholds, large wall and fences, electric fences and vigilance systems; also created areas ruled by crime, from the suburbs toward to the central neighborhoods. Local situation overtake the real world and took place in the cybernetic world, now the cruel show can be seen by everyone. Baixa Grande's population, its managers and authorities consent with the same thought: violence is no more a distant journal's headline, is the local reality the needs to be fought by its roots, so the constructions of large walls becomes not the solution of the problem.

Keywords: Violence, Fear, Landscape, Territory and Small city

LISTA DE FOTOS

Foto 01	Feira em Baixa Grande	52
Foto 02	Feira em Baixa Grande	52
Foto 03	Praça da feira em Baixa Grande	53
Foto 04	Mercado de farinha em Baixa Grande	53
Foto 05	Fachada de um novo prédio comercial em Baixa Grande	56
Foto 06	Hospital e Maternidade de Baixa Grande	56
Foto 07	Rua do hospital alagada	61
Foto 08	Casas de taipa	63
Foto 09	Ruas sem calçamento	63
Foto 10	Festa Junina em Baixa Grande	64
Foto 11	Micareta em Baixa Grande	64
Foto 12	Boiada na rua Cosme de Farias	68
Foto 13	Bairro Novo Horizonte/Ipirá	72
Foto 14	Bairro Quadra Q	72
Foto 15	Casa em Baixa Grande com sistema de filmagem	74
Foto 16	Casa antiga em Baixa Grande	75
Foto 17	Casa antiga em Baixa Grande	75
Foto 18	Casa nova em Baixa Grande	75
Foto 19	Casa nova em baixa Grande	75
Foto 20	Muro alto e cerca elétrica	76
Foto 21	Casa gradeada	76
Foto 22	Polícia militar fazendo segurança de agência bancária	87
Foto 23	Ônibus escolar incendiado	90
Foto 24	Rua sem calçamento	91
Foto 25	Matagal no bairro do Curral	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Três setores da economia de Baixa Grande	55
Gráfico 02	Pirâmide etária de Baixa Grande	59
Gráfico 03	População ocupada, desocupada e inativa	62
Gráfico 04	Participação dos três setores na economia da Bahia	70
Gráfico 05	Crimes ocorridos na cidade de Baixa Grande	77
Gráfico 06	Mortes violentas relacionadas ao tráfico de drogas	83

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Blogs anunciando a violência em Baixa Grande	43
Imagem 02	Homem encapuzado ameaçando gangue rival	45
Imagem 03	Homens encapuzados ameaçando gangue rival	47
Imagem 04	Áudio gravado durante troca de tiros em Baixa Grande	48
Imagem 05	Roubo a loja de celulares em Baixa Grande	56

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Municípios no Território de Identidade bacia do Jacuípe	16
Mapa 02	Localização do município de Baixa Grande	51
Mapa 03	Baixa Grande no Território de Identidade Bacia do Jacuípe	66
Mapa 04	Espacialização da violência em Baixa Grande	80
Mapa 05	Espacialização da violência em Baixa Grande	82
Mapa 06	Espacialização da violência em Baixa Grande	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Notícias sobre violência	17
Quadro 02	Quadro síntese, conceitos, autores e ideias	29
Quadro 03	Trabalho do laboratório de pesquisa sobre violência	37
Quadro 04	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)	71

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

Agerba – Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transporte e Comunicação da Bahia

CLT – Consolidação das Leis de Trabalho

Contraf – Confederação Nacional de Trabalhadores do Ramo Financeiro

CUT – Central Única dos Trabalhadores

Febraban – Federação do Brasileira de bancos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

ONG – Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento Pronasci -
 Programa Nacional de Segurança com Cidadania

REGIC – Região de Influência das Cidades

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Seplan – Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia

Setceb – Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas da Bahia

SIM – Sistema de Informações sobre Mortalidade

SSP – Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 População Território de Identidade bacia do Jacuípe	67
Tabela 02 Economia e PIB Território de Identidade Bacia do Jacuípe	69
Tabela 03 Tipo e grau de infrações em Baixa Grande	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CIDADES PEQUENAS E VIOLÊNCIA, COMO COMPREENDÊ-LAS?	33
2.1 O que as ciências humanas têm a dizer?.....	35
2.2 As cidades pequenas na rede urbana baiana.....	38
2.3 Espetacularização da violência: um olhar a partir do local.....	40
2.4 Uso das redes sociais e o olhar local.....	43
3 CONTEXTUALIZANDO BAIXA GRANDE	50
3.1 Os indicadores sociais.....	58
3.2 A dinâmica populacional.....	64
3.3 Baixa Grande e sua similaridade urbana e social com às demais cidades do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe	65
4 AS PAISAGENS DO MEDO E A VIOLÊNCIA NA CIDADE DE BAIXA GRANDE	74
4.1 A Espacialização da Violência em Baixa Grande.....	77
4.2 Baixa Grande, a cidade das grades: Um estudo de caso.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICES	114
ANEXO	123

INTRODUÇÃO

O drama da violência com sua lógica aprisionante vem transformando uma sociedade em todos os seus níveis, seja ela moradora de cidades grandes, médias e agora definitivamente, em muitas pequenas cidades. Ao caminharmos, então, por estas cidades, identificamos a paisagem contornada por novos muros, grades, lanças, cacos de vidros, câmeras e cercas elétricas que vão caracterizar um simbolismo de exclusão, alimentando assim uma crise da vida cotidiana e mudando a paisagem urbana.

A preocupação dominante com a violência, tem invadido as cidades que vivem o medo e com medo. As novas formas urbanas contribuem para aumentar o sentimento de pressão, de exclusão e o desespero dos mantidos fora dos autoenclausuramentos. Estas formas simbolizam a extrema polarização econômica e social, cujos exemplos do uso do ferro transforma em gaiolas semelhantes a solários de presídios.

Com o advento da urbanização, ocorrido no Brasil depois da segunda metade do século XX, as grandes e médias cidades brasileiras passaram por uma transformação demográfica significativa. Alguns pequenos municípios que não possuíam atrativos para a população, que deixava o campo em busca de melhores condições de vida na cidade, só passaram a receber o fluxo migratório a partir dos anos de 1990, como mostram os censos de 1996 e 2006.

O aumento populacional das pequenas cidades trouxe algumas questões. O crescimento ocasionou o surgimento de novas moradias com pouquíssimas infraestruturas, além dos antigos perímetros urbanos. Os menos abastados possuíam terrenos para construir, mesmo sem as condições necessárias e apoio do poder público. Induzindo o crescimento em direção as periferias¹ dessas cidades.

¹ Sobre esta perspectiva Roberto Lobato Corrêa (1986), no artigo A Periferia Urbana, diz que a periferia urbana tem sido usualmente considerada como aquela “área da cidade que em termos de localização situa-se nos arredores do espaço urbano. Trata-se de uma faixa periférica que, a cada momento que se considera inclui: a) áreas que se acham urbanizadas e nos limites do espaço urbano contínuo; b) áreas onde a urbanização ainda é incipiente, coexistindo com áreas de agricultura, ora intensiva, ora extensiva, que então marcada por uma forte esterilização. Em realidade, pode-se falar em uma periferia suburbana ou subúrbio simplesmente, e em uma periferia rural-urbana” (CORREA, p.70, 1986).

Com o passar dos anos, os problemas se intensificaram e essas periferias se tornaram cada vez maiores e os problemas aumentaram nas mesmas proporções. A falta de água encanada, da rede de esgoto, da iluminação pública, postos de saúde, creches, calçamento para ruas, áreas de lazer e os primeiros casos de violência, relacionados com o tráfico de drogas, começaram a marcar negativamente esses lugares.

A proposta desta dissertação é entender como a violência avançou sobre as pequenas cidades e, para tal, será analisado o caso de Baixa Grande, uma cidade assim categorizada e que está situada na região centro-norte do estado da Bahia. De posse da base documental, dados estatísticos e notas divulgadas pela imprensa, foi possível observar que algo preocupante vem ocorrendo na última década. Percebemos uma atmosfera de insegurança e, em alguns casos, medo explícito na população local.

A maioria dos relatos estão associados a disseminação e popularização do consumo de entorpecentes entre os mais jovens, o que vem a acender na população um discurso de periculosidade, principalmente, pelo tráfico de drogas. A participação dos jovens nestes casos de violência assustam os moradores em geral, pela frieza demonstrada, mesmo quando são presos pela polícia.

Em alguns casos, a relação entre jovens e polícia aparece bem conturbada. O comportamento observado em Baixa Grande é de rivalidade e exagero de ambas as partes. Som alto em horário não permitido, arruaças, festas regadas a bebidas e entorpecentes expõe o início dessa crise. O uso da força policial é a principal reclamação dos envolvidos. A polícia justifica que é preciso manter a ordem e prender os vândalos e traficantes.

Com o advento da *internet* e a propagação das redes sociais surge um novo espaço que vem sendo usado para a divulgação dos atos de vandalismo, crimes e provocações ao Estado. Circulam corriqueiramente pelos *smartphones* e computadores vários vídeos, áudios e imagens de criminosos comentando seus crimes, ameaçando gangues rivais, zombando das vítimas e deslegitimando o poder da polícia. No decorrer da dissertação imagens e diálogos serão expostos para a análise de como a espetacularização da violência no âmbito virtual vem ajudando a aumentar o medo dos moradores de Baixa Grande.

A nítida psicoesfera² do medo, comum nas médias e grandes cidades, tem ocasionado mudanças nos hábitos e costumes da população de Baixa Grande, além de estar alterando a paisagem urbana da cidade, já que os habitantes têm construído muros, utilizado grades cada vez mais altas, cercas elétricas e arames farpados. Melgaço (2010, p. 24) alerta para as consequências que a sensação de insegurança provoca nas pessoas e no espaço geográfico “a paranoia securitária não é apenas social, mas também espacial, pois se concretiza nos lugares, regiões e territórios, o que justifica um estudo geográfico sobre esse assunto”. Espinheira (2005) contribui com a seguinte análise:

A institucionalização do medo é corolário da aceitação tácita do crime como normalidade social, como uma resposta da sociedade a questões estruturais, a exemplo do desemprego ou do tráfico de drogas, complexo de atividades que gera uma diversidade de situações favoráveis às transgressões e ao crime. Portanto, diante do inevitável ou do insolúvel no plano das políticas próximas, a exemplo da esfera municipal, a resposta é de caráter paliativo, mas ao mesmo tempo eficaz, para controlar a segurança pública em limites toleráveis pelas expressões mais comuns da vida cotidiana, na representação dos hábitos de vida da maioria dos habitantes, no ir e vir a qualquer hora do dia e da noite e na frequência aos lugares públicos (ESPINHEIRA, 2005, p.464).

Historicamente, a sensação de medo na cidade acompanha seus moradores desde o seu surgimento. É uma reação natural quando o ser humano se sente envolvido em alguma situação de risco, seja ele físico ou psicológico. Todavia, o que se percebe, é que houve uma troca de paradigma. Antes sentia-se medo na cidade, na contemporaneidade existe um sentimento de medo da cidade, dos seus espaços e de seus acontecimentos, conforme Tuan (2006). Tavares dos Santos (2009) nos diz que,

(...) a violência configura-se como um dispositivo de controle, aberto e contínuo. A violência seria a relação social, caracterizada pelo uso real ou virtual da força ou da coerção. A violência seria a relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea (TAVARES DOS SANTOS, 2009, P.46).

As confraternizações, as brincadeiras de crianças nas ruas, o bate-papo entre vizinhos e amigos nas calçadas (antes do programa favorito de televisão começar)

² Nos dias de hoje, a existência de uma esfera de ideias ligadas diretamente à sensação de insegurança permite que seja proposta a expressão *psicoesfera do medo*. O medo passa a fazer parte do imaginário coletivo e isso altera o cotidiano das pessoas e a maneira como usam o território. Se o medo sempre existiu, é certo que no período atual da globalização ele tem tomado proporções inéditas, sendo disseminado e reproduzido (MELGAÇO, 2010, p. 105-106).

são cada dia mais raros na vida das pessoas, em grande parte das pequenas cidades. Em Baixa Grande não é diferente. A falta de confiança no Estado e nas suas ações de combate e prevenção da violência, que não é capaz de inibir o sentimento do medo. Essas ações, muitas vezes, em lados opostos e aumentando a dicotomia, os inclusos e excluídos no sistema capitalista.

Bauman (2008) tenta descrever alguns aspectos do medo no que ele chamou de modernidade líquida. O autor apresenta três formas em que o medo mais atormenta as pessoas em uma sociedade líquida: a) pelo medo de não conseguir garantir o futuro; b) pelo medo de não conseguir se fixar na estrutura social, o medo de perder a posição que ocupa, de cair para posições vulneráveis; e c) o medo em torno da integridade física. Bauman reitera que nos tempos atuais, até mesmo o medo é distribuído desigualmente, o que independe de sua causa específica. Segundo ele, “seja dirigida aos desastres de origem natural ou artificial, o resultado da guerra moderna aos medos humanos parecer ser sua redistribuição social e não sua redução em volume” (BAUMAN, 2008, p. 107).

Para Frattari (2008), assim cada muro construído, cada barreira imposta, cada chave extra, como resposta aos rumores da iminência dos perigos, faz o mundo parecer cada vez mais aterrorizante, instigando novas medidas defensivas e, conseqüentemente mais medo, o que se torna um ciclo vicioso. O medo adquire então, a capacidade de autopropulsão. Bauman (2008) diz que “tendo assolado o mundo dos humanos, o medo se torna capaz de se impulsionar e se intensificar por si mesmo” (BAUMAN, 2008, p.172).

Com relação a cidade, Bauman (2008) a classifica como um lugar de encontro, do novo, e da efervescência, como um espaço mixofílico (que promove a mistura, que faz da mistura um gosto aceitável e aprovável) e ao mesmo tempo mixofóbico (a repulsa pelo estranho). Assim como Bauman (2008), Tuan (1980, 2006) utiliza os neologismos topofilia, para o estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tuan (1980, p. 107) sintetiza a topofilia como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Tuan observa também que falta à sociedade moderna o contato direto de envolvimento suave e inconsciente com a natureza para a criação do sentimento topofílico. A topofobia, ainda pouco explorada pelos estudos geográficos, é a aversão ao lugar, traduzido também nas paisagens do medo, que são objetos de repulsão. Tuan (2006) explica que topofilia é o amor pelo lugar, da mesma maneira que topofobia é o medo do lugar.

Observando as novas e velhas edificações residenciais, notamos mudanças significativas na paisagem urbana. As casas com jardins, muros e grades baixas começam a fazer parte de um passado longínquo e saudosista. O presente e o futuro remetem a construção de moradias que mais se assemelham com fortalezas. Como bem aponta Zaluar (2004):

Graças a uma peculiar configuração cultural, institucional e econômica, o medo realista do crime, cujas taxas vêm aumentando sistematicamente nas últimas décadas, transformou-se em pavor ou terror irracionais e propiciou a volta da dicotomia nítida e absoluta entre o bem e mal (ZALUAR, 2004, p. 43).

Isto promove a abertura de novas possibilidades de negócios nas cidades como Baixa Grande. As cinco lojas de materiais de construção, as madeireiras e as serralherias reformularam seus estoques para a venda de produtos referentes a segurança. Sistemas internos de TV e câmeras são muito procurados na cidade, como relatam os proprietários das empresas. O serviço de segurança particular também é utilizado, mas de forma clandestina. Moradores e comerciantes contratam pessoas para vigiarem suas casas, suas ruas e seus empreendimentos. Muitas vezes sem preparo para agir em situação de risco, colocando a vidas dos envolvidos em perigo.

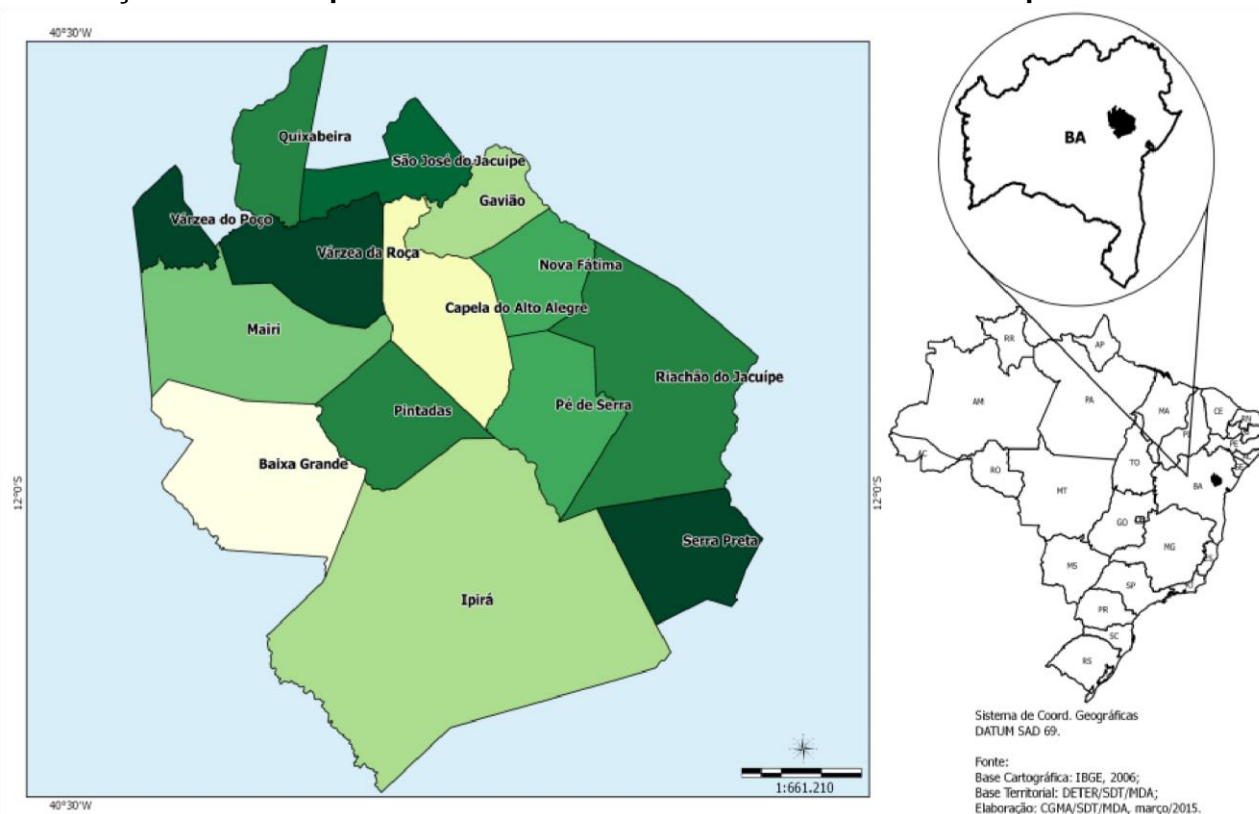
Uma das adversidades é que os estados, principais responsáveis pela segurança pública, de acordo com a Constituição Federal (1988), não estão devidamente aparelhados para combater essa nova onda de crimes nessas cidades. Falta-lhes o suporte e o apoio operacional do governo federal. O Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci), principal ação do Executivo em segmento tão importante, está voltado a atender apenas grandes centros urbanos e municípios com população superior a 200 mil habitantes.

Em cidades próximas a Baixa Grande como Ipirá, Mairi e Riachão do Jacuípe, todas pertencentes ao Território de Identidade da Bacia do Jacuípe³ (Mapa 01), o problema da violência parece ser o mesmo, crimes como homicídios, roubos a bancos, a residências e as pessoas estão se tornando cada vez mais comuns. Os níveis de violência vêm se tornando cada vez mais extremos e perversos. O tripé, violência, pobreza e impunidade está disseminando pelo território brasileiro, de norte a sul. Os desvios de dinheiro público através da corrupção também contribuem para o agravamento do quadro social.

³ Os Territórios de Identidade são conceituados no Decreto 12.354, de 25 de agosto de 2010, no § 1º, como o agrupamento identitário municipal formado de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, reconhecido pela sua população como o espaço historicamente construído ao qual pertence, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial.

A interiorização da violência alerta para uma diferente configuração espacial, os criminosos que outrora agiam basicamente nas metrópoles e cidades médias, expandiram suas áreas de atuação, principalmente com o aporte do tráfico de drogas. O aliciamento dos jovens nessas pequenas cidades é um dos principais motivos para o desencadeamento de todas as relações que envolvem a violência.

Mapa 01 Localização dos municípios do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe



FONTE: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015.

Para comprovar o aumento da violência nas cidades supracitadas, basta fazer uma rápida pesquisa na rede mundial de computadores para nos depararmos com imagens e situações que para muitos moradores seria difícil de imaginar no passado recente. É verdade que nunca houve um paraíso. Se voltássemos na história do Brasil, desde a sua formação, veremos como o uso da força e da violência sempre estiveram presentes, porém, nos últimos anos os casos de impetuosidade acontecem cada vez mais. O quadro 01 apresenta o resultado aleatório de uma pesquisa na internet sobre notícias de crimes em algumas cidades do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe.

Quadro 01**Notícias de cidades do Território de Identidade da Baía do Jacuípe.**

DATA	CIDADE	MANCHETE	LINK
05.04.2015	Ipirá	Homem é executado a tiros dentro de um bar em Ipirá	http://varelanoticias.com.br/homem-e-executado-a-tirosdentro-de-um-bar-em-ipira-ba/
01.01.2016		Polícia registra assassinato	http://www.gobyrios.com/news/ipira-policia-registraassassinato/
05.09.2015	Serra Preta	Encontrados dois corpos em Serra Preta	http://marioangelobarreto.blogspot.com.br/2015/09/violencia-encontrado-dois-corpos-em.html
26.11.2015		Empréstimo de arma teria motivado chacina	http://www.valtervieira.com.br/noticia/violencia/48346/serrapreta-emprestimo-de-arma-teria-motivado-chacina
15.02.2015	Pintadas	Bandidos explodem agência bancária durante assalto	http://m.ibahia.com/single-mobile/noticia/bandidosexplodemagenciabancaria-durante-assalto-demairi/?cHash=95cb2dc49fd432f5acf3698cb9539600
30.01.2016		Violência assusta Pintadas com a criminalidade; mais dois mortos a tiros	http://retironoticias.com.br/violencia-assusta-pintadas-coma-criminalidade-mais-dois-mortos-a-tiros/

FONTE: Elaborado por Ramon Machado (2016) a partir da sistematização das informações encontradas nos links mencionados e acessadas em 10 mai. 2016.

A banalização da vida humana, os baixos índices de educação, a falta de políticas públicas e territoriais, a falta de capacidade do Estado em lidar com o crime organizado e o avanço do tráfico de drogas resultaram no aumento de 223,6% na taxa de homicídios por 100 mil habitantes na Bahia nos últimos dez anos, segundo o Mapa da Violência (2013).

As perdas geradas pela violência não destroem apenas as famílias das vítimas, mas atingem os cofres públicos em centenas de bilhões de reais todos os anos⁴. Durante o período de 1980 a 2000, o Brasil registrou 598.367 homicídios, segundo a Síntese de Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2004. Recentemente, o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, divulgou que apenas no ano de 2012 aconteceram 56.337

⁴ No último levantamento divulgado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), em 2012, os valores adicionais gastos com a saúde das vítimas, segurança privada e seguros ultrapassaram a marca de R\$ 207 bilhões, o equivalente a 5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e o dobro do valor repassado pelo governo federal ao Sistema Único de Saúde (SUS). Considerando

assassinatos, colocando o Brasil em 7º lugar entre os países mais violentos do mundo, a frente de nações que enfrentam guerras civis como Iraque, Afeganistão, Israel e Estado da Palestina.

Porém, outros tipos de violência e criminalidade também são praticados em todo o mundo, pois o problema é global, mas na América Latina, e, em especial, no Brasil, ocorrem em diferentes formas e magnitudes. Ao acessarmos *sites* de notícias, jornais impressos ou na televisão, observamos o grande destaque que a mídia tem dado para problemas como o tráfico de drogas, roubos a pessoas ou instituições públicas e privadas, bancos, centros comerciais, além de furtos, estupros, violência doméstica e homofóbica, produzindo assim, uma espécie de show da realidade, a espetacularização da violência.

Nesse sentido, buscar a definição para o termo violência não é uma das tarefas mais fáceis, pois o conceito é diverso, complexo e polissêmico para as Ciências Sociais, Economia, Geografia e Psicologia. Para Krug et al. (2002, p. 05), a violência pode ser definida assim:

Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al, 2002, p. 05).

A violência é comum no cotidiano dos cidadãos das médias e grandes cidades, há muito tempo no Brasil ou em quaisquer outros lugares do mundo. Apesar da sensação de insegurança e medo, a população parece ter se acostumado e tenta se proteger investindo em segurança pessoal, condomínios, carros blindados e fingem ter uma vida normal, porém, os mais pobres, moradores dos cortiços e das periferias ficam a margem desta indústria da segurança e a mercê de um Estado falho.

A fragmentação do espaço urbano, em diversos territórios com peculiaridades distintas e socialmente desiguais, vem contribuindo para o aumento da violência nas cidades. Os homicídios por exemplo tem custos de R\$ 100 bilhões para a economia país. Afinal, segundo o IPEA, a maior parte das vítimas assassinadas é jovem, o que faz elevar ainda mais este valor.

Pequenas cidades, que antes tidas como pacíficas, atraíram moradores de cidades maiores na busca por segurança e um ritmo mais tranquilo de vida. Gomes (2005) afirma que ao “pensar o espaço urbano nos dias atuais gera imediata reflexão sobre a criminalidade. A cidade, que na origem da humanidade teve a finalidade de

proteger, agora se transformou em um lugar inseguro, perigoso, repartido e fragmentado” (GOMES, 2005, p.02).

As pequenas cidades brasileiras e baianas, em especial, estão perdendo os seus dias de paz. O fenômeno da violência que até então era restrito a centros maiores jogou por terra o mito do sossego, da segurança, do pacato que sempre foi a marca dessas cidades.

Objetivo Geral e específicos

O objetivo principal do estudo é analisar a materialização do avanço da violência e sua espetacularização, e de qual maneira tem alterado a paisagem urbana das pequenas cidades, em particular da cidade de Baixa Grande, no estado da Bahia. Para isso, também temos como objetivos específicos avaliar a fragmentação de seu espaço urbano e suas diversidades, a fim de observar se a desigualdade espacial pode ocasionar reflexos no comportamento dos jovens na cidade; construir uma espacialização da violência, por tipo, origem e mobilidade; averiguar as políticas públicas de combate à violência, sobretudo contra o tráfico de drogas, na cidade de Baixa Grande.

Justificativa

A elaboração deste trabalho se justifica pela importância do tema para a sociedade na atualidade. Quando falamos de Brasil, o universo das pequenas cidades é imenso, pois, aproximadamente 80% das cidades brasileiras possuem menos de 20 mil habitantes, segundo o IBGE (2010). Corrêa (2006, p.258) afirma inclusive, que “as pequenas cidades, numerosas que são, geram, via da regra, expressiva densidade de centros que se situam a uma pequena distância média entre si, ainda que esta possa variar de acordo com a densidade da região em que se localiza”. Olanda (2008, p. 186-187), acrescenta que trabalhar com pequenas cidades representa muitos desafios para a Geografia:

As pequenas cidades constituem-se em grandes desafios para a pesquisa em geografia no Brasil, por diversos motivos, um deles é a ausência, ainda, de uma produção acadêmica mais significativa sobre essa temática, mas há de

ser levado em consideração que a urbanização brasileira é também algo recente (OLANDA, 2008, p.186-187).

Como discutido anteriormente, a violência é uma adversidade global que vem se disseminando por todos os territórios, principalmente em países emergentes como o nosso. Utilizar a Geografia para estudar um problema que afeta multidões não é apenas cartografar áreas dominadas pela violência, mas sim entender como o fenômeno vem transformando a vida e as relações pessoais nessas cidades. Souza (2005) diz que o aumento da violência na contemporaneidade justifica a importância em pesquisar o tema, considerando o tráfico de drogas como um dos fatores primordiais na análise:

As dinâmicas econômicas e sociopolíticas de inúmeras cidades brasileiras vêm sendo influenciada crescentemente pela presença do tráfico de drogas. Este não é, por conseguinte, uma realidade meramente 'marginal' e, portanto, não pode ser encarado como um tema 'exótico'. Trata-se de algo mais 'normal' e relevante, cujos efeitos se fazem sentir quotidianamente e nos vários setores da vida social" (SOUZA, 2005, p. 53).

Considerando os questionamentos e proposições postas por Souza (2005), Côrrea (2006), Olanda (2008) e Endlich e Fernandes (2014) e, motivados a tentar entender o fenômeno preponderante para essa mudança na vida social de uma pequena cidade, tentamos responder nessa dissertação as seguintes questões de pesquisa:

1. O gradativo aumento da violência na cidade de Baixa Grande tem relação com o tráfico de drogas?
2. Quais os efeitos da evolução da violência na cidade de Baixa Grande?
3. Como o medo e a espetacularização da violência se expressam em Baixa Grande?

A escolha da cidade de Baixa Grande como estudo de caso se justifica pelos seguintes motivos:

1. Ser natural de lá e ter presenciado esse aumento da violência, tanto pela nossa vivência como pelas informações cotidianas de amigos e familiares. Informações que são, em alguma medida, corroboradas pelas estatísticas oficiais (delegacia) e que merecem um estudo diante da escassez de pesquisas nessa temática, especialmente, em Baixa Grande;
2. O fato da sede municipal de Baixa Grande se encaixar nos critérios qualitativos e quantitativos de classificação de uma cidade pequena.

Alguns autores da ciência geográfica levantam outras questões para as análises da violência em pequenas cidades. Entre estes, temos a professora Ângela Maria

Endlich. Endlich e Fernandes (2014, p.13) propõem as seguintes observações a serem discutidas:

As pequenas localidades, pouco policiadas e despreparadas quanto à segurança facilitam a ação de quadrilhas? Contribuem para esse fato a falta de serviços e equipamentos de segurança? Provém do aumento geral da violência, em grande parte decorrente do uso de entorpecentes, que tem ocorrido na sociedade, atingindo de forma intensa espaços antes não abarcados? (ENDLICH; FERNANDES, 2014, p.13).

As perguntas propostas pelos autores se mostram bastante pertinentes e ajudam a pensar sobre a problemática da violência, e como o medo dessa violência tem acarretado grandes preocupações em torno da falta de segurança que afeta as pequenas cidades.

Referencial teórico

Há constante mudança na paisagem urbana em decorrência principalmente do surto da violência. Ao longo dos anos vem aflorando nas cidades, diversas sensações, entre elas, o medo. Para Yu-Fu Tuan (2006) seria impossível estudar as paisagens do medo sem o campo da história, pois a temporalidade é necessária para a sua investigação. Para o autor, as paisagens do medo não são permanentes: “Por isso é necessário abordar as paisagens do medo tanto da perspectiva do indivíduo quanto do grupo, e colocá-las, ainda que sob a forma de tentativa, em marco histórico” (TUAN, 2006, p. 14-15). No caso da pequena Baixa Grande, analisar a história recente da cidade pode ser uma das tentativas para saber como e quando os índices de criminalidade passaram a obrigar a população a se proteger e enclausurar-se atrás dos muros.

Se a paisagem fosse um somatório da apreciação estética da natureza com as marcas que a cultura impõe, entrecruzado de modos a criar uma parcela visível da realidade, como poderia gerar o medo? Quem teria medo? O medo é subjetivo, é fruto na antecipação da mente, da imaginação. Seja o medo de um predador que possa nos machucar ou de um fantasma, que nos mesmo criamos, ele só existe a medida que criamos o eminente perigo. Para Claval (2002) as paisagens são “significados a partir de um conjunto material e imaterial que proporcione sensibilidade ao homem... reforçando a história coletiva do sujeito e sua identificação com seu lugar e, logo com o território, a partir de suas sensações e racionalidades” (CLAVAL, 2002, p.28).

O que são as paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresente, as tentativas humanas para controlá-las também são onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente da paisagem do medo, porque existe para controlar o medo (TUAN, 2006, p.12).

Tuan trabalha com a paisagem dentro de uma geografia humanista. A paisagem não existe por si, mas é parte do ambiente; é passado e presente, carregando as perspectivas do futuro; é organização espacial e beleza. Mas, ela não é nada disso isoladamente. Só se torna paisagem à medida que a percepção e a imaginação concatenam os sentidos e as características do visível e do não visível (PÁDUA, 2013). Paisagem não tem escala, é o lar, a casa, a cidade, e a região podem ser paisagens (TUAN, 2006).

Compreender as paisagens do medo nas pequenas cidades através da observação e analisar as interações entre o ser humano e a ambiente urbano, despertando assim, a percepção e a consciência de que a paisagem no espaço urbano, é reflexo das emoções dos indivíduos que nela habitam. Para tal, é imprescindível a compreensão da paisagem e o entendimento das pequenas cidades para a geografia.

Os primeiros estudos de Geografia sobre as pequenas cidades não são tão recentes. Em 1957, Aroldo de Azevedo publicou o artigo “Vilas e Cidades do Brasil Colonial”. Na década de 1970, Armando Corrêa da Silva (1978) dedicou um capítulo, intitulado “Uma técnica de pesquisa no estudo de pequenas cidades”, do livro “O espaço fora do lugar”. Milton Santos (1979), no livro “Espaço e Sociedade”, propalou um espaço para as pequenas cidades no capítulo “As cidades locais no Terceiro Mundo”.

Durante as décadas seguintes essa temática foi bastante negligenciada, apesar das pequenas cidades serem uma realidade muito relevante no universo urbano brasileiro. Porém, mais recentemente, a temática se reafirma e temos alguns autores importantes que investigam esse tema, entre eles: Corrêa (1999), Endlich (1998; 2006), Wanderley (2001), Maia (2000b), Lopes (2005, 2010), Henrique (2009; 2011).

No caso da Bahia, Lopes (2010) no seu texto “Cidades pequenas do semiárido: dinâmicas sociodemográficas e marginalização” traz para a discussão algumas características dessas cidades como o isolamento, a pobreza e a carência, mas que são situações criadoras do que a autora denomina de urbano possível para essas localidades. A autora continua:

Esse isolamento, que não é apenas físico, é produto de uma marginalização relativa aos processos de desenvolvimento socioeconômico — que passam ao largo, pois elas não têm importância na dinâmica econômica, dado que seus poucos habitantes são majoritariamente de baixa renda e instrução —, em que pesem suas características históricas, econômicas, sociais, ambientais e outras que as tornam únicas (LOPES, 2010, p. 80).

Isso mostra o quanto as pequenas cidades são esquecidas pelos poderes estadual e federal. A falta de políticas públicas e investimentos nas questões mais básicas deixam essas populações a mercê não só da pobreza, mas de tudo o que ela (re)produz.

Endlich (2006) externa o quanto é complexo conceituar uma pequena cidade, pois, as mesmas estão no limite entre o que é cidade e a “não cidade”. A autora aponta que:

O conceito de pequenas cidades é daqueles de difícil elaboração. As localidades assim denominadas oferecem elementos para se discutir não só o conceito de pequenas cidades como o próprio conceito de cidade, pois nelas são avaliadas os qualificativos que devem compor o limiar entre a cidade e a não cidade. As pequenas cidades são localidades em que tais requisitos se apresentam ainda que com patamares mínimos (ENDLICH, 2006, p. 85).

Ademais, de imediato, quando pensamos em tamanho e importância de cidades, o contingente populacional é o primeiro critério que assumimos como pressuposto. Muitos países se utilizaram desta modalidade para definir o que é uma cidade. No Brasil, são consideradas cidades todas as sedes dos municípios, pois se leva em consideração a questão político-administrativa. Alguns órgãos públicos brasileiros utilizam a população para caracterizar a cidade como pequena, média ou grande.

O IBGE, por exemplo, classifica como cidade pequena toda sede municipal com até 50 mil habitantes. Essa delimitação pode ser arriscada e perigosa, sobretudo, porque o Brasil é um país de dimensões continentais e com dinâmicas regionais diferentes. Santos (1979, p. 69) admite que “aceitar um número mínimo, como o fizeram diversos países e também as Nações Unidas, para caracterizar diversos tipos de cidades no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização perigosa”. Adicionalmente, tal como se depreende da leitura de Carlos (2003), podemos acrescentar que classificar uma cidade pelo tamanho populacional envolve o risco de simplificação da realidade, pois a sistematização ao evitar o diferente ignora as contradições profundas sob as quais se deve analisar as atuais relações cidade/campo no Brasil.

A relação dialética campo/cidade aparece na discussão como um dos critérios mais utilizados na atualidade para definir uma pequena cidade. Maia (2000b) ressalta a forte vinculação destes núcleos com as atividades agropecuárias, revelando um significativo número de sedes de municípios que têm como um dos principais papéis a administração de economia rural. Santos (1993) descreve essa concepção sobre a relação campo/cidade da seguinte forma:

Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram, o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar a cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (o que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados (SANTOS, 1993, p. 51).

Devido a um comércio incipiente e uma gama de serviços pouco diversificados, que basicamente só atende a população local, o estudo de pequenas cidades se tornou ainda mais complexo. Compreender como a economia regional dinamiza a organização espacial destes núcleos urbanos é mais um desafio para os geógrafos, sobretudo, porque o espaço urbano é (re)produzido tanto pelas relações intraurbanas, quanto pelas funções interurbanas. Em outros termos, quais as relações que as pequenas cidades mantêm com as demais

Mais complexo que entender as dinâmicas das pequenas cidades é compreender como a violência urbana alterou a rotina destes núcleos urbanos. Para tal, precisaremos partir de uma questão: o que é violência? Seja nas Ciências Sociais ou na Psicologia, a polissemia do termo gera angústias e conflitos. Segundo Araújo et al. (2008, p.15), “para circundarmos este conceito adequadamente precisamos levar em consideração pelo menos três fatores: 1) o momento histórico; 2) a cultura; 3) a relação e o contexto no qual tal comportamento se deu”. Os fatores escolhidos pelos autores estão relacionados com o modo de produção capitalista e seus desdobramentos sobre a vida dos indivíduos como forma de justificar a violência e o crime na sociedade desigual. Arendt (1994, p. 36) nos diz que “a forma extrema de poder é Todos contra um; a forma extrema de violência é o Um contra todos”. A autora continua,

[...] a violência pode ser justificável, mas nunca será legítima. Sua justificação perde em plausibilidade quanto mais o fim almejado distancia-se no futuro. Ninguém questiona o uso da violência em defesa própria porque o perigo é não apenas claro, mas também presente, e o fim que justifica os meios é imediato (ARENDDT, 1994, p. 41).

Outros autores comungam da ideia que a violência e a criminalidade fazem parte do instinto humano, pois mesmo em sociedades menos desiguais os índices de violência são significativos. Durkheim (1999) afirma, na obra “As regras do método sociológico”, que a criminalidade é um fato próprio da existência humana. A violência costuma ser relacionada com a omissão do Estado, a pobreza, a exclusão social e, até mesmo, com o processo de urbanização segregador na formação das periferias e dos enclaves. É em cenários como esses que a violência se territorializa e vitimiza cada vez mais pessoas. Sejam aquelas que entram para as estatísticas dos índices de homicídios, roubos e furtos ou as famílias destruídas, com seus filhos envolvidos (e deslumbrados) com o dinheiro do tráfico de drogas.

Existe correlação entre o tráfico de drogas e o conceito de território, principalmente, pelo fato do tráfico de drogas constituir-se no espaço e nesse exercer poder. Ao longo da história do pensamento geográfico, o território se tornou uma de suas categorias conceituais pelo fato de agregar ao espaço um valor ligado às relações sociais. O território dá ao espaço os valores de uso, troca, de produção e reprodução contínua (SOARES, 2012).

Compreender o conceito de território é fundamental para os estudos da violência urbana. Afinal, é nele que os problemas sociais se tornam mais visíveis e presentes. Portanto, segundo Saquet (2007):

O território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; idéia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; descontinuidades; conexões e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. Isso significa a existência de interações no e do processo de territorialização, que envolvem e são envolvidas por processos sociais semelhantes e diferentes, nos mesmos ou em distintos momentos e lugares, centradas na conjunção, paradoxal, de descontinuidades, de desigualdades, diferenças e traços comuns (SAQUET, 2007, p.24).

Ao se apropriar do território, o tráfico de drogas promove instabilidade no espaço urbano e desafia o poder público. Ao dominá-lo, o tráfico aplica regras, controla o fluxo de entrada e saída de pessoas e mercadorias, decreta toque de recolher e se consolida como uma nova ordem simbólica no território dominado. Portanto, poder e território são indissociáveis e Souza (2006) entende o território como “espaço das relações de poder”. Claval (1999) caracteriza três eixos na análise do território, um deles é o “poder” relacionado ao Estado-Nação. Já Raffestin (1993) diz que:

1. O poder não se adquire; é exercido a partir de inumeráveis pontos. 2. As relações de poder não estão em oposição de exterioridade no que diz respeito a outros tipos de relações (econômicas, sociais, etc.), mas são imanentes a elas. 3. O poder vem de baixo; não há uma oposição binária e global entre dominador e dominados. 4. As relações de poder são, concomitantemente,

intencionais e não subjetivas. 5. Onde há poder há resistência e no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder (RAFFESTIN, 1993, p.53).

A disputa pelo poder e, conseqüentemente, pelo território fez com que o tráfico de drogas se organizasse e se consolidasse pelo território brasileiro, correspondendo a um processo de realização de cenários tendenciais extremamente preocupantes, apontando para o agravamento e simultaneamente para a complexificação da questão urbana (SOUZA, 1995). Para Foucault (2004) todas as pessoas estão envolvidas por relações de poder e não podem ser consideradas independente delas ou alheias a elas:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não os possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2004, p. 193)

A rede do tráfico de drogas se aproveita do processo de expansão urbana, do crescimento acelerado em direção as periferias das cidades, da concentração de pobreza, o que vai facilitar sua incorporação pelas redes criminosas na configuração do território da violência e que hoje é cenário dos mais diversos conflitos sociais, envolvendo o Estado e a sociedade. A esse respeito, Ferreira e Penna (2005) são bem claras ao afirmarem que:

Tradicionalmente, a violência costuma ser relacionada à pobreza, à exclusão social, à omissão do Estado, ausência de serviços públicos urbanos e ao próprio processo de urbanização que cria os enclaves de pobreza e as periferias. A complexidade e o crescimento da violência nas cidades têm levado a considerá-la como o resultado da junção de todos esses aspectos, facetas do processo social. É no território que esses diferentes aspectos do processo social se articulam, se interpenetram, se completam e se contradizem. Admite-se então que a violência também se territorialize (FERREIRA; PENNA, 2005, p.157).

Em sua territorialização, o tráfico de drogas se utiliza da sensação do medo e do forte armamento e se torna um “Estado de Exceção” em relação ao Estado Nacional, como é visível, primeiro nas favelas do Rio de Janeiro e, depois, em outras cidades. Esses grupos criminosos ou facções, às vezes, dominam mais de um território na cidade ou enfrentam facções rivais que disputam o poder no mesmo território. O tráfico ao se organizar em grupos (locais, nacionais ou globais) conseguem manter-se

no poder e se perpetuar até que sejam desmantelados pelo Estado, ou não. Arendt (1994) traz uma definição muito interessante de como a organização pessoal em grupos é importante para constituir o poder na sociedade, assim como faz o crime organizado:

O poder corresponde a habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto, em grupo. Poder seria, portanto, capacidade de articulação. Dessa forma, ele nunca é propriedade de um indivíduo, mas de um grupo, e só permanece em existência na medida que este grupo se conserva unido. Já a violência distingue-se por seu caráter instrumental (ARENDR, 1994, p. 36-37).

Pelo que é sabido, as organizações criminosas são formadas por grupos espalhados por todo o mundo, podendo um chefe do tráfico residir em Miami e comandar toda a rede de distribuição de entorpecentes em pequenas cidades do interior do nordeste brasileiro. Além do poder, o tráfico de drogas constitui uma rede própria de informações, transportes e comunicações ligadas ao comando ou aos grupos subordinados a esse comando.

O tráfico de drogas, um dos principais responsáveis pelo aumento da violência em todo âmbito nacional e nas pequenas cidades, se utiliza de uma organização espacial em rede, com conexões transnacionais, e provavelmente instituições financeiras globais envolvidas. Por exemplo, as longas fronteiras sempre representaram um problema de defesa para o Brasil e, a falta de fiscalização, por parte do governo brasileiro, facilita a entrada de entorpecentes no país.

Assim, para entendermos como o tráfico de drogas gira pelos territórios é necessário o entendimento das redes e de como elas funcionam, pois, o narcotráfico superou os limites físicos, derrubou barreiras (presídios) e invadiu os países e pequenas cidades. Dias (2007) ressalta a importância e funcionalidade dessas redes na contemporaneidade:

Isso explica em parte o fato de a representação do mundo social integrar crescentemente a noção de rede, numa perspectiva que procura chamar a atenção sobre as relações e as complexidades das interações entre os nós. Com as multiplicações das técnicas reticulares, a rede tornou-se uma forma de representar a realidade contemporânea (DIAS, 2007, p. 12).

Machado (1998) chama atenção para autorregulação das redes na escolha de lugares, independente de uma hierarquia urbana, e da capacidade de articulação nas diferentes escalas espaciais (locais, regionais, nacionais e internacionais). Pois, para analisar o deslocamento do tráfico de drogas pelo território brasileiro, é preciso entender como as redes estão conectadas. As matérias-primas de muitas drogas vendidas em pequenas cidades percorrem um longo caminho até elas. Sposito, M

(2011) alerta, ainda, para o perigo de analisar o local pelo local, especialmente quando o problema envolvido parece ser de âmbito global, “em vez de explicar o local pelo local ou circunscrito às escalas de pequena abrangência espacial, o que haveria de novo seria a constatação de que é preciso olhar o regional, o nacional ou global para se entender o local” (SPOSITO, M. 2011, p.130). Estas escalas, que não representem apenas a métrica do espaço cartografado, mas devem representar, na verdade, as relações sociais concebidas no espaço, como coadunam Racine, Rafesttin e Ruffi (1983) e Castro (2006). Lacoste (2001) ainda é mais veemente em seu discurso quando afirma que “o problema das escalas é, portanto, primordial para o raciocínio geográfico” (LACOSTE, 2001, p. 82).

Em resumo, o quadro 02, abaixo, mostra de forma sintetizada os principais conceitos, categorias e autores utilizados neste trabalho.

QUADRO 02

Quadro síntese, conceitos, autores e ideias.

PEQUENAS CIDADES	CORREA, Roberto Lobato (1999)	As pequenas cidades e a rede urbana brasileira
	ENDLICH, Angela Maria (1998, 2006)	As pequenas cidades no norte do Paraná
	HENRIQUE, Wendel (2009, 2011)	As pequenas cidades na Bahia
	LOPES, Diva Maria Ferlin (2005, 2010)	As pequenas cidades no semiárido baiano
	MAIA, Doralice Sátiro (2000)	As pequenas cidades no nordeste brasileiro
	SANTOS, Milton (1979)	As cidades locais no Terceiro Mundo
PAISAGEM	TUAN, Yi-Fu (2006)	Paisagem e paisagens do medo
TERRITÓRIO	FERREIRA, Ignez Costa Barbosa (2005)	Organização territorial e violência
	PENNA, Nelba Azevedo (2005)	Território e violência
	SOUZA, Marcelo Lopes (2006)	Território, violência e o tráfico de drogas
	SAQUET, Marcos Aurélio (2007)	Território, abordagens e concepções
VIOLÊNCIA E PODER	ARENDT, HANNAH (1994)	A relação poder e violência na construção do pensamento político
	FOUCAULT, Michel (2004)	Microfísica do poder
	RAFFESTIN, Claude (1983)	As relações de poder no território

Elaboração: Ramom Machado, 2016.

Método e procedimentos metodológico

Realizamos em um primeiro momento uma análise através do método dialético, pois, para entendermos os problemas geradores da violência urbana nas pequenas cidades, na contemporaneidade, e as ações desencadeadas nesses territórios dominados pelo tráfico de drogas é preciso apreender a sociedade como reflexo e produto de suas contradições e transformações. Porém, utilizamos outros autores vinculados a diferentes métodos.

Para Souza (2005) a economia capitalista é o principal responsável pela inserção das pessoas no crime, “[...] aplicada a luz da realidade social de um país marcado por uma proverbial desigualdade de oportunidades, [...] e não por qualquer ‘desvio moral’ ou inclinação patológica do crime” (SOUZA, 2005, p. 67). Partindo do pressuposto que o capitalismo gera desigualdades socioespaciais entre os indivíduos, a utilização da dialética para estudos com essa temática mostra-se bastante pertinente. Melgaço (2005) atribui algumas vantagens no uso do referido método:

Uma das maiores vantagens em se adotar o método dialético nos estudos de Geografia está justamente em considerar a realidade em sua complexidade: não uma realidade fragmentada, mas uma realidade dialética, dinâmica, mutante. Boa parte dos geógrafos que tentaram estabelecer esse diálogo entre Geografia e Violência acabou esbarrando nas limitações do método analítico. Por esse motivo, uma teoria que entenda o espaço geográfico enquanto um todo em movimento, um híbrido de objetos e ações se faz necessária (MELGAÇO, 2005, p. 98).

Essa proposição faz com que a ciência geográfica possa elaborar análises sobre os processos da violência urbana que ultrapassam o simples fazer constatações.

A escolha inicial pela dialética se justifica pela conjectura, pois “abandonamos um tipo de explicação linear por um tipo de explicação em movimento, circular, onde vamos das partes para o todo, do todo as partes, para tentar compreender um fenômeno” (MORIN, 2010, p. 182). Portanto, entender as mudanças impostas pelo capitalismo na sociedade é o primeiro passo, pois o método dialético está pautado na argumentação e no confronto. É por meio da dialética que “os pesquisadores confrontam suas opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições, e contradições; e tentam [...] elevar-se a um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo.” (LEFEBVRE, 1983, p. 171).

Henri Lefebvre, nas obras “O Direito à Cidade” (1969) e “A Revolução Urbana” (1999), traz análises sobre a dialética espacial urbana. O autor oferece subsídios

teóricos que contribuem para situarmos a violência, como parte integrante dos reais problemas urbanos.

A realidade deve ser analisada através de sua organização social, por meio da produção e reprodução da vida ou, simplesmente, pela história. Sposito, E (2004) afirma que, “Marx diz que o segredo da dialética científica depende da compreensão das categorias econômicas como a expressão teórica de relações históricas de produção, correspondentes a determinada fase do desenvolvimento da produção material” (SPOSITO, E. 2004, p. 43-44).

Com relação a metodologia, em um primeiro momento, elaboramos uma pesquisa bibliográfica, pois levantamentos e revisões ajudam na construção dos referenciais da proposta de estudo. Os livros científicos são as principais fontes de consulta deste tipo de pesquisa, mas outras fontes foram utilizadas. Nesta dissertação, principalmente por se tratar de uma pequena cidade e de pouca análise no âmbito acadêmico, julgamos importante a utilização de jornais, *sítes* e *blogs* locais.

Para a operacionalização da pesquisa e responder as questões propostas foram: a coleta de informações de modo direto (primário) e indireto (secundário). Para tal, foram aplicados cerca de 90 questionários semiestruturados (ver apêndice I) para dois grupos de moradores, sendo metade entre jovens de 16 a 28 anos. Em um primeiro momento foram abarcados os moradores de todos os bairros da cidade onde a violência se faz presente, pois, a partir daí foi elaboramos um mapa com sua espacialização e tipologias do crime. Em seguida, aplicamos outros questionários semiestruturados específicos para os moradores dos bairros mais violentos, Curral e Quadra Q.

Sobre a utilização de questionários semiestruturados (modelos apêndice) Minayo (2004, p. 108) diz que “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”.

Com relação aos gestores locais foram realizadas entrevistas semiestruturadas (modelo em apêndice) com: o prefeito, o secretário de educação cultura esporte e lazer, a secretária de assistência social, diretores de Organizações Não Governamentais (ONGs) e de projetos de cidadania, membros da igreja católica (instituição com projetos sociais e de grande influência na cidade), membros da justiça e da polícia e funcionários da Secretaria de Segurança Pública da Bahia. A escolha por entrevistas com esse segmento da sociedade fez emergir informações de forma

mais livres e as respostas não ficaram condicionadas a uma padronização de alternativas.

Triviños (1987, p. 152) afirma que as entrevistas semiestruturadas “[...] favorecem não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, o autor ainda acrescenta que é possível manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987). Porém, Bourdieu (2003) alerta e aponta sugestões e cuidados sobre a complexidade da utilização de entrevistas como metodologia, afinal para ele sua transcrição não deve ser apenas um ato mecânico. Para Triviños (1987) o pesquisador tem que apresentar e decifrar os silêncios, os gestos, os risos, a entonação de voz do informante durante a entrevista. Acrescenta ainda que o pesquisador deve estar atento a tudo o que o pesquisado falou e sentiu durante a entrevista.

Foram utilizados dados secundários, ou documentação indireta, através da pesquisa documental e da bibliográfica (livros, artigos, textos, jornais, leis e *sites* de instituições governamentais e não governamentais). Nesta pesquisa, fez-se necessária, ainda, a consulta dos atestados de óbitos no cartório municipal como fonte principal para obtenção dos dados sobre mortes violentas na cidade. Foram analisados os atestados dos últimos dez anos (2006-2015) que serviu de suporte para a construção dos gráficos, quadros e mapas.

A pesquisa exploratória teve como objeto familiarizar os pesquisadores com o assunto da pesquisa, vislumbrando uma aproximação com a realidade, pois há pouco conhecimento científico sistematizado referente à temática. Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre assume a forma de um estudo de caso. “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1999, p. 27).

A pesquisa de campo foi fundamental para o aprofundamento da investigação e formação do conhecimento. O campo, como uma etapa da produção científica é imprescindível, principalmente pelo entendimento de que através da pesquisa de campo é possível chegar ao alcance dos fenômenos de pesquisa sem originar uma oposição entre empiria e teoria. Serpa (2006) relata que:

Ressaltar a importância do trabalho de campo na Geografia não significa pregar a volta ao empirismo descolado da perspectiva de teorização, ao contrário, conceitos, teorias e procedimentos metodológicos devem constituir

uma unidade orgânica e coerente no desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa dos geógrafos (SERPA, 2006, p. 21).

Lacoste (2006) também concorda que no trabalho de campo a teoria e a empiria devam se articular. Segundo o autor, “o trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável” (LACOSTE, 2006, p.91).

Durante a pesquisa de campo, recebemos informações sobre páginas nas redes sociais, que são usadas por criminosos para postagem de vídeos e fotos. Além, do compartilhamento através dos aplicativos de mensagens em *smartphones*. De posse desses materiais, transcrevemos na dissertação os áudios dos vídeos e capturamos imagens através do *print screen*.

Dessa forma, os dados qualitativos e quantitativos foram selecionados, tabulados, analisados, correlacionados e suas interpretações permitiram a elaboração de gráficos, de quadros, de tabelas, de figuras e de mapas que serão de grande relevância para o entendimento do que nos propomos estudar. As informações e análises possibilitaram a nossa compreensão da relação cidade e violência e seus pares (ordem/desordem, local/global), ajudando a entender como fenômeno da violência tem transformado a cidade de Baixa Grande.

2 Cidades pequenas e violência, como compreendê-las?

Associar violência com cidades pequenas está cada dia mais comum em nossa sociedade. Esse problema caracterizava apenas centros urbanos maiores, mas agora essas cidades passaram a fazer e a sentir-se parte dessa nova problemática. As desigualdades sociais são os motivos responsáveis por essa mudança de paradigma.

Nos últimos dez anos (2005-2014) um fato curioso tem chamado a atenção do país. Com as divulgações anuais dos relatórios sobre a violência, por institutos nacionais (IBGE e IPEA), pelos Ministérios da Justiça e da Saúde, e pela Organização das Nações Unidas (ONU), percebemos que a violência e o tráfico de drogas chegaram aos pontos mais remotos do Brasil. O sentimento de insegurança agora é compartilhado pela maioria dos brasileiros. Tal como mostra a última pesquisa feita pelo instituto Datafolha⁵, e divulgado pelo jornal “A Folha de São Paulo” em novembro de 2015, a violência e o tráfico de drogas estão entre as cinco maiores preocupações do povo brasileiro, ao lado da corrupção, desemprego e educação.

A partir da segunda metade dos anos 2000, os índices de homicídios nas pequenas cidades brasileiras cresceram quase 100%, como revela o Mapa da Violência (2013). Para efeito de comparação, no ano de 1995, as capitais e regiões metropolitanas apresentavam 40,1 homicídios para cada grupo de 100 mil habitantes, enquanto no interior esse número era de 11,7, quase quatro vezes menor. Em 2010, tanto nas capitais quanto em regiões metropolitanas esses índices foram reduzidos para 33,6, enquanto no interior subiu para 22,1 para cada 100 mil habitantes, números impulsionados pela violência nas pequenas e médias cidades.

É notório que os homicídios ou assassinatos tenham ganhado um destaque maior, pois é a forma mais dura da violência e os dados são divulgados a todo instante. Entretanto o tráfico de drogas, o roubo, o furto e outras formas de violência estão na maioria das vezes interligadas com os homicídios.

A falta de políticas públicas de segurança, de assistência social e o aumento de fatores como o desemprego ajudaram na proliferação dos casos de violência nessas cidades. A falta de oportunidades dos mais jovens estudarem e buscarem novos

⁵ A pesquisa completa divulgada no dia 20/11/2015, está disponível no site do jornal em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/11/1712475-pela-1-vez-corrupcao-e-vista-comomaiorproblema-do-pais.shtml>

horizontes parece ser o maior problema, pois, existe um déficit de escolas de nível superior e cursos profissionalizantes. Essas cidades não têm atraído investimentos da iniciativa privada para a instalação de indústrias e quando uma empresa se instala é nítida a falta de mão de obra qualificada, ficando os moradores locais com os empregos menos valorizados.

Combater a impunidade e mudar o modelo de segurança vigente no país poderia amortizar os elevados índices de violência constatados nos estudos sobre drogas e crimes pela Organização das Nações Unidas (2014), alertando que das trintas cidades mais violentas do Brasil, onze possuem menos de 20 mil habitantes em sua sede municipal.

No Brasil, outros tipos de crimes e violência estão associados com o tráfico de drogas, basta observar as estatísticas de ocorrências envolvendo o setor financeiro, assaltos e explosões a bancos tem se tornado cada vez mais comum. No ano de 2014, segundo a Contraf/CUT em todo o país 3150 casos foram registrados, na Bahia, os números atingem 238 agências. As pequenas cidades são responsáveis por 69% dos assaltos a bancos no referido ano, o que fez a Secretaria de Segurança Pública da Bahia apelidar essas quadrilhas articuladas de “Novo Cangaço”, fazendo referência a história de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião

Para especialistas em segurança e órgãos como a Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP) e a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), a vulnerabilidade dessas cidades com policiamento e a falta de investimentos das próprias agências bancárias facilitam a nova onda contra o setor financeiro.

Outro empecilho bastante comum nas pequenas cidades, e naquelas mais afastadas dos grandes centros, é a deficiente malha rodoviária e o elevado custo do transporte devido à violência nas estradas, roubos de cargas e automóveis que frequentemente contribui para que o atual quadro permaneça precário. Esta situação vem prejudicando os moradores destas cidades, pois os produtos vendidos têm ficado cada vez mais caros, devido ao aumento do custo do frete, em até 12%, segundo Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas do Estado da Bahia (Setceb) em 2015, obrigando muitas famílias a substituírem esses produtos por similares.

2.1 O que as ciências humanas têm a dizer?

Antes um universo pouco conhecido, na atualidade os cientistas de diversas áreas das ciências humanas têm-se apropriado da temática e buscado compreender o que está acontecendo nessas cidades. Mas o que a História, a Sociologia e a Geografia têm a dizer sobre a violência?

Os historiadores sempre demonstraram fascínio pela historicidade da violência humana durante toda a construção de nossa sociedade, desde o homem paleolítico até o homem contemporâneo. A humanidade foi fundada sobre a base de conflitos para que territórios e fronteiras fossem demarcadas ou remarcados, na luta pela sobrevivência das tribos, na materialização do poder, na subsistência dos conflitos étnicos-religiosos, nas guerras, nos subúrbios das cidades, nas lutas agrárias e em cada momento do cotidiano.

Com o passar dos séculos centenas de guerras e conflitos aconteceram em toda a superfície da Terra; homicídios famosos delinearam a História. Provando que a violência independente de qual forma seja aplicada faz parte do convívio dos homens, e sempre será usada para resolver ou não, os problemas e questões relacionadas com o poder.

A sociologia talvez seja a ciência humana que mais tenha se importado da temática violência. É aqui que encontramos a maior quantidade de conceitos para o tema, assim como um vasto levantamento bibliográfico. Na sociologia existe várias formas de tipologias para a violência. "A violência se define no sentido escrito como um comportamento que visa causar ferimentos às pessoas ou prejuízo aos bens" (MICHAUD, 1989, p.10).

A violência pode ser o resultado de muitas ações e tipos, existem várias formas de violência que mudam de acordo com o tempo e a sociedade como já foi supracitado: ataques contra mulher, idosos, crianças, homossexuais; contra a moral, a religião, a liberdade; contra o sistema financeiro, entre outros. Podendo ser analisada a partir de que "um conceito de violência não é dado a priori, ou seja, não é natural. Sendo socialmente construído, ganha diferentes conotações e significados em épocas e culturas diferentes" (RICAS e DANOSO, 2010, p. 214).

As desigualdades sociais como geradoras de violência ganham destaque na sociologia com a significativa quantidade de trabalhos relacionados. Mas é preciso salientar que no Brasil, por exemplo, o nível de pobreza vem caindo gradativamente nos últimos anos, enquanto que a violência vai aumentando.

Entre os jovens mais pobres e que fazem parte das estatísticas de violência, a droga e o álcool aparecem como uma espécie de fuga da realidade, pois, a reação dos alucinógenos no corpo humano amenizam a fome e faz esquecer, mesmo que por pouco tempo, dos problemas vividos. Por fim, Fante (2005) resume os principais pontos geradores de violência entre os jovens "Os fatores socioeconômicos dizem respeito a [...] exclusões sociais, raciais e de gênero, à perda de referencial entre jovens, surgimento de galeras e gangues, tráfico de drogas, desestruturação familiar, à perda de espaços de sociabilidade" (FANTE, 2005, p. 168).

Os primeiros estudos relacionados a Geografia⁶ da violência surgiram nos Estados Unidos, nos anos de 1970. No Brasil, as primeiras pesquisas geográficas sobre a violência urbana são datadas da segunda metade da década de 1980, mas é apenas no decênio seguinte com as pesquisas dos professores Marcelo Lopes de Souza (morros e favelas do Rio de Janeiro) e Lia Osório Machado (regiões fronteiriças da Amazônia), que a temática começa a se popularizar na geografia. Porém, esses estudos na sua maioria se restringem as cidades grandes ou suas fronteiriças. Vale lembrar que a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), implementou um centro de pesquisa sobre a violência nas cidades grandes e médias mineiras, sob a supervisão do professor Alexandre Diniz. Esse centro tem contribuído para o entendimento e enfrentamento da violência no estado de Minas Gerais, conforme o quadro abaixo, ao longo de uma década.

⁶ No programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia/UFBa, já houve uma dissertação sobre a temática em 1999. Com o título "A distribuição espacial da criminalidade em Salvador, do autor Alvacir Brito Barbosa.

Quadro 03:**Trabalhos elaborados pelo laboratório de pesquisa de geografia da violência, PUCMG.**

TITULO	AUTORES	ANO
Homicídios entre jovens negros no Estado de Minas Gerais: uma análise exploratória	Lacerda, Borges e Diniz	2014
A reorganização espacial dos homicídios no Brasil e a tese da interiorização	Andrade e Diniz	2013
Análise exploratória dos homicídios entre jovens de 15 a 24 anos na Região Metropolitana de Belo Horizonte e seu Colar, entre 1999 e 2006	Lacerda e Diniz	2010
Projeto Olho Vivo: a íris dos olhos da segurança pública, uma análise geográfica.	Carvalho e Diniz	2009
Explorando os determinantes da geografia do crime nas cidades médias mineiras	Batella, Diniz e Teixeira	2008
Regionalização para fins de planejamento da Segurança Pública em Minas Gerais.	Batella, Diniz e Teixeira	2007
Geoprocessamento da Criminalidade do Estado de Minas Gerais	Diniz, Chaves, Costa, Lopes, Batella e Teixeira	2006

Fonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2016.

Elaboração: Ramom Machado, 2016.

A geografia possibilita análise espacial dos condicionantes da criminalidade e violência. Apesar dos estudos geográficos sobre o tema serem considerados recentes, principalmente aqui no Brasil, a geografia explora a dimensão espaçotemporal através da disciplina correlata Geografia do Crime. Porém, Segundo Batella e Diniz (2010), esses estudos geográficos sobre a violência precisam romper as barreiras sobre as causas desse ato,

A Geografia há algum tempo contribui para este debate, uma vez que a violência guarda consigo um forte componente espacial, que se faz notória por meio da identificação de padrões específicos em sua distribuição espacial.

Ainda assim, os geógrafos avançaram muito pouco em construções teóricas que visam entender e explicar este fenômeno. Em grande medida, as contribuições destes profissionais se materializam nos trabalhos empíricos, que tratam das relações entre violência e seus condicionantes clássicos, sobretudo àqueles ligados aos aspectos sócio-econômicos, demográficos e ambientais. No geral, essas abordagens focam parte do problema, pois tendem a analisar a violência, principalmente aquela classificada nos códigos penais, e suas relações com um ou outro condicionante. Raras são as contribuições que focam o aspecto multifacetado desse problema, considerando um conjunto maior de variáveis que representariam estes condicionantes (BATELLA e DINIZ, 2010, p. 152).

Percebe-se, segundo os autores, que os condicionantes da violência não possuem a mesma significância na manifestação espacial, os mesmos adquirem relevância diferenciada de acordo onde são analisadas. O maior trunfo da geografia em estudar a violência, é o entendimento da questão espacial.

2.2 As cidades pequenas na rede urbana baiana

Utilizando como parâmetro de classificação o tamanho da população, o estado da Bahia possui 365 cidades com até 50 mil habitantes, segundo o IBGE (2010), o que representa 87,5% das sedes urbanas do estado. Um número relativamente alto, mas que não condiz com o papel dessas cidades na rede urbana estadual.

Na Bahia, Salvador ocupa uma posição polarizadora na prestação de serviço, comércio, transporte, saúde, educação e turismo, representando aproximadamente 30% do PIB do estado inteiro (IBGE, 2014). Com relação a região metropolitana a disparidade é ainda mais gritante chegando a metade do PIB da Bahia.

Em um segundo escalão, mas muito abaixo do primeiro, aparecem algumas cidades médias que funcionam como polos regionais. Estas cidades possuem setores em desenvolvimento que atendem os moradores locais e de algumas cidades vizinhas. Feira de Santana, Vitória da Conquista e Itabuna são exemplos e fazem parte deste grupo de cidades.

A atual configuração da rede urbana do estado da Bahia ainda é bastante desproporcional, possuindo áreas densamente povoadas, no litoral e adjacências, algumas cidades importantes na região do Agreste e um vazio na região oeste e norte do estado. É visível, tanto pelo deslocamento quanto pelas imagens aéreas, uma rede de cidades adensadas no litoral e uma rarefação em direção a região central, e mais rarefeita ainda no oeste do estado. Tal relação mostra a fragilidade das políticas

territoriais de integração e fortalecimento dos centros urbanos do estado da Bahia (SILVA e FONSECA, 2008).

O REGIC (Região de Influência das Cidades) em 2007, demonstra a classificação hierárquica das cidades na rede urbana brasileira. A pesquisa, divulgada pelo IBGE, traz as perspectivas para a análise. “[...] A partir dos aspectos de gestão federal e empresarial e da dotação de equipamentos e serviços, de modo a identificar os pontos do território a partir dos quais são emitidas as decisões e é exercido comando em uma rede de cidades” (IBGE, 2008, p. 18). Sendo assim, as cidades do semiárido baiano, dentre elas Baixa Grande, são classificadas como centro de zona ou centro local, os mais baixos postos na hierarquização das cidades. Lopes (2008) revela que “na rede hierárquica, as pequenas cidades do semiárido participam de modo marginal, consumindo produtos e serviços que circulam através do circuito inferior da economia urbana identificado por Santos (1979)” (LOPES, 2008, p.88).

A rede urbana é uma rede síntese de diversas outras redes materiais e imateriais e as cidades são seus nós. Apesar da quantidade numerosa de pequenas cidades na rede urbana do estado, elas são desprovidas da maioria dos serviços de excelência, principalmente na saúde, onde seus moradores procuram cidades maiores para atendimentos mais complexos, assim como na educação superior. Os centros hospitalares estão aptos apenas para atendimentos de primeiros socorros e as faculdades presentes, quase na sua totalidade, são do sistema educacional à distância.

O comércio, com a melhoria da economia e a distribuição de benefícios sociais nos últimos 20 anos, tem propiciado uma maior diversificação de lojas e bancos. Contudo, o setor público continua sendo, ao lado dos aposentados, os responsáveis pelo movimento financeiro dessas cidades. A economia agrária e de subsistência são visíveis por todo o interior do estado, agricultores vendem seus produtos artesanais e vegetais em várias cidades vizinhas nos dias da feira-livre, que geralmente são pontos de encontro de pessoas de toda região.

A falta de infraestrutura, serviços e modo de vida rural levam alguns autores como Veiga (2002) e Mendonça (2009), a afirmarem que essas localidades são consideradas apenas espaços rurais, sem a alcunha de cidade, pois, para eles, essa parcela do país considerada urbana, possuem dinâmicas econômicas, sociais, políticas e culturais são inequivocamente rurais. Porém, os critérios utilizados pelos

autores foram apoiados em estatísticas dos países centrais para explicar essa parte da urbanização brasileira.

Novas estratégias de políticas públicas de desenvolvimento urbano devem ser baseadas em uma nova proposta de organização territorial equilibrada, a partir de uma estrutura urbana policêntrica, que poderia responder aos desafios e às oportunidades das pequenas cidades, atendendo à diversidade dos seus antecedentes históricos, econômicos, sociais e ambientais. A estruturação da rede urbana do estado da Bahia requer a distribuição equilibrada de infraestrutura e serviços urbanos e a promoção da acessibilidade de modo a ampliar o desenvolvimento destes em todo o território, bem como a estimular o desenvolvimento urbano das regiões mais deprimidas.

2.3 A espetacularização da violência: um olhar a partir do local

A espetacularização deriva da palavra espetáculo. O espetáculo está ligado a algo fictício, teatral ou cinematográfico, que atrai olhares e a atenção do público, ficando assim, exposto a crítica. Mesmo quando utilizado para definir uma situação real, o espetáculo/espetacularização de uma ação-situação tem como objetivo caracterizar ingredientes utilizados das artes, mas que estão presentes no cotidiano. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997, p.13).

A espetacularização da informação está relacionada com a busca do lucro pelos meios de quem reproduz as informações. Dessa forma, é comum a transformação de casos de violência e crimes em dramaturgia, simulações e até mesmo, músicas. O produto final é vendido em todo o mundo, seja na forma de séries ou filmes, sendo um fábrica de sentimento e cultura do medo. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14)

A violência sempre atraiu a atenção do homem, seja ela nos filmes ou séries hollywoodianas, no caderno policial do seu jornal preferido, na televisão com seus programas sensacionalistas na hora do almoço ou no fim de tarde, onde imagens de corpos, sangue e desespero são apresentados a população como entretenimento, elevando assim seus índices de audiência. Esses programas estão no ar há décadas

e nunca mudaram o seu conteúdo, mostrando que essa fórmula faz sucesso com o público e tem retorno financeiro, além do poder de colocar um país inteiro em estado de comoção. O filósofo e sociólogo Jeudy (1994) vai utilizar o conceito de voyeurismo⁷ coletivo para analisar o excesso de programas e de divulgação de casos de violência na televisão.

Esse voyeurismo coletivo faz com que a própria violência se torne uma espécie de espetáculo contínuo, ininterrupto. O ponto culminante desse processo de televisualização perpétua é a idéia de que a morte, talvez, possa ser feita “ao vivo”, em tempo real. Por isso também podemos dizer que a mídia tem, na sociedade moderna, o poder sacrificial, ou a capacidade de legitimá-lo. A derradeira forma de poder sacrificial é hoje, na modernidade, captada pela própria mídia. (JEUDY, 1994, p. 67).

Especialistas no assunto e que são favoráveis a essa maciça espetacularização, como Ramos e Paiva (1993), justificam dizendo que a mídia brasileira não exagera, mas que exagerados são os nossos índices de violência. O que não deixa de ser uma realidade como já foi mostrado anteriormente. Porém, cabe ressaltar os limites e o bom senso da cobertura jornalística da notícia. Iorio (1999) ironiza argumentando que a mídia espetaculariza a violência e transforma o público em mero espectador.

O fluxo de programação dos meios de comunicação de massa organiza, sob a forma de espetáculo, a miscelânea de acontecimentos que apenas distrai o público com a ilusão de que o mantém informado e ligado a inúmeros centros irradiadores de “imagem”. Embora a modernização capitalista tenha ocupado considerável espaço na mídia contemporânea, a violência tem sido o tema que mais tem estado na mira dos holofotes midiáticos deste final de século. Trata-se de ingrediente indispensável na produção de um drama contagiante. (IORIO, 1999, p.135).

Beato (2007) vai minimizar a conduta da mídia de modo geral, levantando algumas questões que interferem na cobertura da criminalidade e segurança no Brasil, chegando a comparar com outros tipos de assuntos divulgados e editados, no artigo “A Mídia Define as Prioridades da Segurança Pública”. O referido autor diz que:

Ao contrário de temas como política, economia, educação, cultura ou ciência, esta é uma área em que as redações não contam com muitos jornalistas especializados. Mesmo quando existem, raramente são qualificados para compreender o fenômeno da segurança e da violência em todas as suas nuances. Lugares comuns e chavões passam a servir como base de interpretação de fenômenos complexos e heterogêneos, reforçando ainda mais os inúmeros estereótipos existentes (BEATO, S/P, 2007).

⁷ Forma de curiosidade mórbida com relação ao que é privativo, privado ou íntimo (HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 2883).

Falar sobre o espetáculo da mídia na exploração dos casos de violência que abalaram o Brasil, é perceber que até então as pequenas cidades assistiam a tudo através dos sinais de suas parabólicas, e se mantinham a uma certa distância dos fatos. Dizer que não existia casos de violências nessas localidades seria implicar no erro, mas o problema atual é decorrente da quantidade de casos em tão pouco espaço de tempo.

Em Baixa Grande, por exemplo, na primeira metade da década de 2000, entre os anos 2000 e 2005 ocorreram, segundo dados obtidos para a pesquisa⁸, 03 homicídios, enquanto que na metade seguinte, de 2006 a 2010, foram 09 assassinatos, um aumento de 300% em relação aos primeiros cinco anos dos anos 2000. Mais impressionantes são os números dos anos seguintes, seguindo essa lógica, entre 2011 e 2015 houve 27 mortes violentas, seja por armas de fogo, armas brancas ou espancamento. Mais 300% de aumento em relação ao período anterior observado.

Mas como a mídia local trata esses acontecimentos? Com quase nenhum espaço na mídia estadual e nacional, Baixa Grande viu surgir alguns *blogs* com a popularização da *internet*. Entre os mais acessados estão os domínios “Acontece na Bahia”, “Baixa Grande em foco”, “Acorda Baixa Grande”, “Bacia do Jacuípe” e “Agmar Rios”. Vale ressaltar que nenhum dos donos dos *blogs* possui formação jornalística, o que dá margem para os princípios básicos do jornalismo não serem respeitados, como checagem de fontes, correção ortográfica e publicação de imagens chocantes sem desfocar. Talvez o ímpeto pela notícia seja o que atrai tantos acessos aos mesmos, variando entre 5 e 12 milhões nos últimos dez anos, segundo o contador de visualização de cada *blog* desde o seu surgimento. Na imagem 01 abaixo, temos algumas notícias sobre a violência em Baixa Grande divulgada por alguns dos *blogs* supracitados. O detalhe é que as imagens são publicadas ao natural, para a exposição aqui foi necessário redimensionar o foco.

⁸ Consulta aos atestados de óbitos no cartório municipal de Baixa Grande.

IMAGEM 01

Blogs noticiando a violência em Baixa Grande, 2015.



*O jovem assassinado que aparece na primeira reportagem, participou respondendo um questionário para esta pesquisa.

Fonte: *Blogs da cidade de Baixa Grande, 2015.* Autor: montagem Ramom Machado, 2016.

As quantidades de visitas nos *blogs* são consideráveis se compararmos com a quantidade de população do município de Baixa Grande (20 mil habitantes), porém, os mesmos contam com a divulgação em massa das redes sociais e suas fábricas de curtidas e compartilhamentos de notícias, imagens e vídeos para todos os lados. A espetacularização da violência fica mais latente, mostrando assim para o mundo inteiro, os mais variados tipos de crimes em Baixa Grande.

2.4 Uso das redes sociais e o olhar local

Com o advento da internet e o surgimento das redes sociais vem ocorrendo uma avalanche de informações em tempo real para seus usuários, mas muitas dessas notícias são espalhadas sem um filtro adequado, ou até mesmo são “*fakes*”, falsas. Algumas das principais funções dessas redes é o rápido alcance em massa em pouco tempo. Elas têm o poder criarem celebridades, heróis, vilões ou disseminar preconceitos.

Apesar do controle e censura que as principais e mais populares redes sociais possuem para analisar as postagens, é fácil encontrar publicações de conteúdo torpe e imagens degradantes. Perfis, contas ou grupos nessas redes são os responsáveis por difundir o referido conteúdo.

Nas pequenas cidades a internet e as redes sociais são na contemporaneidade os pontos mais significativos de ligação entre o local/global e o global/local. Portanto, agora não é mais preciso esperar o telejornal começar para acompanhar as notícias do mundo, do Brasil, do Estado ou até mesmo da sua cidade.

Porém, como só é preciso ter um computador ou smartphone conectado à internet para acessar, um novo grupo de interação tem invadindo as redes sociais, os praticantes de crimes violentos. Em atos surpreendentes, bandidos têm utilizado as redes para desafiar o Estado, a sociedade e os grupos rivais. Vídeos, fotos, mensagens e ameaças se fazem presentes agora no espaço virtual. Uma prática comum nos grandes centros, e que começou a fazer parte da rotina nas pequenas cidades. Em Baixa Grande não seria diferente.

A partir dos meses de outubro e novembro do ano 2015, alguns vídeos e fotos foram parar na principal rede social e no aplicativo de mensagens instantâneas mais popular do país. A intrepidez dos criminosos chocou a população baixagrandense. O conteúdo de ameaça e a ostentação de armas de fogo foram apenas um dos ingredientes principais, pois, o pior estaria por vir, a intimidação presenciada por todos os componentes da sociedade foi cumprida e o Estado nada pôde fazer.

Abaixo serão exibidas algumas imagens e falas capturadas dos vídeos divulgados pelos bandidos no *Facebook* e *WhatsApp*. Os diálogos foram transcritos na forma *ipsis litteris*. No primeiro vídeo divulgado, com duração de 01':28" um sujeito identificado pela polícia como "Coleiro" morador do bairro Quadra Q e fugitivo da justiça, aparece encapuzado e com um revólver calibre 38 desferindo ameaças de morte e palavrões aos rivais em meio a caatinga. Segue a fala do Coleiro:

"Aqui é Rua da Palha⁹, vocês disse que é o bichão, disse que desce aí, desce aí pô. Bota no fundo aí, bota no fundo pá tu ver, porra. Tenta a sorte aí a hora que vocês quiser, nós tá pronto pá guerra porra. Rua da Palha com nós aqui agora é nas manha, essas mulher aí, essas

⁹ Rua da Palha como é conhecida popularmente a Rua da Conceição, uma das principais ruas do bairro Quadra Q.

putinha que fica dano ideias aí, vai tomar tiro também porra, fica ameaçando, não aguenta a onda com nós não, tá ligado? Bagulho agora é doido, porra. Agora é execução, se matar um de nós vai morrer cinco de vocês, papo retão, apresse se quiser, tá ligado? Fica a dica, tenta a sorte que do azar é certo, porra. Vai tomar no cu, porra. E o muro aqui tá alto para vocês e sempre vai tá desgraça. Bota a cara pá tu ver, vem lá os miseravão pode botar que nós tá disposição para tudo, porra. É o bicho, a bala come mesmo, Rua da Palha com nós é nas manhas, as bala come mesmo, vem aí, planta aí, vem Nenzinho¹⁰, nós quer tu porra, nós quer tu, vem pá cá, cola aí pá tu ver, eu quero trocar tiro com tu é de frente filho da puta, viadinho, viado. Se matar um de nós vai morrer cinco de vocês, tenta pá tu ver? Fica a dica porra, esses mulherzinhas, essas putinhas vão passar mal, fica esperto com que fala porra, é o bicho”!

IMAGEM 02

Homem encapuzado ameaçando em vídeo uma gangue rival em Baixa Grande, 2015.



Fonte: Facebook e WhatsApp, 2015.
 Autor: montagem Ramom Machado, 2015.

Existe uma rivalidade na cidade de Baixa Grande há muito tempo. Durante a década de 1990 era comum confusões entre moradores dos bairros do Curral e da Quadra Q. Ninguém sabe bem ao certo como começou, mas bastavam eles se encontrarem em festas ou em eventos esportivos para a confusão e a pancadaria tomarem conta do local. Com o passar dos anos o problema entre os rivais foram

¹⁰ Traficante rival.

aumentando e o poder público nada fez. A chegada da droga e a disputa pelo comando do tráfico acirrou ainda mais os ânimos de ambos os lados.

Existe uma rivalidade na cidade de Baixa Grande há muito tempo. Durante a década de 1990 era comum confusões entre moradores dos bairros do Curral e da Quadra Q. Ninguém sabe bem ao certo como começou, mas bastavam eles se encontrarem em festas ou em eventos esportivos para a confusão e a pancadaria tomarem conta do local. Com o passar dos anos o problema entre os rivais foram aumentando e o poder público nada fez. A chegada da droga e a disputa pelo comando do tráfico acirrou ainda mais os ânimos de ambos os lados.

Logo após a divulgação desse vídeo nas redes sociais, o delegado de Polícia Civil também gravou um vídeo tranquilizando a população baixagrاندense. Nele, a autoridade afirma que a polícia está trabalhando para prender o meliante. Porém, poucos dias depois da resposta da polícia, outro vídeo foi divulgado nas redes sociais. Desta vez como resposta ao primeiro vídeo. No total são quatro homens fortemente armados (fuzis AK-47) dentro de um carro, viajando entre as cidades de Ipirá e Baixa Grande (sentido leste-oeste) pela BA 052, dispostos a cumprirem o que foi prometido. Como são quatro bandidos falando ao mesmo tempo e sem identificação, os diálogos foram transcritos na mesma ordem e com algumas interrupções. Por fim, a imagem capturada não apresenta uma boa resolução, pois o vídeo foi gravado em baixa qualidade, o que dificulta mais ainda o trabalho da polícia. Seguem as ameaças:

“E aí Dendê¹¹, você ficou aí apontando o Coleiro com esse ‘tresoitãozinho’ ‘véio’ aí mano, você tá ligado cara que não pode ameaçar homem não, fica ligeiro, a gente tá descendo para com força máxima. A gente vai pegar vocês de surpresa, vocês vão ver, mano. Vou rancar sua cabeça Dendê e mandar para a sua mãe, seu desgraçado”.

“Vai ser hoje meu irmão, vai ser hoje, sabadão, o bicho vai pegar aí nessa cidade, vou botar terror, Baixa Grande tô chegado”.

“Nós já tá aqui perto de Dionísio¹², e vai botar terror em Baixa Grande, ninguém vai viver, nós vai matar vocês todos seus desgraçados”

“Tô ni Ipirá já, Ipirá já, ôh Serginho¹⁴, você vai morrer seu desgraçado”.

¹¹ Apelido do traficante responsável pelo tráfico no bairro Quadra Q, que se encontra preso até o momento da pesquisa (24/01/2016).

¹² Dionísio é um bar na margem da BA 052 entre Baixa Grande e Ipirá.

¹⁴ Apelido de um traficante do bairro Quadra Q.

“Olha o teu aqui Dendê, olha o teu aqui Dendê, nós vai meter esse pente todo na tua cara, desgraça”.

“Tu vai morrer filho da puta, nós vai te pegar Coleiro, tu vai ser o pior, tu vai ver, vai sofrer mais”.

IMAGEM 03:

Homens encapuzados ameaçando a gangue rival em Baixa Grande, 2015.



Fonte: Facebook e WhatsApp, 2015.

Autor: montagem Ramom Machado, 2015.

Apresentadas as ameaças dos dois lados rivais, juntamente pela falta de combate polícia, estava marcado o confronto, todos sabiam que o pior iria acontecer. Na segunda-feira, dia 26 de outubro de 2015, a praça de guerra estava montada e o endereço confirmado. O cruzamento entre as ruas Ulysses Guimarães e Ana Nery foi o palco escolhido, nas proximidades do bairro do Curral e em frente à Escola Municipal Professor Roberto Santos, que funcionava normalmente às 19 horas. Durante as duas horas seguintes as trocas de tiros assustaram os moradores, os alunos e os professores. A polícia acionada não compareceu.

O tiroteio aconteceu no momento que as pessoas circulavam pelas ruas, em pânico os moradores entraram em suas casas ou buscaram lugares para se protegerem. Durante o incidente alguns moradores gravaram de dentro de suas casas os sons das balas. Não há imagens dos bandidos em ação, apenas o áudio dos disparos, as vozes e os sussurros das famílias clamando por ajuda. Apesar do susto ninguém ficou ferido, mas o sentimento de medo e a apreensão ainda são notórias entre as pessoas que viveram aquele momento. Após o incidente, muitos vídeos e áudios passaram a circular pelas redes sociais e por *sites* de compartilhamento de vídeos. As pessoas que não sentiram aquela sensação puderam ouvir o momento de desespero e terror vivido por parte da população. Entre os áudios da troca de tiro um

publicado no *site* do YouTube, dá para ouvir o pânico de uma família inteira como pode ser observado na transcrição abaixo.

Imagem 04:

Áudio gravado durante uma troca de tiros em Baixa Grande, 2015.



Fonte: Youtube.com, 2015.

Mulher: *“Meu bem deita no chão, abaixa aí”*.

Ouve-se um choro leve de criança, latidos de cachorro e muitos tiros.

Mulher: *“Não pode acender a luz, deita aí”*.

Homem: *“Saí de perto da janela, pelo amor de Deus”*.

Mais tiros e cada vez mais fortes

Homem: *“Meu Deus, isso não vai acabar?”*

Os tiros se aproximam cada vez mais de onde está sendo gravado o áudio, as armas parecem ser de grosso calibre.

Homem: *“Para menino, larga de ser chato”*.

E os tiros continuam fazendo um barulho ensurdecedor.

Mulher: *“Aí meu Deus do céu”*.

Mulher: *“Pega na minha mão”*.

A partir de agora não se ouve mais nenhum diálogo apenas o barulho dos tiros até o fim do áudio de 2':10”.

Como pode ser observado, as redes sociais possuem neste quarto de século a função de quebrar as barreiras entre o local e o global. Independentemente do que seja tratado, moda, diversão, lazer, tecnologia e neste caso, o avanço da violência e da criminalidade nas pequenas cidades. Além dos dados oficiais que comprovam essa

mudança de comportamento das localidades ditas tranquilas, as redes expõem para o mundo e em alta velocidade esse novo paradigma.

Santos (1993) já tratava o século XXI como o momento em que a tecnologia da informação avançaria sobre o território. “O momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência, de técnicas e de informação” (SANTOS, p.35, 1993). Castells (1999) vai além, afirmando que “uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado” (CASTELLS, p.22, 1999). Esse ritmo acelerado para Santos (1994) assim se manifesta, “acelerações são momentos culminantes na História, como se abrigassem forças concentradas, explodindo para criarem o novo” (SANTOS, p.29, 1994). Com base nos referidos autores e analisando o momento contemporâneo, o local não pode ser considerado apenas como o lugar da fixidez, dos símbolos, das imagens e do espaço particular. As redes, de modo geral, mas em especial as sociais, quebraram as características comportamentais que sempre denotaram essas sociedades.

3 CONTEXTUALIZANDO BAIXA GRANDE

Segundo a classificação regional do IBGE, o município de Baixa Grande está localizado na Mesorregião geográfica Centro Norte Baiano, no Território de Identidade da Bacia do Jacuípe, distante 252 Km da capital Salvador. Com uma localização estratégica, pode-se chegar ao município através das rodovias estaduais BA 052, BA 130 e BA 084, como pode ser observadas pelo mapa 02.

Assim como muitas cidades brasileiras, Baixa Grande nasceu ao redor de uma capela, as margens de uma estrada, num ponto que servia de pouso aos viajantes e suas tropas. Segundo o site da Prefeitura Municipal de Baixa Grande (2015) as terras eram da fazenda chamada Cais, propriedade de Ana Sousa Santos. Foi fundada pelo seu filho, coronel da Guarda Nacional, Manoel Ribeiro Soares, entre 1860 e 1861. Por intermédio do fundador, e demais famílias, no ano de 1872 pela Lei Provincial Nº 1195, o arraial de Baixa Grande foi emancipado e desmembrado do município de Santana do Camisão, atual Ipirá.

Segundo a obra “Vida de Baixa Grande 1860-1977” escrito por Judith Soares de Souza e Azevedo (1979), para a população baixagrandense o mais importante relato sobre a história da cidade. No livro, a autora nos conta que a construção da capela aconteceu devido uma promessa religiosa da já idosa Ana Sousa Santos que não poderia ir mais a cidade de Irecê pela dificuldade da viagem.

Assim, através de um desejo religioso nasceria mais tarde o Arraial da Baixa Grande, que seria a gênese da cidade homônima. Muito se fala sobre a história de Baixa Grande, sobre a família pioneira e as outras que vieram depois. Mas um fato curioso e pouco comentado, a cidade foi construída com mão-de-obra escrava, os livros não precisam quantos, mas estima-se em centenas. O que explica em parte a miscigenação da população atual. Como em uma sociedade escravista, as marcas ainda estão abertas e é possível através do turismo histórico conhecer uma parte da senzala na Fazenda Cais, onde os negros eram castigados e amarrados durante a noite para não fugirem.

MAPA 02



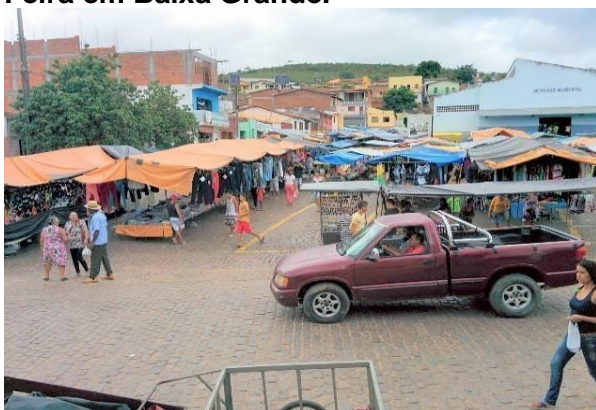
Elaboração: Liane Rosa Martins e Ramom Machado, 2016.

Com o passar dos anos e o surgimento de um comércio diversificado, as atividades rurais perderam a força que tinham para a economia de Baixa Grande. Nas décadas de 1960/70, a agricultura representava quase metade do PIB do município, segundo o IBGE, com destaque para o cultivo de feijão, milho e hortaliças. Porém, a falta de um manejo correto dos solos e a acentuada escassez de chuva mudaram todo o panorama. Atualmente a agricultura não representa 10% do produto interno bruto (IBGE, 2015).

Os pequenos agricultores e os de subsistência vendem na feira da cidade o que sobra do consumo familiar. A feira de Baixa Grande é centenária e tradicionalmente ocorre nos dias de sábado. É composta por comerciantes locais e de toda a região. A venda de pequenos utensílios, artesanatos, produtos de couro, roupas, frutas, hortaliças em geral também desperta o interesse de consumidores de outras cidades.

As feiras em pequenas cidades representam bem mais do que uma atividade financeira semanal, faz em parte da vida das pessoas, é cultural. Em Baixa Grande não seria diferente e a tradição se repete e nunca perde seu espaço. Antes realizada em frente à igreja matriz, a partir da década de 1960, passou a ter dois locais para sua realização. No primeiro, são encontrados para vender os artefatos e utensílios na praça do Mercado Municipal, o segundo há cem metros de distância do primeiro, encontramos as frutas, legumes e tudo referente a alimentação humana e animal. Nas fotos a seguir podemos observar a movimentação durante um dia de feira em Baixa Grande.

Foto 01
Feira em Baixa Grande.



AUTOR: Ramom Machado, 2015.

Foto 02
Feira em Baixa Grande.



AUTOR: Ramom Machado, 2015.

Foto 03
Praça da Feira, Baixa Grande.



AUTOR: Ramom Machado, 2015.

Foto 04
Mercado de Farinha, Baixa Grande.



AUTOR: Ramom Machado, 2015.

É notória a importância que a feira livre possui para a população baixagrandense devido à diversidade de produtos ofertados a preços mais baixos, que atende principalmente as necessidades da população de baixa renda, promovendo, por sua vez o resgate da cultura e das tradições populares, na medida em que favorecem o encontro de pessoas da comunidade.

A feira livre constitui-se um espaço privilegiado onde são vivenciados, exercitados e atualizados os elementos que compõem este modo de ser sertanejo, inconfundível no seu falar característico, no gestual e no trajar próprio, bem como, nos seus hábitos tradicionais de consumo, estabelecendo aí uma espécie de território da cultura sertaneja, que se irradiava para sua comunidade (NEVES, 2002, p. 186).

A autora retrata bem o que é ouvido e sentido pela população, a feira local pertence as pessoas, é o momento onde amigos da zona urbana se encontram com os da zona rural, onde são trocadas informações e contados causos, uma forma bem peculiar de integração que não é vista nos outros dias da semana.

Com relação a feira livre, duas preocupações vêm tomando conta dos moradores de Baixa Grande, a feira vem diminuindo de tamanho a cada ano que passa, aumentando, a taxa de desemprego e a violência. A quantidade de pessoas circulando entre as barracas não são mais as mesmas de outrora. Os espaços vazios são cada vez mais visíveis, pessoas de outras cidades também estão deixando de comparecer, é o que afirmam muitos feirantes em conversas informais. Para eles, a baixa produtividade aliada a falta de chuvas e uma possível crise econômica no país, no estado e os constantes atrasos de salários por parte do poder municipal atinge em cheio as vendas na feira livre. Porém, desde meados da década de 2000, já era notória

a crise neste mercado popular. Porto (2005) alertava para alguns motivos da causa do desemprego e diminuição do tamanho das feiras,

[...] pode-se afirmar que o aumento do desemprego está associado, principalmente, às transformações ocorridas no espaço rural subregional: a agricultura tradicional não se modernizou, ao contrário, tem sido substituída pelas pastagens. Boa parte dos desempregados tem sua origem na zona rural. Antes de migrarem para as cidades desenvolviam a agricultura familiar ou de subsistência, comercializando os excedentes nas feiras locais (PORTO, 2005, p. 8081).

A crise na feira livre vai além das questões federais, a falta de investimentos afetou diretamente a sua capacidade de produção, assim como o avanço da pecuária. Não se pode dizer que tem havido um aumento do número de feirantes-comerciantes por conta desse aumento do desemprego, pois a dimensão das feiras não tem aumentado, nem tão pouco a quantidade dos que compram nela. A existência das feiras não está ligada a esse aumento de desempregados, que veem nas pequenas atividades a possibilidade para sobreviverem, entretanto, essa transformação ocorrida no campo tem provocado mudanças no tocante ao abastecimento das mesmas, quanto à origem e à quantidade dos produtos comercializados (Porto, 2005).

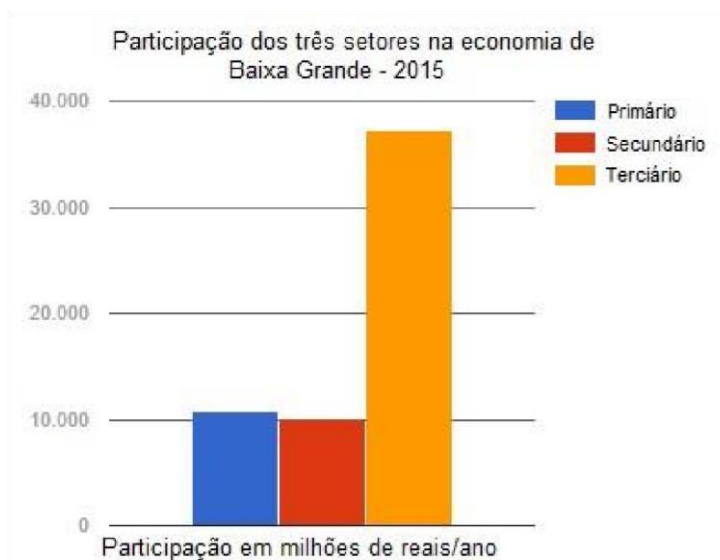
A violência é outro problema que tem assolado a feira livre, é comum ouvir relatos de pessoas que sofreram furtos ou roubos. Os espaços apertados entre uma barraca e outra, é o determinante para ladrões de carteira e outros objetos agirem. As vendas indiscriminadas de bebidas alcoólicas fazem da feira uma das regiões com o maior registro de brigas e lesões corporais da cidade, segundo os inquéritos policiais apurados entre 2014 e 2015.

O comércio e serviços avançaram nas últimas duas décadas e acabaram substituindo a agricultura como atividade econômica mais importante em Baixa Grande. A pequena indústria também ultrapassou a agricultura na participação da economia, a indústria de Baixa Grande se encontra relacionada com o artesanato, derivados do leite como o requeijão, o queijo e a manteiga, fabricas artesanais de bolachas e alguns produtos que não requerem tecnologia e muito investimento para serem produzidos.

O comércio impulsionado pelo serviço público e pela grande quantidade de idosos aposentados, que são chefes de família, como foi observado no último censo do IBGE (2010), representam mais de 80% do Produto Interno Bruto (PIB) de Baixa

Grande. No gráfico 01 podemos notar a disparidade da relevância do setor terciário em relação aos demais.

GRÁFICO 01:
Tamanho da participação dos três setores na economia de Baixa Grande em 2015.

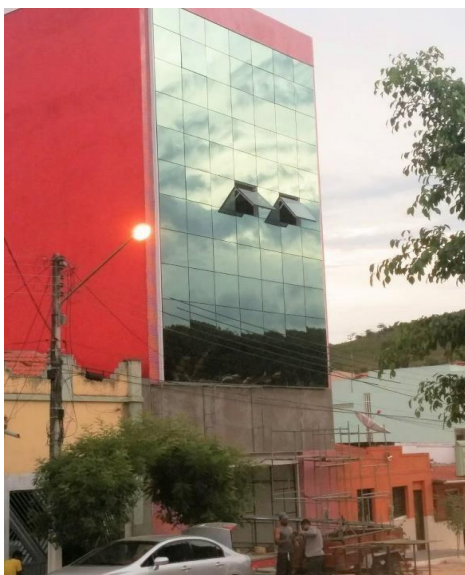


Fonte: IBGE, 2015.

Adaptação: Ramom Machado, 2015.

Assim como em toda a região, o desenvolvimento do comércio também pode ser explicado pela localização privilegiada dos municípios do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe. Em Baixa Grande, por exemplo, encontramos lojas de calçados, roupas, eletroeletrônicos, moveis, supermercados, restaurantes, bares, postos de combustíveis, madeireiras, autopeças, concessionária de veículos e uma gama de outros negócios. Muitos desses empreendimentos são pertencentes a empresários de outras cidades, principalmente de Ipirá.

Torna-se comum encontrar pessoas de Macajuba, Mundo Novo e Mairi fazendo compras no comércio de Baixa Grande. Esse contingente populacional faz movimentar também os vendedores ambulantes pela cidade. Os serviços médicos particulares também chamam a atenção e ajudam a dinamizar a economia local. As clínicas disponibilizam serviços dos mais variados, fazendo com que a população não precise se locomover até Itaberaba ou Feira de Santana. São encontrados médicos cardiologistas, neurologistas, psiquiatras, dermatologistas, nefrologistas, ortopedistas e clínicos gerais. Nas fotos a seguir podemos analisar como funciona o comércio da cidade.

FOTO 05**Fachada de um novo prédio comercial em Baixa Grande.**

AUTOR: Ramom Machado, 20115.

O comércio é outro setor que tem enfrentado uma série de problemas relacionados com furtos e roubos. Cada vez mais, os empresários locais têm investido em segurança privada. Porém, mesmo com a utilização de circuitos internos de TVs e vigias, entre uma prateleira e outra, os casos ainda persistem. Na imagem 05, capturada a partir de um vídeo postado no site *YouTube*, podemos observar dois homens armados, um de camisa preta e o outro de laranja, roubando uma loja de celulares no centro de Baixa Grande, na manhã do dia 10 de novembro de 2015.

IMAGEM 05**Homens armados roubando uma loja de celulares em Baixa Grande, 2015.**

Fonte: Site YouTube, 2015.

Usar apenas a metodologia quantitativa para denominar uma cidade como pequena pode ocasionar alguns erros. No caso de Baixa Grande, com menos de 10 mil habitantes, na sede municipal, é observado um diversificado ramo de atuações no terceiro setor. Para Santos (1981), seria mais importante a análise dos dados funcionais que o tamanho da população:

Só a partir de um estágio de desenvolvimento e dinamismo é que a cidade se define, ou seja, na 'unidade geográfica' poderá ser considerada urbana ou não urbana de acordo com a sua função no contexto da região que está inserida; uma cidade pequena deve atender às exigências locais de seu entorno (...) no que diz respeito a prestação de serviço público, o comércio, capital, informação, transporte, etc (SANTOS, 1981, p.15).

O serviço público, assim como na maioria das cidades do Brasil recebe críticas da população, principalmente o único hospital da cidade. A falta de aparelhos básicos para cirurgias faz com que os moradores procurem outros lugares. Discussões acaloradas entre os políticos na Câmara Municipal revelam o baixo investimento na saúde e uma crise no setor de obstetrícia. Mulheres são levadas para fazer o parto cesárea em outras cidades.

Foto 06
Hospital e Maternidade de Baixa Grande



AUTOR: Ramom Machado, 2015.

Alguns serviços se fazem presentes na cidade, possui dois bancos, do Brasil e SICOOB (Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil), dois postos do Bradesco, casa lotérica, os Correios e uma sede do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

No setor de informações e telecomunicações, Baixa Grande têm três operadoras de telefonia celular (VIVO, TIM, Claro); a Oi encontra-se em período de

instalação. Três provedores de *internet*, dois locais e um nacional com até cinco megas de velocidade (Velox), uma emissora de rádio em frequência média (FM), um jornal impresso semanalmente e assistência de seis empresas de TVs a cabo.

Nos ramos dos transportes, a rodoviária local é atendida por duas grandes empresas, uma com linhas diárias para as principais cidades da Bahia e outra, em nível nacional, para os estados do centro-sul. Alguns motoristas registrados na Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia (AGERBA) e outros clandestinos, fazem linhas regulares entre as cidades do território de identidade da Bacia do Jacuípe, mais Feira de Santana e Salvador. É comum a utilização de motocicletas e contratação de motoboys para a locomoção na área urbana devido o relevo bastante acidentado com ladeiras. Há uma pista de pouso de pequenas aeronaves e jatinhos, a 10 km do centro da cidade, aproximadamente.

3.1 Os indicadores sociais de Baixa Grande

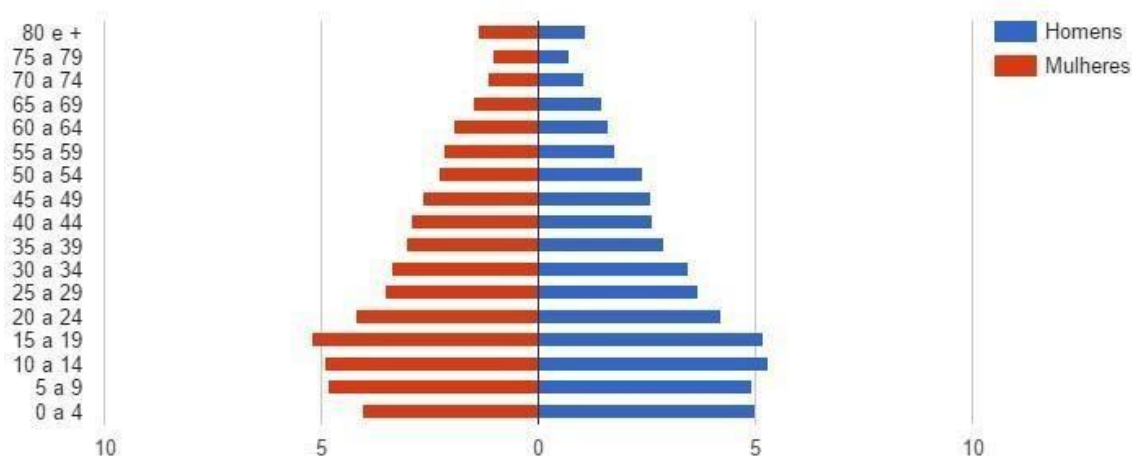
Em 2013, foi divulgado o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), neste trabalho encontra-se os indicadores sociais referente a educação, saúde, saneamento básico, infraestrutura, distribuição de renda e etc. Através desse atlas é possível fazer algumas comparações de como eram esses índices nos últimos 20 anos.

População

A população atual do município é de 20.060 habitantes (IBGE, 2015), sendo 9.966 homens, 49,7% do total e 10.940 mulheres equivalente a 50,3%. Observamos uma leve predominância do sexo feminino sobre o masculino. Mas essa vantagem numérica não é sentida na participação das mulheres no poder público e em áreas de chefia na cidade. Baixa Grande possui duas vereadoras na Câmara Municipal e uma Secretária Municipal no quadro de assistência social. Todos os outros cargos políticos são compostos por homens. Assim como ocorre em todo o país, as mulheres costumam receber salários menores que os homens, cerca de 25% a menos segundo o IBGE (2015).

A população na sede municipal é de 8.338 habitantes (41,5%), enquanto 11.722 vivem no campo (58,5%). A predominância da população rural sobre a urbana. Porém, a diferença vem diminuindo todo ano. Em 1990 cerca de 80% dos baixagrandenses viviam na zona rural. A melhora da economia e a qualidade de vida na cidade são as respostas mais comuns para aqueles que abandonaram suas terras. Para outros, o aumento da violência no campo também contribuiu para a derrocada dos números. No próximo gráfico, o 02, podemos analisar a estrutura populacional por completo, com o auxílio da pirâmide etária de Baixa Grande.

GRÁFICO 02
Pirâmide etária de Baixa Grande 2010.



Fonte: IBGE (2010)

Adaptação: Ramom Machado, 2015.

Observando o formato da pirâmide etária, nota-se que a fase de transição para um alargamento do centro e do ápice ainda é bem incipiente. Esse tipo de pirâmide é bem comum em países de pouco desenvolvimento e com relevante taxa de natalidade, no caso específico, quase três filhos por mulher e predomínio de uma população muito jovem de zero a 20 anos.

Educação

A baixa qualidade na educação é um dos maiores problemas a ser enfrentado no Brasil, na Bahia, e em Baixa Grande não seria diferente. Contudo, entre todos os índices pesquisados pelo IBGE, foi a educação que apresentou os melhores índices. Nos últimos 20 anos a taxa de analfabetismos na faixa etária adulta diminuiu consideravelmente, devido ao aumento do número das matrículas no ensino básico.

O analfabetismo na população acima de 18 anos diminuiu 23,01% nas últimas duas décadas.

Em 1991, apenas 5,5% da população acima de 18 anos tinha o ensino fundamental completo; em 2013 são 30%. Entre as crianças de 5 e 6 anos, em 1991, 27% delas estavam matriculadas; em 2013, 95% frequentam a escola. Com relação aos adolescentes, em 1991, os jovens entre 11 e 13 anos, 35% estavam nos anos finais do ensino fundamental; em 2013 são 79%. Em 1991, apenas 3,85% dos baixagrandenses entre todas as idades tinham o ensino fundamental completo; em 2013 os números melhoraram, mas ainda está abaixo da média nacional, sendo que 44% concluíram essa fase de estudos. Há 24 anos, apenas 1,17% dos baixagrandenses entre 15 e 17 anos estavam cursando o ensino médio regular sem atraso; atualmente, esse índice chega a 20%. Com relação aos anos de estudos, em 1991, a expectativa da quantidade de anos de estudos era de apenas 5,7 anos; enquanto que em 2013, passou a ser 8,76 anos. Apesar da tímida evolução nos dados referentes a educação, os números estão abaixo da média nacional. Muitos jovens continuam fora da escola ou a abandonam. Estes jovens, ficam ainda mais expostos as mazelas sociais, ao tráfico de drogas e a violência.

Baixa Grande não possui instituições de ensino superior de modo presencial, nos últimos cinco anos duas faculdades de ensino a distância instalaram polos na cidade. A prefeitura mantém duas casas alugadas com mais de 50 vagas em Feira de Santana e Salvador, para alunos que não possuem condições financeiras de alugar moradias nessas cidades para que possam concluir o ensino superior.

Saúde

É no setor de saúde que está o pior pesadelo dos baixagrandenses, sempre entre os últimos colocados no ranking estadual. Em 2012, segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Baixa Grande ficou em último lugar no ranking dos piores sistemas de saúde da Bahia. Quais motivos levaram Baixa Grande a ocupar essa posição tão degradante e desanimadora para a sua população? A esperança de vida ao nascer em Baixa Grande é de 71,5 anos, na Bahia são 72 anos; a mortalidade até 1 ano de idade (por mil nascidos vivos) em Baixa Grande é de 23,1, no estado 21,7; a mortalidade até 5 anos de idade (por mil nascidos vivos) em

Baixa Grande 24,9, no âmbito estadual 23,5. Os dados apresentados não justificam essa posição indesejada, portanto, o problema é mais interno do que as estatísticas da SEI possam mostrar.

Em duas visitas informais ao único hospital presenciamos por diversas vezes momentos que comprovam esse rebaixamento no ranking da saúde, começando pelas filas formadas logo cedo pela manhã; pela forma quase rudimentar que alguns funcionários da unidade tratam a população; pela falta de medicamentos, equipamentos ultrapassados e velhos. É localizado em uma rua que sempre alaga, foto 07, durante a época de chuva, pacientes relatam que a água invade o hospital, a mais de um metro de altura, e existe um esgoto a céu aberto acerca de 30 metros do hospital.

Foto 07
Rua do Hospital de Baixa Grande alagada.



AUTOR: Ramom Machado, 2014.

Renda e trabalho

Utilizando o Índice Gini¹³, que mede o quão é concentrada a renda de uma região, em uma escala que vai de 0 a 1. O índice regista 0,53 no último levantamento, enquanto que a Bahia é mais desigual, com 0,62. A renda *per capita* é de R\$ 243,98, menos da metade do estado da Bahia, que é de R\$ 496,73. Outros dois dados alarmantes são as quantidades de pobres e de extremamente pobres em Baixa Grande. O primeiro alcança 45,30% da população enquanto o segundo relevantes

¹³ Quando mais próximo do 0, mais em igualdade de condição vive a população, quanto mais perto do 1, a sociedade é extremamente desigual.

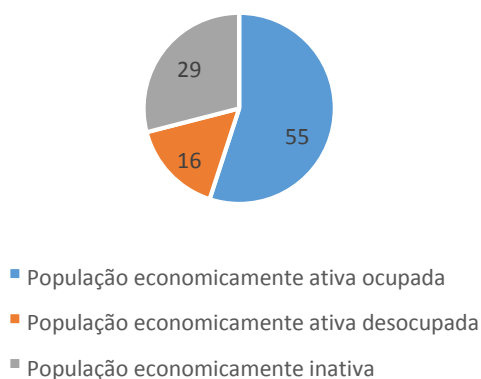
24,43%. Na Bahia, para efeito de comparação, os índices são 28,70% e 13,79% respectivamente (IBGE, 2013).

A taxa de atividade da população ocupada com 18 anos ou mais (população economicamente ativa), em 2010, corresponde a 55 %, a taxa de desocupação 16%; os outros 29% restantes representam a população economicamente inativa. A representação gráfica destes dados destaca os 16% da população economicamente ativa que está desempregada.

GRÁFICO 03

Composição da população ocupada, desocupada e inativa em Baixa Grande, 2013

Composição da população acima de 18 anos em relação ao mercado de trabalho em Baixa Grande/BA



FONTE: IBGE, 2013.

ELABORAÇÃO: Ramom Machado, 2015.

Quando analisamos o nível de escolaridade com a mão-de-obra ocupada divulgados pelo IBGE (2013), achamos os seguintes resultados: 30,3% dos empregados possuem ensino fundamental completo, e 19,85% concluíram o ensino médio. Com relação aos dados das pessoas com nível superior não foram divulgados pela pesquisa ou não possuem.

Infraestrutura

Como toda cidade brasileira, seja ela pequena, média ou grande, os problemas de infraestrutura são bastante comuns. Em Baixa Grande é possível encontrarmos ruas sem calçamento, encostas, matagal, esgoto a céu aberto, enchentes, entre tantos outros problemas.

Situada em um fundo de vale, essa posição geográfica é utilizada, há muitos anos, pelos governantes para justificar a deficitária infraestrutura da cidade. Muitas famílias pobres vivem em encostas, em casas sem calçadas ou até mesmo em casas de taipa propícias ao hospedeiro da Doença de Chagas. Os bairros mais periféricos são os mais abandonados.

Foto 08
Casas de taipa



FONTE: Ramom Machado, 2015.

Foto 09
Ruas sem calçamento



FONTE: Ramom Machado, 2015.

As habitações como podem ser observadas nas fotos 08 e 09 possuem sérios problemas de ordem estrutural e social. Segundo o IBGE (2010) mais de 20% das casas na cidade não têm água encanada ou rede de esgotamento sanitário; 5% não possuem energia elétrica instalada nos parâmetros da legalidade; e 3% não são atendidos pela coleta de lixo em domicílio. Estes 3% descartam seus lixos na natureza provocando danos ambientais e sujeira em alguns locais. A face da pobreza se faz presente a todo momento e em todas as partes. Parece que a cidade parou no tempo e aquela população não sente mais orgulho ou pertencimento a aquele lugar, as “coisas” parecem que ficaram mais distantes e a expectativa de um futuro melhor que nunca chega. A descrença nos políticos abateu a esperança e a vontade de crescer, principalmente dos jovens.

São nessas áreas onde praticamente não existe a presença do Estado, que a violência se espacializa mais rápido. A falta de planejamento urbano além do centro consolidado, aliado a uma lógica de segregação, na qual colocam em posições opostas àqueles que se beneficiam com os investimentos estatais, e os que vivem em situação de degradação das condições de vida. Apoderando-se dessa diferença, o tráfico de drogas alicia o jovem pobre com a promessa do lucro. Calejado pela falta de educação

e emprego, o tráfico aparece como uma oportunidade eminente de mudança de status social.

3.2 A dinâmica populacional em Baixa Grande

Com potencial de atração populacional rotativa, Baixa Grande recebe moradores de cidades próximas como: Feira de Santana, Ipirá, Itaberaba e Irecê. Esta população é formada basicamente por caminhoneiros, viajantes e famílias de outras cidades que procuram hotéis e pousadas para repousarem a noite.

As manifestações culturais do município atraem turistas e ex-moradores em alguns períodos do ano, como pode ser comprovado pela observação nas datas comemorativas, quando há aumento significativo da frota automobilística, de clientes em bares e restaurantes, além da expressiva movimentação de jovens nos tradicionais encontros que ocorrem na praça pública nos finais de semana que antecedem esses eventos. Destacamos as festas religiosas durante a Semana Santa, o São João (foto 10), o São Pedro, São Roque e a costumeira procissão da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, além da micareta no aniversário do município (foto 11) e a Vaquejada, sempre uma semana antes do natal. Shows com artistas reconhecidos, estadual e nacionalmente, também são realizados na cidade por empresários locais que aproveitam da localização de Baixa Grande e sua centralidade regional.

FOTO 10
Festa Junina em Baixa Grande, 2015



FONTE: Ramom Machado, 2015.

FOTO 11
Micareta em Baixa Grande, 2015



FONTE: Prefeitura Municipal, 2015.

A dinâmica populacional no cotidiano vai diferenciar alguns espaços na cidade, principalmente com o fluxo no sentido periferia-centro. É no horário comercial que encontramos o maior número de pessoas perambulando, seja a pé, de bicicleta, de

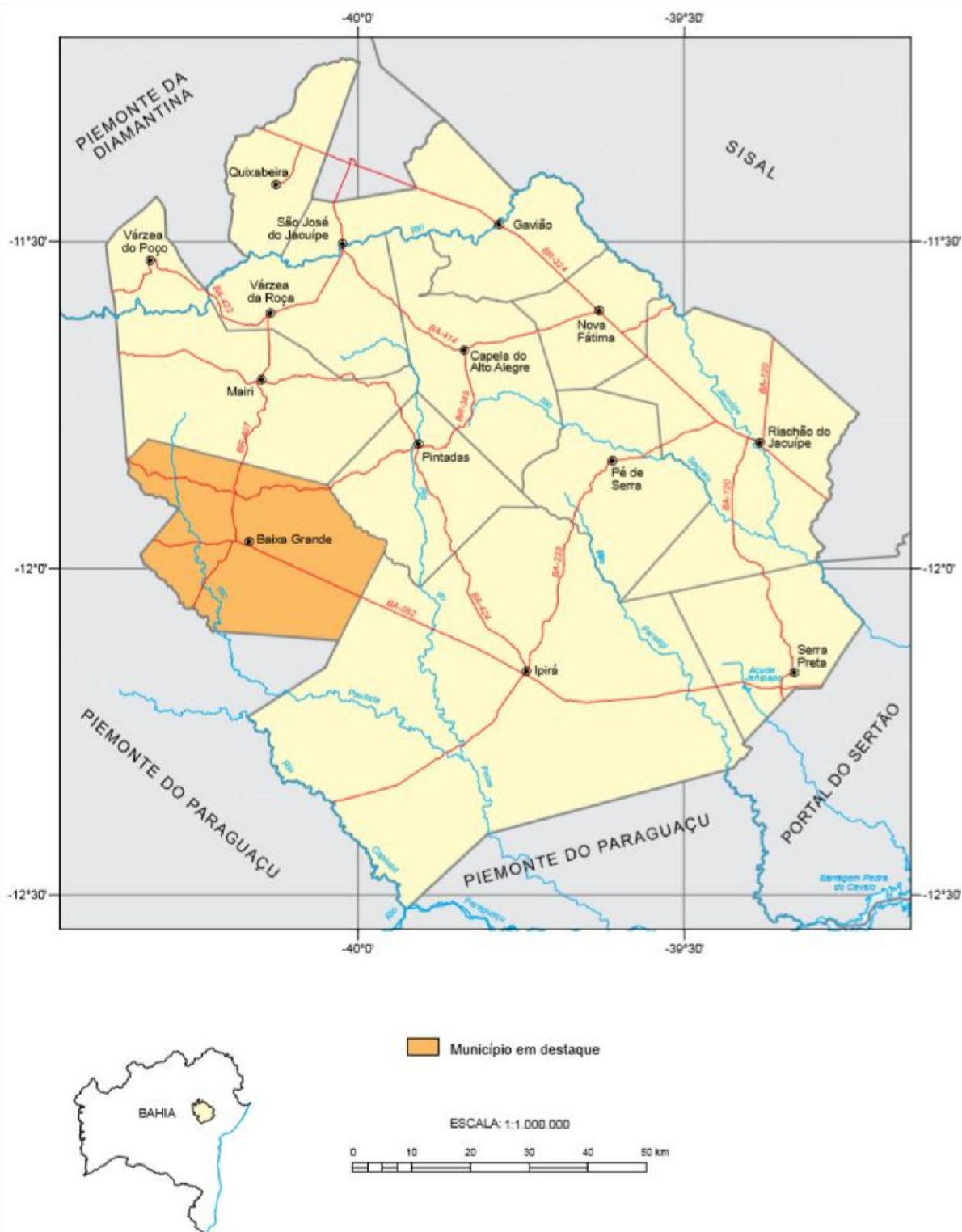
carro, de mototáxi ou de carroça. Durante os dias letivos as praças ficam lotadas de estudantes depois da aula, sejam eles da cidade ou advindos da zona rural. Depois das 19 horas tudo volta ao normal, poucas pessoas se aventuram a sair de casa. As ruas escuras não são nenhum atrativo, a falta de opções para o lazer noturno, até o forte calor é esquecido e o vento fresco produzido pelo efeito da continentalidade não atraem os moradores para uma caminhada ou um bate-papo na calçada.

3.3 Baixa Grande e sua similaridade urbana e social com as demais cidades do território de identidade da Bacia do Jacuípe

O conceito de Território de Identidade, agrupa municípios com afinidades sociais, culturais, históricas, econômicas, geográficas, etc., foi desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em 2003. Em 2007, a Secretaria de Planejamento Estado da Bahia (SEPLAN) adotou esse conceito de Território de Identidade. Hoje são reconhecidos 27 Territórios de Identidade na Bahia. O objetivo desta estratégia de gestão e política é estimular a cooperação e a articulação regional com foco no desenvolvimento (SEI, 2010).

O Território de Identidade da Bacia do Jacuípe está localizado no centro-norte do estado da Bahia, possui uma área de 10.605.76 km², fazendo divisa com municípios de quatro territórios: Sisal, Piemonte do Paraguaçu, Portal do Sertão e Piemonte da Diamantina. O Território insere-se no bioma da caatinga, sendo caracterizada por um clima semiárido, solos rasos e pedregosos e vegetação rasteira. A barragem do Rio Jacuípe, que corta o território e abastece os seus municípios. O território é formado pelos municípios de: Baixa Grande, Capela do Alto Alegre, Gavião, Ipirá, Mairi, Nova Fátima, Pé de Serra, Pintadas, Quixabeira, Riachão do Jacuípe, São José do Jacuípe, Serra Preta, Várzea da Roça e Várzea do Poço, como pode ser observado no mapa 03. Na economia, destacam-se a agropecuária (criação de gado bovino e de caprinos, cultura do feijão), e o setor de serviços. O cultivo de mamona para a produção de biocombustíveis no território, sendo uma alternativa de geração de emprego e renda. Este arranjo não constitui uma atividade especializada, observando-se a ausência de variedades mais produtivas e insumos modernos.

Mapa 03
Localização de Baixa Grande no Território de Identidade da Bacia do Jacuípe.



FONTE: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia/SEI, 2010.

Assim, como observa o conceito de território de identidade, existem muitas similaridades entre os quatorze municípios e suas cidades. Essas semelhanças vão além das questões culturais em comum, da predominância do catolicismo, do comércio, da política e composição da população. As cidades deste território possuem características análogas a morfologia urbana, tamanho populacional, economia, estrutura fundiária, desafios sociais e a seca ultrapassam a questão cultural. Na tabela 01, podemos observar o tamanho populacional de cada município.

Tabela 01
População dos municípios do território de Identidade da Bacia do Jacuípe, 2010.

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	TOTAL
Ipirá	29.009	30.334	59.343
Riachão do Jacuípe	19.860	13.312	33.172
Baixa Grande	8.338	11.722	20.060
Mairi	11.115	8.211	19.326
Serra Preta	6.920	8.481	15.401
Várzea do Poço	6.481	7.305	13.786
Pé de Serra	5.174	8.578	13.752
Capela do Alto Alegre	5595	5932	11.527
Pintadas	5.840	4.502	10.342
São José do Jacuípe	6.991	3.189	10.180
Quixabeira	3.663	5.891	9.554
Várzea da Roça	5.789	2.872	8.661
Nova Fátima	5.074	2.528	7.602
Gavião	2.538	2.023	4561
Território Bacia do Jacuípe	188.854	114.828	233.682

Fonte: IBGE, 2010.

Elaboração: Ramom Machado, 2015.

Analisando a tabela 01, podemos observar que aproximadamente 52% da população do território de identidade da Bacia do Jacuípe vivem na zona urbana, enquanto 48% residem na zona rural. Números totalmente diferentes quando se comparados com o índice de urbanização no Brasil, que segundo o IBGE (2010)

ultrapassam os 84%. Entre os estados da federação, a Bahia possui o maior contingente população rural 30%.

Estes dados refletem bem o cotidiano dessas cidades e a forte influência do rural no urbano. Encontrar carroças, boiadas, criações de galinhas, porcos e outros animais de pequeno porte, além de hortas é muito comum até mesmo nas partes mais centrais da cidade.

Foto 12

Boiada na rua Cosme de Farias em Baixa Grande, 2015.



Autor: Wendel Henrique Baumgartner
 Data: 10/03/2015 (manhã)
 Local: Baixa Grande

Entre todas as cidades da região, Ipirá é a única que possui população superior a 20 mil habitantes na sede. Possui funções que nenhuma outra cidade do território tem, como um hospital de emergência, concessionárias de carros e motos, faculdade presencial, fábricas de grande porte, desempenhando assim, um papel diferenciado na rede urbana regional. Machado e Sousa (2014) descrevem assim a cidade de Ipirá:

“Em meio a potencialidades e contradições, ao percorrer as ruas de Ipirá nota-se diferenças significativas em comparação com as cidades circunvizinhas, seja na infraestrutura do centro, na frota automobilística, na quantidade de lojas comerciais, ou em serviços públicos e particulares” (MACHADO e SOUSA, 2014, p.05).

Os mesmos autores continuam mostrando as diferenças que permeiam a única cidade do território que não se enquadra totalmente nos parâmetros de uma pequena cidade.

No setor industrial, destaca-se como um importante polo nacional na produção de artefatos de couro (bolsas, sapatos, cintos, selas, carteiras etc.), atendendo o nível de exigência de qualidade do mercado brasileiro e de outros países. Este ramo de atividade industrial emprega aproximadamente 4 mil

pessoas direta e indiretamente. A atividade é capaz de manter o sustento de inúmeras famílias que trabalham diariamente para garantir a demanda do mercado consumidor (MACHADO e SOUSA, 2014, p.06 e 07).

A economia do território de identidade é bastante afim entre seus municípios, como pode ser observado na tabela 02. O comércio e os serviços são os motores giratórios dessas economias, a indústria incipiente e a agropecuária vem em seguida. Vale apenas ressaltar que a agricultura tem preponderância em relação a indústria, considerando que uma parcela significativa de tudo que é produzido é destinado ao autoconsumo e não aparece na contabilidade oficial.

Tabela 02
Participação dos setores da economia no PIB do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe em 2007.

MUNICÍPIOS/ TERRITÓRIO/ ESTADO	AGROPECUÁRIA	INDÚSTRIA	COMÉRCIO/ SERVIÇOS	TOTAL (Em milhões de R\$)
Ipirá	24,32	28,06	128,5	193,63
Riachão do Jacuípe	6,33	9,84	72,37	93,84
Baixa Grande	4,65	5,15	41,16	53,06
Mairi	4,90	4,66	40,94	52,57
Serra Preta	4,51	3,80	30,14	39,75
Várzea do Poço	4,25	3,57	25,87	35,06
Pé de Serra	3,50	3,10	23,03	30,64
Capela do Alto Alegre	3,05	4,11	21,52	29,93
São José do Jacuípe	3,66	2,64	20,37	27,97
Várzea da Roça	4,22	2,39	18,20	25,94
Pintadas	4,03	2,36	18,63	25,83
Quixabeira	2,04	2,26	17,67	22,87
Nova Fátima	1,86	2,07	15,92	20,79
Gavião	1,92	1,07	9,06	12,40
Território Bacia do Jacuípe	73,22	75,08	483,39	664,25
Bahia	8.221,34	26.792,91	60.147,05	109.651,84

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Elaboração: Ramom Machado, 2015.

O terceiro setor, comércio e serviços, é responsável por 74% do PIB do território de identidade da Bacia do Jacuípe, seguido pela indústria com 14% e pela agricultura com apenas 12%. A gritante diferença pode ser explicada por alguns motivos: o baixo grau de investimento na agropecuária; um deficiente sistema de irrigação condizente com as variantes climatológicas; correção do solo raso e pedregoso; número insuficiente de açudes e barragens para utilização animal; falta de incentivo dos bancos públicos; e um aumento cada vez maior da burocracia em financiamentos de máquinas e equipamentos. O setor industrial carece de atração para o investimento nesses locais, falta mão-de-obra especializada, malha viária para escoamento da produção e incentivos fiscais. Para analisarmos melhor o tamanho desproporcional do terceiro setor sobre os demais, como observado na tabela 02.

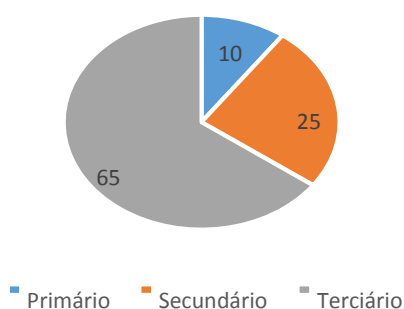
Assim como acontece em Baixa Grande, o funcionalismo público e os pensionistas representam a maior parte dos consumidores e chefes de família no território. Apesar da força do comércio, o salário pago por este setor não costuma ultrapassar a barreira de um salário mínimo e em alguns casos os empregados recebem até menos e não tem os direitos da CLT garantidos. A falta de órgãos reguladores contribui para essa prática muito comum nestas cidades.

Esses dados são diferentes quando observamos a escala estadual. A indústria aumenta sua participação na economia do estado em detrimento dos outros dois setores. Os municípios da região metropolitana de Salvador e Feira de Santana e as indústrias de beneficiamento de grãos, no oeste do estado, ajudam a alavancar para a casa dos 30% a participação industrial.

GRÁFICO 04

A participação dos três setores na economia em 2015*

Estimativa do PIB baiano por setor da economia em % - 2015



*Os números definitivos não foram divulgados.

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia/SEI, 2016.

Autor: Ramom Machado, 2016.

Os números comprovam quão pobre é o território de identidade da Bacia do Jacuípe correspondendo apenas 0,6% do PIB baiano. A pobreza nessas cidades é desoladora a concentração de renda está mãos de poucas famílias tradicionais, que estão no poder desde a emancipação destes municípios.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma das melhores ferramentas para observar o alastramento da pobreza, das desigualdades sociais em um município. É uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. No caso do território de identidade da bacia do Jacuípe esses índices são considerados baixos e sem perspectiva de crescimento como pode ser observado no quadro 04.

Quadro 04
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) dos municípios do território de identidade da Bacia do Jacuípe, 2013.

CIDADE	IDHM
Riachão do Jacuípe	0,628
Pintadas	0,612
Gavião	0,599
Capela do Alto Alegre	0,599
Nova Fátima	0,597
Pé de Serra	0,587
Baixa Grande	0,585
Quixabeira	0,578
Várzea do Poço	0,575
Mairi	0,572
Serra Preta	0,566
São José do Jacuípe	0,552
Ipirá	0,549
Várzea da Roça	0,539

Fonte: IBGE (2013).

Elaboração: Ramom Machado, 2015.

A pobreza poderia fazer parte da definição do conceito de território de identidade proposto pelo governo da Bahia, pois entre todas as características em comum, ela está presente em todos os municípios. Podemos observar que Ipirá que possui o maior

PIB, tem o segundo pior IDHM, o que comprova a grande desigualdade social visível em suas ruas. A expectativa de vida neste território está na média dos números do estado, 72 anos segundo o IBGE (2010).

FOTO 13
Bairro Novo Horizonte, Ipirá.



AUTOR: Ramom Machado, 2015.

FOTO 14
Bairro Quadra Q, Baixa Grande.



AUTOR: Ramom Machado, 2015.

A ausência de urbanização nos bairros periféricos, foto 13 e 14, além de prejudicar a qualidade de moradia, também influencia radicalmente na oferta de serviços públicos básicos, como educação e saúde para a população mais pobre, como ocorrem nessas cidades. No caso de Baixa Grande só existe uma creche e um pequeno posto de saúde nos bairros mais populares para atender um grande contingente populacional, as pessoas mostram-se bastante insatisfeitas com a situação.

O poder público culpa a falta de dinheiro no orçamento para realização de obras de esgoto e pavimentação nesses bairros. Relatam sempre os números das dívidas da prefeitura, alegam que não podem retirar o dinheiro dos salários dos servidores públicos para melhorar a infraestrutura desses lugares. No período de chuva as principais vias ficam intransitáveis, a quantidade de lixo aumenta, assim como as doenças de pele e respiratórias.

A violência nessas cidades e nos bairros mais pobres assustam cada vez mais os moradores do território de identidade da Bacia do Jacuípe. Fazendo reviver a visão econômica sobre o crime bastante difundido na década de 1960 pelos modelos de Ehrlich¹⁴, onde violência e pobreza são indissociáveis. Os próprios moradores

¹⁴ Segundo a pesquisadora do IPEA Rute Rodrigues (2005), a visão econômica sobre o crime e a violência foi bastante influenciada pelo modelo desenvolvido por I. Ehrlich no final dos anos 1960. O modelo desta linha estabelece uma relação entre a pobreza (renda) e a criminalidade que é facilmente identificada na função de oferta de crime. Esta função representa os incentivos, em termos de renda,

acreditam que a pobreza do bairro leva os jovens para o mundo da criminalidade, repetindo o discurso hegemônico do capital. As redes sociais, os *blogs*, os *sites* e os jornais relatam todos os dias acontecimentos violentos nessas cidades, com destaque para Ipirá, Baixa Grande e Pintadas. Só em 2015, Ipirá registrou 18, Baixa Grande 13 e Pintadas 8 homicídios. A similaridade dos casos e a tipologia do crime levantam algumas hipóteses, como a integração e comunicação das gangues, formação de cartel e crime organizado.

Em recente pesquisa pela internet foi encontrada de forma simples a ação e a crueldade que esses bandos utilizam para conseguirem seus objetivos. Em oposição, existe uma polícia sem recursos e sem ação de combate, não consegue evitar e nem solucionar as adversidades, então resta apenas para a população a reclusão em suas residências cada vez mais impenetráveis.

O outro lado de viver em uma pequena cidade nos remota aos tempos áureos da tranquilidade. Porém nem tudo está perdido, mesmo atravessando momentos conturbados, essas cidades continuam sendo um caldeirão cultural de tradições centenárias que conseguem ter a participação de toda a população local.

O território é muito diversificado em suas manifestações culturais, tendo o samba de roda presente na maioria dos municípios, praticado tanto na zona rural, quando na urbana, sendo uma característica marcante da Bacia do Jacuípe, assim como o reisado, teatro de rua, música de raiz, dança sertaneja e africana, as festas religiosas, as quadrilhas juninas são um espetáculo à parte, as festas dos vaqueiros, as micaretas e tantas outras. As manifestações contemporâneas ajudam a conectar a população mais jovem com as tendências nacionais e internacionais, como o Pop, o Hip Hop, o Rock, o Street Dance, o Funk, o sertanejo universitário, a turma do skate e patins, da serigrafia, da pintura. E as festas gerais dão movimento não só a vida sociocultural, como também a economia do território, que possui um patrimônio imaterial muito rico.

que atuam na escolha entre atividades legais e ilegais e determina que quanto maior a diferença entre os rendimentos das oportunidades ilegais (o crime) e das legais (o trabalho), maior o ganho de cometer um ato ilegal.

4 AS PAISAGENS DO MEDO E A VIOLÊNCIA NA CIDADE DE BAIXA GRANDE

Pelas evidências apresentadas é nítido que a violência vem assolando Baixa Grande e o crime se especializando em seu território. A população, à mercê do Estado, procura se proteger de todas as formas. Os consideráveis índices de homicídios, latrocínios e tráfico de drogas e seus pares são os que causam a maior sensação de medo na sociedade.

Porém, outras tipologias de crimes estão se popularizando na cidade, seja (ou não) em consonância com os já citados anteriormente, o roubo e o furto, vem elevando o grau de preocupação dos moradores e comerciantes, que cada vez mais investem em segurança. Transformam suas casas e lojas em verdadeiras fortalezas com muros e grades altas, cercas elétricas, cães ferozes e em alguns casos, armas em casa. Até a população mais pobre tenta se defender com a utilização de câmeras de segurança, como pode ser observado na foto abaixo em pleno centro da cidade.

FOTO 15

Casa em Baixa Grande com sistema de filmagem, 2015.



FONTE: Ramom Machado, 2015.

Vem se tornando comum na cidade de Baixa Grande construir residências em formatos de “caixas”, quase impenetráveis. Para efeito de comparação de como a paisagem urbana vem se transformando em uma paisagem do medo, seguiremos o

pensamento de Tuan (2006), nos aproximando da história e introduzindo a temporalidade como necessária para a averiguação dos fatos.

Nas fotos 16 e 17 podemos observar como a paisagem urbana era construída em Baixa Grande, antes dos casos de violência se tornarem tão comuns. As famílias mais abastadas da cidade erguiam suas casas com pequenos jardins, muros e grades baixas para que todos pudessem observar o diferencial econômico existente.

FOTO 16
Casa antiga em Baixa Grande



FONTE: Ramon Machado, 2014.

Foto 17
Casa antiga em Baixa Grande



FONTE: Ramon Machado, 2014.

Agora, os novos padrões construtivos para as residências não contemplam mais os jardins, as grades baixas e os pequenos muros, fotos 18, 19, 20 e 21. O que reflete a nova realidade do local. Em todos os bairros e ruas é notório o novo padrão arquitetônico de segurança máxima.

Foto 18
Casa nova em Baixa Grande



FONTE: Ramom Machado, 2014.

Foto 19
Casa nova em Baixa Grande



FONTE: Ramom Machado, 2014.

FOTO 21
Muro alto e cerca elétrica.



FONTE: Ramom Machado, 2015.

FOTO 22
Casa gradeada em Baixa Grande, 2015.



FONTE: Ramom Machado, 2015.

As casas das fotos 18, 19, 20 e 21 estão situadas respectivamente em quatro bairros distintos, Jardim Cruzeiro, Cruzeiro, Alto de Guinho e Bela Vista, quatro pontos diferentes, mas com o mesmo sentimento de medo compartilhado.

Talvez uma explicação para esse novo modelo de moradia esteja na quantidade de roubos e furtos a residências (54 casos), ocorridos entre 01/01/2013 e 31/07/2014 em Baixa Grande e, registrados, na delegacia local. Os números podem ser bem maiores, pois muitos não registram as ocorrências e as paisagens do medo vão se disseminando por toda a cidade. O medo é um sentimento, embora possa ser percebido como instinto, ele é resultado da construção e, nesse sentido, pode ser estudado como fruto da cultura ou como paisagem. Essa paisagem do medo, segundo Tuan (2006), pode ser definida como um estado psicológico ou no meio ambiente real. Dentre elas, o medo de assaltantes em ruas desertas e em certos bairros, por exemplo.

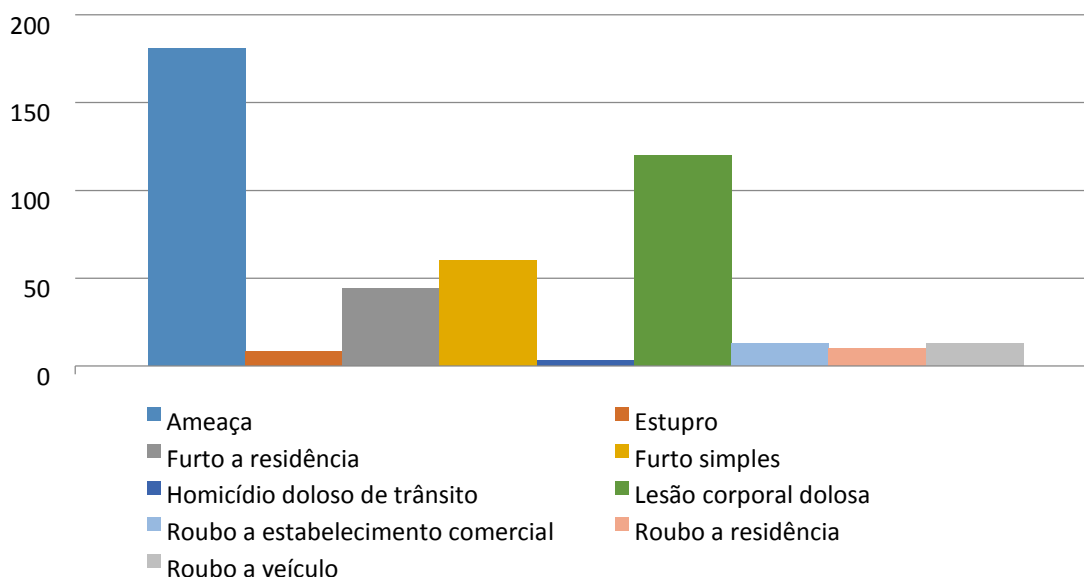
Essas moradias são construídas apenas com intuito das pessoas se protegerem delas próprias, priorizando a segurança em detrimento do embelezamento urbano. “É impossível esperar que uma sociedade como a nossa, radicalmente desigual e autoritária, baseada em relações de privilégio e arbitrariedade, possa produzir cidades que não tenham essas características” (MARICATO, 2001, p. 51). A segregação tanto social quanto espacial é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação (CALDEIRA, 2000).

4.1 A espacialização da violência em Baixa Grande

Para analisarmos a situação da cidade, através dos números e do local onde ocorrem os casos de violência, elaboramos dois gráficos e dois mapas sínteses com a espacialização da violência em Baixa Grande. O gráfico 05, produzido com dados coletados na Secretaria de Segurança Pública da Bahia, conta com as tipologias de crimes mais comuns, ocorridos entre 01 de janeiro de 2013 e 31 julho de 2014¹⁵. Segundo os inquéritos policiais, os jovens entre 16 e 28 anos representam mais de 50% dos envolvidos, sendo negros ou pardos e pobres na maioria dos casos e vindos de bairros periféricos e sem infraestrutura. Nos depoimentos eles justificam o envolvimento com o crime como reflexo da pobreza, precariedade de condições de vida e desigualdade social. Todos esses fatores já foram elencados anteriormente. As questões culturais, a baixa taxa de alfabetização – segundo o IBGE (2010) cerca de 30% dos jovens entre 12 e 18 anos estão fora da escola – e a frustração por não poderem adquirir determinados bens de consumo (roupas de marcas, smartphones, tênis, etc.) numa sociedade capitalista, também ajuda a moldar negativamente o comportamento dos jovens, levando-os a participarem das estatísticas do crime.

Gráfico 05

Crimes ocorridos entre 01/01/2013 e 31/07/2014 na cidade de Baixa Grande



FONTE: Elaborado por Ramon Machado a partir dos dados disponibilizados pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia, 2014.

¹⁵ A Secretaria de Segurança Pública da Bahia está em processo de atualização dos dados. Até o dia da consulta apenas este período estava disponível.

Durante o período observado, notamos que as ameaças de morte e de lesão corporal foram responsáveis por 180 denúncias, seguidas por lesão corporal dolosa, brigas entre gangues, rixas entre moradores de bairros rivais e confusões em festas, que somam quase a totalidade das 120 queixas prestadas nesta modalidade. Os furtos simples aparecem em terceiro lugar com 60 denúncias. O roubo de carteiras e furtos de produtos em lojas são os mais comuns.

Ainda nesse período, 44 casas foram furtadas¹⁶ e bens de valores roubados. Residências foram invadidas por ladrões armados, 10 no total, durante este período. Os veículos também são alvos visados pelos infratores, 13 carros foram roubados a mãoarmada na cidade durante o tempo analisado. Roubo a lojas e a supermercados também são frequentes, tendo sido registradas 13 ocorrências.

Adicionalmente, o número de estupros, oito nestes dezenove meses pesquisados, surpreende-nos por ser um dos tipos de violência mais bruta e, denunciar um estuprador em uma pequena cidade continua sendo tabu. Muitas meninas e mulheres escondem da própria família e não denunciam o criminoso à polícia por vergonha da sociedade conservadora. Por fim, foram registrados três homicídios dolosos, no trânsito, nas avenidas e ruas da cidade.

Para efeito de observação e espacialização dos dados citados e analisados anteriormente, elaboramos o mapa 04, especificando o local dos quatro tipos de violência mais comum em Baixa Grande (ameaça, furto e roubo a residências, lesão corporal dolosa, e tráfico de drogas). Em um primeiro momento foi utilizado de forma aproximada uma divisão com limite de bairros, que não é a oficial, pois a cidade não possui essa delimitação. Para que não houvessem erros com essa aproximação, utilizamos os setores censitários do IBGE (2015). Vale ressaltar que a escolha da divisão a partir dos setores censitários corresponde exatamente com os dados coletados no trabalho de campo.

No mapa 04, podemos analisar por setor censitário a quantidade de ameaças e lesões corporais registradas na cidade de Baixa Grande. Com relação as ameaças, podemos observar que o setor 01 do mapa, formado basicamente pelos bairros da

¹⁶ Os furtos as residências em Baixa Grande são mais comuns durante as férias escolares (de julho e janeiro), quando as famílias costumam viajar para o litoral e suas casas ficam desabitadas.

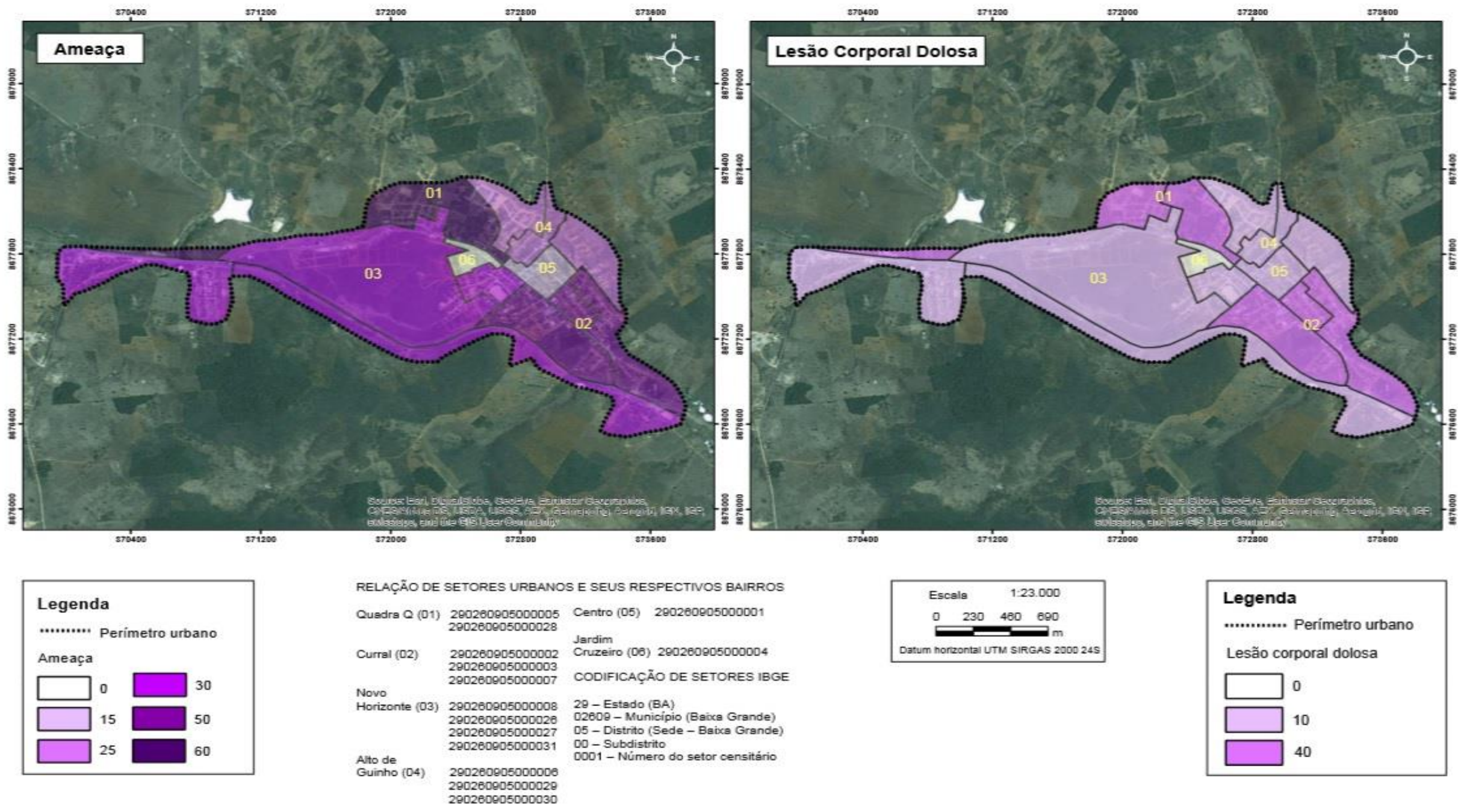
Quadra Q e Pecuária, apresentou a maior taxa de denúncias. Contabilizando 60 queixas, enquanto o setor 02, constituído pelos bairros do Curral e do Tapete, registrou 50 ocorrências. O setor 03, engloba os bairros do Cruzeiro e Novo Horizonte, anotando 30 casos. O setor 04, abarca os bairros do Salgadinho e da Bela Vista, onde ocorreram 25 denúncias, contra 15 da região do centro (setor 05), totalizando assim, 180 casos. Não foi registrada nenhuma ocorrência no setor 06.

No período analisado ocorreram 110 queixas relacionadas a lesões corporais danosas. Os bairros do Curral e do Tapete situados no setor 02, e os bairros da Quadra Q e Pecuária, no 01, lideram com 40 casos cada um. Os setores 03, 04 e 05 aparecem com 10 casos. Não foi registrada nenhuma ocorrência no setor 06.

Os dois setores censitários que apresentam os maiores números de ocorrências nos dois tipos de violência, são compostos por pessoas de baixa renda e escolaridade. São setores de predomínio residencial de fraca estrutura e elevados índices de outras tipologias violentas.

MAPA 04

ESPACIALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR SETOR CENSITÁRIO CIDADE DE BAIXA GRANDE – BAHIA 2013 - 2014



Elaborado por: Liane Martins e Ramom Machado (2016).

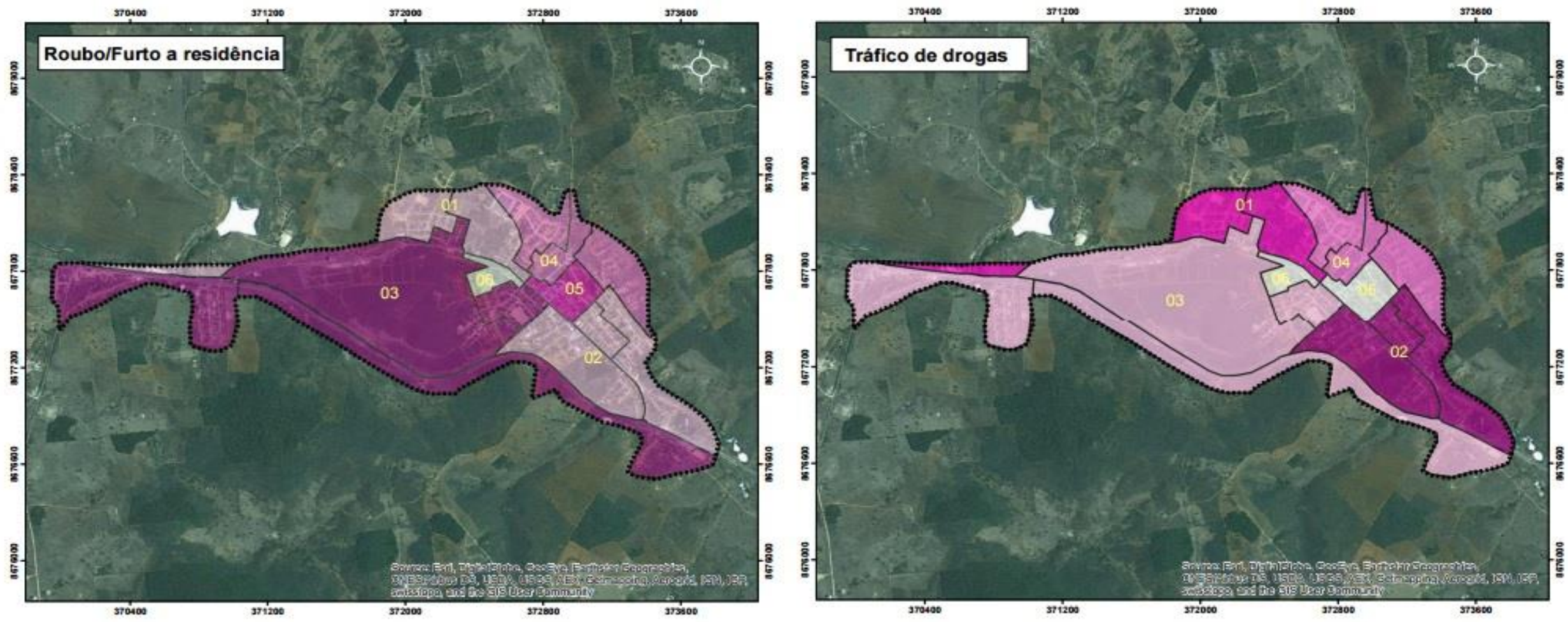
Ao colocarmos os mapas em sobreposição podemos observar que nos setores 01 e 02 foi onde ocorreram mais ameaças e lesões corporais. Os bairros que compõem esses setores são a Quadra Q, Pecuária, Curral e Tapete. Os casos mais comuns são brigas em bares, disputas pelo território, violência doméstica e cobranças de dinheiro do tráfico. Os setores mais centrais são os que menos apresentaram problemas relacionados a esses dois tipos de ocorrências.

No mapa 05, temos a espacialização de Roubos e furtos a residências e o tráfico de drogas. Os roubos e furtos nesse período somaram 54 casos, tendo a maior quantidade de denúncias no setor 03, com 22 casos no total. Este setor é composto pelos bairros do Cruzeiro e do Novo Horizonte. O centro, setor 05, aparece em segundo lugar com 18 ocorrências, casas comerciais são os alvos favoritos dos ladrões nesta região. No setor 04 (Salgadinho e Bela Vista), foram 10 residências roubadas ou furtadas, enquanto que nos setores 02 (Curral e Tapete) e no 01 (Quadra Q e Pecuária), apenas 2. Totalizando 54 ocorrências. Não foi registrada nenhum roubo ou furto no setor 06.

Por fim, em relação ao tráfico de drogas os dois bairros com maiores ocorrências são o do Curral e a Quadra Q respectivamente. No setor 02 ocorreram 48 denúncias ou apreensão de drogas. Neste setor recentemente ocorreu uma megaoperação em conjunto da polícia civil e militar, com dezenas de pessoas presas ou levadas coercitivamente para prestarem depoimentos. Entre os presos se destacam as figuras dos “aviãozinhos” (pessoa que leva o tóxico para um comprador e volta com o dinheiro para o traficante dono da droga), na maioria das vezes são adolescentes e jovens que fazem esse serviço. No setor 01, foram registrados 34 nesse período. O setor 04 registrou 18 casos, número significativo e em franca ascensão. O bairro Alto de Guinho tem registrado ultimamente, com mais frequência, casos de violência que não faziam parte do cotidiano desse lugar, o setor 04 é mais um território dominado pelo tráfico de drogas em Baixa Grande. O setor 03 possui a maior invasão habitacional da cidade, composto por mais de 200 residências do programa social “Minha Casa, Minha Vida”. As residências foram invadidas antes da inauguração por usuários de drogas em detrimento dos reais donos, o setor registrou 10 casos. Totalizando assim, 110 ocorrências no período observado. Não foi registrada nenhuma ocorrência no setor 06.

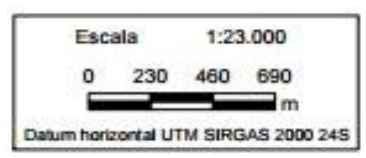
MAPA 05

ESPACIALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR SETOR CENSITÁRIO CIDADE DE BAIXA GRANDE BAHIA 2013 - 2014



RELAÇÃO DE SETORES URBANOS E SEUS RESPECTIVOS BAIROS

Quadra Q (01)	290260905000005 290260905000028	Centro (05)	290260905000001
Curral (02)	290260905000002 290260905000003 290260905000007	Jardim Cruzeiro (06)	290260905000004
Novo Horizonte (03)	290260905000008 290260905000026 290260905000027 290260905000031	CODIFICAÇÃO DE SETORES IBGE	
Alto de Guinho (04)	290260905000006 290260905000029 290260905000030	29 – Estado (BA)	
		02609 – Município (Baixa Grande)	
		05 – Distrito (Sede – Baixa Grande)	
		00 – Subdistrito	
		0001 – Número do setor censitário	



Elaborado por: Liane Martins e Ramom Machado (2016).

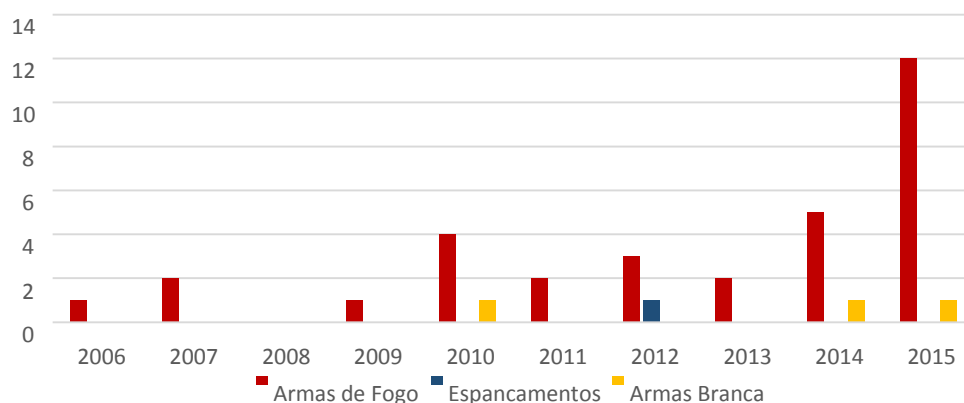
Na sobreposição e relação entre os dois tipos de crimes, roubo e furtos e o tráfico de drogas, podemos notar com mais clareza o que foi observado anteriormente. Os setores censitários que possuem a maior incidência de roubos e furtos a residências, são os que possuem as menores ocorrências de tráfico de drogas. Isso se dá pela questão socioespacial e pelo código de conduta dos próprios meliantes em não praticarem roubos em seus bairros de origem, e sim nas zonas mais nobres como é o caso dos setores 03 e 05.

Com relação aos homicídios, o que mais intriga a população local é a quantidade de ocorrências em um curto espaço de tempo. Entre 2002 e 2005 foram registradas apenas uma morte violenta por ano na cidade de Baixa Grande.

No gráfico 06, as mortes violentas no período entre 1 de janeiro de 2006 e 31 de dezembro de 2015, vitimaram 56 pessoas em todo município, das quais 36 foram vítimas, diretas ou indiretas, do tráfico de drogas apenas na sede municipal.

Para uma análise mais precisa foram consultados os atestados de óbitos deste período e as documentações policiais. Todos os homicídios estão associados com a venda de entorpecentes na cidade. Abaixo podemos observar como esse tipo de violência se tornou banal em uma sociedade até então acostumada com a tranquilidade em suas ruas, e agora convive com o tipo mais bárbaro da violência, assassinatos.

Gráfico 06
Mortes violentas relacionadas com o tráfico de drogas na cidade de Baixa Grande entre 01/2006-12/2015



FONTE: Elaborado por Ramon Machado (2016) a partir da sistematização dos dados da Secretaria de Segurança Pública da Bahia. E das consultas aos atestados de óbito no cartório local e do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), Ministério da Saúde, em 2015.

A partir do ano de 2006, as mortes violentas por armas de fogo, armas brancas e instrumentos contundentes (pedras, pedaço de madeira) passaram a fazer parte do cotidiano da cidade. Coincidentemente, é a partir deste momento que a mídia começa a divulgar apreensões de entorpecentes na região (crack, cocaína e maconha).

Nos anos de 2007, 2008 e 2009 ocorreram três mortes violentas envolvendo o tráfico de drogas. A baixa incidência nestes três anos foi reflexo do aumento da fiscalização nas rodovias que cortam o município e pela presença da Companhia Independente de Policiamento Especializado na Caatinga (CIPE/Caatinga). Polícia conhecida na cidade pelo uso da força bruta nas ações e no enfrentamento ao crime organizado e tráfico de drogas.

Passado o momento de certa tranquilidade, o ano de 2010 se consolidou como um dos mais violentos dos últimos oito. Foram cinco homicídios relacionados ao tráfico de drogas. Quatro mortes com utilização de armas de fogo e uma a golpes de foice. Em 2010, Baixa Grande apresentou pela primeira vez uma taxa de 9,8 homicídios para cada 100 mil habitantes, o que caracteriza segundo o Ministério da Saúde, como um caso de violência endêmica.

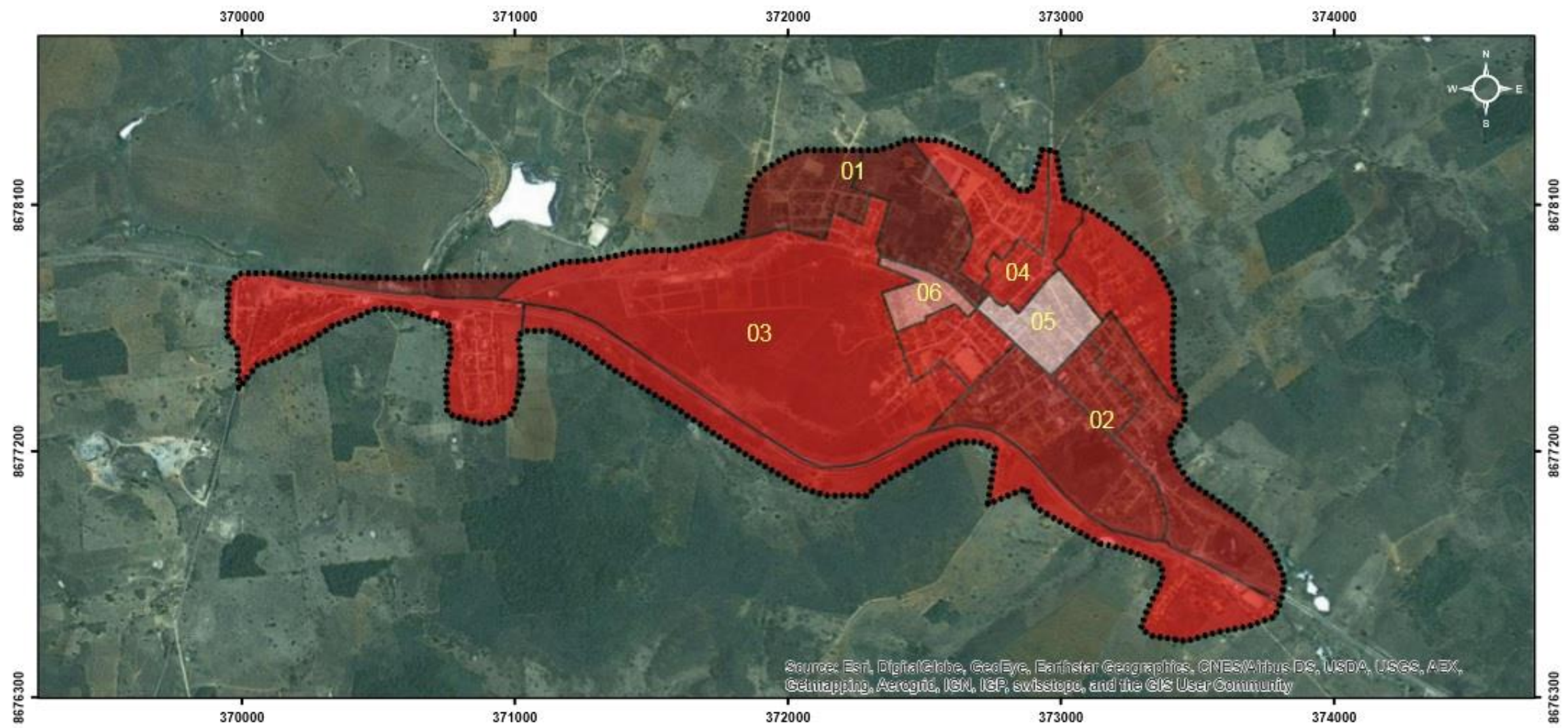
Em 2011, foram registradas duas mortes com armas de fogo relacionadas com o tráfico de drogas. Assim como nos anos anteriores, a totalidade destas mortes são do sexo masculino. No ano de 2012, ocorreram três homicídios com armas de fogo e uma por espancamento, totalizando quatro mortes em virtude do tráfico de drogas. Em 2013, houveram duas mortes por projéteis de armas de fogo relacionadas com o tráfico.

Durante o ano de 2014, Baixa Grande registrou seis homicídios relacionados com o tráfico de drogas, cinco com a utilização de armas de fogo e uma com golpes de faca. É notório que os homicídios ou assassinatos ganhem um destaque maior, pois geram mais repercussão e alimentam a indústria da espetacularização da violência.

O ano de 2015 foi o mais violento da história de Baixa Grande ao longo dos seus 130 anos de emancipação política. Foram ao todo 13 assassinatos, o que dá uma média de mais de um homicídio por mês. No total 12 vítimas por disparo de armas de fogo e uma degolada por faca.

MAPA 06

ESPACIALIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS POR SETOR CENSITÁRIO CIDADE DE BAIXA GRANDE BAHIA 2006-2015



Legenda

..... Perímetro urbano

Número de homicídios

2	5	13
3	8	

Escala 1:20.000

0 200 400 600 m

Datum horizontal UTM SIRGAS 2000 24S

RELAÇÃO DE SETORES URBANOS E SEUS RESPECTIVOS BAIROS		CODIFICAÇÃO DE SETORES IBGE
Quadra Q (01)	290260905000005 290260905000028	29 – Estado (BA) 02609 – Município (Baixa Grande)
Curral (02)	290260905000002 290260905000003 290260905000007	05 – Distrito (Sede – Baixa Grande) 00 – Subdistrito 0001 – Número do setor censitário
Novo Horizonte (03)	290260905000008 290260905000026 290260905000027 290260905000031	
Alto de Guinho (04)	290260905000006 290260905000029 290260905000030	
Jardim Cruzeiro (06)	290260905000004	
Centro (05)	290260905000001	

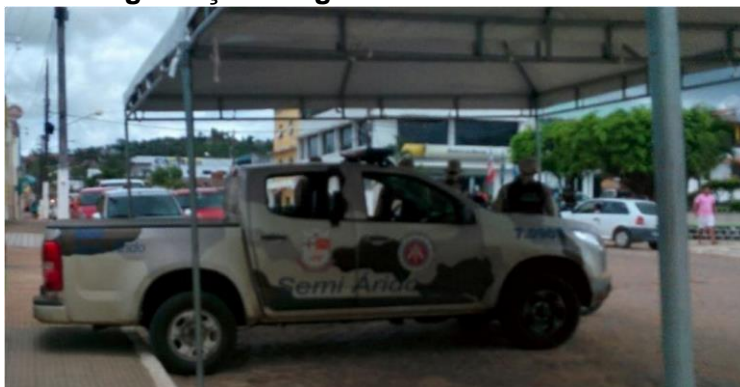
Elaborado por: Liane Martins e Ramom Machado

Todos os setores censitários urbanos apresentaram estatísticas no número de homicídios nos últimos 10 anos. Como não poderia ser diferente, os setores 01 e 02 possuem as maiores taxas, seguidos pelos setores 03 e 04 que podem ser consideradas zonas de influência dos bairros do Curra e Quadra Q. Os setores 05 e 06 apresentaram os menores números em decorrência de serem áreas comerciais e a sede da polícia na cidade.

A grande quantidade de delitos e homicídios não reflete na quantidade de criminosos presos, sendo apenas oito até o dia 31/12/2015. A cidade não possui presídio e os delinquentes estão alocados na única delegacia de polícia civil. Além dos homicídios, assaltos a instituições financeiras também são comuns em Baixa Grande. Existe no setor 06 duas agências bancárias, o Banco do Brasil e um banco cooperativa SICCOOB. Nos últimos quatro anos os bancos foram assaltados quatro vezes, funcionários e clientes sofreram sequestros e as agências foram destruídas. Apenas uma vez a polícia conseguiu prender alguns acusados, mas não foi o suficiente para inibir as ações dos criminosos. Outro crime praticado na cidade é a “saidinha” bancária em funcionários e aposentados durante o dia do pagamento, as principais vítimas são mulheres e idosos. Para tentar combater esses delitos as agências bancárias e a polícia militar tomaram algumas atitudes. Os bancos reduziram seus horários de funcionamento e durante os sábados, os domingos e os feriados, as salas de autoatendimento permanecem fechadas, impossibilitando os clientes de fazerem qualquer tipo de transação. A polícia militar por sua vez, reforçou a segurança, viaturas ficam paradas em ruas próximas aos bancos e com homens fortemente armados. Depois destas ações não foram mais registradas na cidade roubos a bancos e nem as “saidinhas” bancárias.

FOTO 22

Polícia militar fazendo segurança em agência bancária de Baixa Grande, 2015.



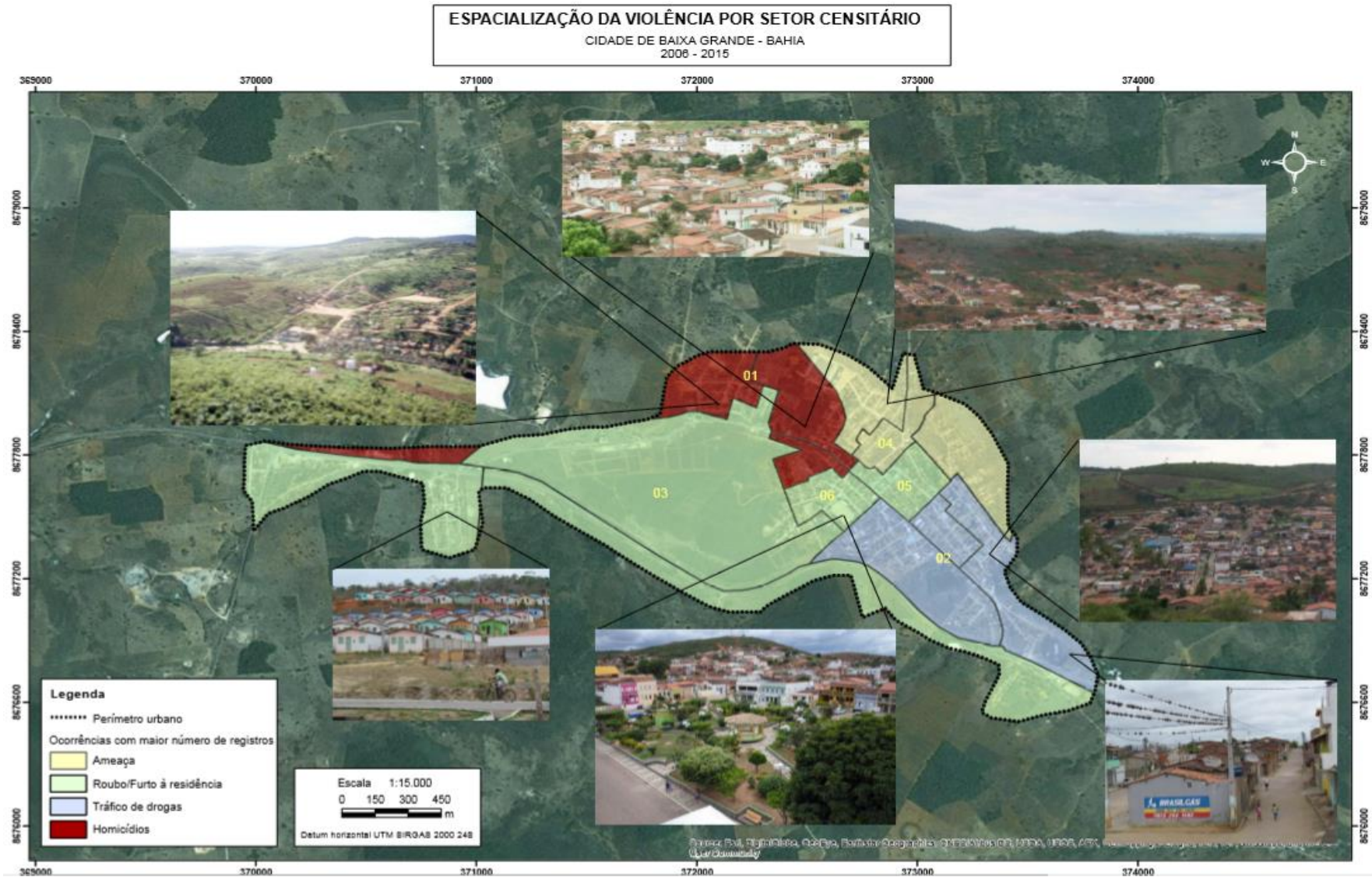
AUTOR: Ramom Machado, 2015.

Além das paisagens do medo, em Baixa Grande é nítida a existência de territórios da violência, onde o crime quase que compensa. O Estado exerce mais políticas combativas e pouco estruturadas, enquanto uma de prevenção é realizada, o "Pacto pela vida". Gottmann (2012) vai definir o território como "um conceito político e geográfico, porque o espaço geográfico é tanto compartimentado quanto organizado através de processos políticos. Uma teoria política que ignora as características e a diferenciação do espaço geográfico opera no vácuo" (GOTTMANN, 2012, p. 526). Podemos então sintetizar, afirmando que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados (HAESBAERT, 2002).

Contudo, os bairros situados no limite do perímetro urbano possuem infraestrutura desprezíveis e seus moradores vivem em condições total pobreza. São nesses bairros que ocorrem as maiores quantidades de crimes violentos e tráficos de drogas. A própria população tem medo de frequentar esses lugares, pois a qualquer momento pode acontecer uma emboscada, um tiroteio, um homicídio ou toque de recolher.

Para uma compreensão mais ampla, elaboramos um mapa síntese (07) especializando o setor censitário com a maior quantidade de ocorrências e tipologias de violência por zona. Os tipos são: ameaça, lesão corporal, roubo ou furto a residência, tráfico de drogas e homicídios, os mesmos apresentados anteriormente. Podemos notar como a violência se configura e se espalha pelo território dominado, especializando por funções. O mapa síntese tem como objetivo o resumo contando em imagens e símbolos, tendo como característica principal a completude dos fatos.

MAPA 07



Elaborado por: Liane Martins e Ramon Machado (2016).

4.2 Baixa Grande, a cidade das grades: Um estudo de caso

Como podemos afirmar que Baixa Grande é uma cidade das grades? A observação e a comparação do seu espaço urbano seria uma boa opção de resposta. Mas o que leva a afirmação ou a negação da questão é a própria opinião dos moradores da cidade e seus relatos. Por ser este um estudo de caso, foram aplicados 90 questionários semiestruturados (ver apêndice), como denotado no tópico inicial sobre os procedimentos metodológicos no primeiro capítulo. Ao todo, foram elaborados três tipos de questionários semiestruturados, com perguntas em comum e específicas para cada tipo de segmento da sociedade baixagrandense. Intercalamos algumas respostas da população com imagens ilustrativas para podermos de fato concluir se sim ou não para a pergunta primordial.

Com relação a pergunta¹⁷ em comum para todos os 90 entrevistados começamos com a seguinte questão: Você considera Baixa Grande uma cidade violenta? 80% dos entrevistados disseram que SIM, enquanto 20% responderam NÃO. O único segmento que ocorreu um maior equilíbrio nas respostas foi entre os gestores públicos e autoridades, com 60% para o SIM e 40% para o NÃO.

FOTO 23

Ônibus escolar incendiado por marginas após ofensiva da polícia em Baixa Grande.



AUTOR: Ramom Machado, 2016.

Agora analisaremos as perguntas para 40 entrevistas dos dois bairros de Baixa Grande com os maiores índices de violências registrados segundo a delegacia local, o bairro do Curral (20) e o bairro Quadra Q (20). Seguem as perguntas e as tabulações

¹⁷ Quando houver discrepância nas respostas e nos resultados segmentados, mostraremos com mais detalhes.

das respostas: Você considera o cotidiano do seu bairro normal ou anormal? Se anormal, porque? 50% das respostas consideram normal, os outros 50% das respostas consideram anormal. Indagados os que consideram anormal responderam que a violência e a infraestrutura precária são os principais problemas.

A terceira pergunta corresponde sobre: Você está satisfeito (a) com sua condição de moradia e de infraestrutura no seu bairro? 17,5% responderam que SIM, enquanto 82,5% responderam que NÃO. Os que responderam NÃO, complementaram as respostas indignados com as ruas sem calçamento (Quadra Q) e o matagal e o odor do esgoto e dos currais no bairro do Curral.

FOTO 24

Rua sem calçamento Quadra Q



Autor: Ramom Machado, 2015.

FOTO 25

Matagal no bairro do Curral



AUTOR: Ramom Machado

A próxima pergunta queria saber: Você considera seu bairro violento? 65% responderam que SIM, os outros 35% responderam que NÃO. No detalhamento deste segmento, podemos observar que 70% dos moradores do Curral responderam sim, enquanto 60% dos moradores da Quadra Q também afirmaram. Os que disseram NÃO somam 30% e 35% respectivamente. O intrigante foi percebermos um certo desconforto nas pessoas que responderam NÃO. Surge a hipótese de os mesmos estarem envolvidos direta ou indiretamente, seja parte integrante, parentes ou amigos de pessoas envolvidas em casos de violência nos devidos bairros.

A quinta pergunta é a mais pessoal de todas e algumas respostas nos chamaram a atenção pela adversidade do momento. Você ou alguém da sua família já passou por alguma situação de risco, em que teve medo ou chegou a ser vítima de alguma violência? Se sim, qual foi essa situação? 40% dos entrevistados responderam que SIM, no complemento das respostas citaremos na ordem decrescente os tipos de violência sofridas por parte dessa população. Tentativa de homicídio, homicídio, ameaça, roubo, agressão física e estupro. O alto índice do SIM nesta pergunta é

preocupante, esse dado é mais surpreendente do que todas as notícias relacionadas a violência na cidade de Baixa Grande. Porém, a maioria respondeu que nunca sofreu nenhum tipo de violência, tendo o NÃO 60% das respostas.

A sexta pergunta relativiza sobre a opinião que os moradores possuem sobre o outro bairro, o bairro “rival”. Foram feitas vinte perguntas para os moradores da Quadra Q. Qual sua opinião sobre o bairro do Curral? Você considera um bairro violento? Por quê? 70% consideram o bairro do Curral violento devido ao tráfico de drogas, homicídios, tiroteios, roubo e álcool. Enquanto que 20% não consideram o bairro do Curral violento e 10% não souberam opinar. Agora, o outro lado. Para 65% dos moradores do bairro do Curral, A Quadra Q é um bairro violento devido ao tráfico de drogas, homicídios, roubo, estupro e a rivalidade ruim entre ambas as partes.

A próxima pergunta foi feita para 80 entrevistados, além dos 40 moradores da Quadra Q e do Curral, outros moradores de outros bairros da cidade também responderam. Mais complexa, a pergunta gostaria de saber através de uma escala que vai de 01 (gravíssimo) a 06 (não sabe), o nível de gravidade na opinião desta população para quatorze tipologia de violências.

Tabela 03
Tipo e gravidade de infrações em Baixa Grande, 2015.

GRAU Tipo	(1) Gravíssimo %	(2) Muito grave %	(3) Grave %	(4) Comum %	(5) Irrelevante %	(6) Não sabe %	Total %
Tráfico de drogas	48	17	27	3	2	3	100
Homicídio	56	9	17	14	2	2	100
Roubo a banco	35	10	35	12	8	2	100
Roubo a pessoa	50	15	25	10	0	0	100
Estupro	60	15	8	10	4	3	100
Ameaça	40	15	39	6	0	0	100
Acidente de trânsito	15	15	35	25	10	0	100
Contra o patrimônio	20	18	28	18	16	0	100
Furto a residência	40	10	35	8	7	0	100
Roubo a residência	49	10	25	8	8	0	100
Homofobia	26	36	13	11	6	2	100
Lesão corporal	35	10	40	7	5	3	100
Violência doméstica	50	8	38	2	2	0	100
Furto a residência	24	14	48	7	7	0	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Elaboração: Ramom Machado, 2016.

A tabela 03 mostra quatorze tipos de violência e a opinião população de Baixa Grande para cada um deles, mas para nossos estudos escolheremos os mesmos tipos utilizados como tema dos mapas anteriores (tráfico de drogas, homicídios, furtos/roubos, ameaças) seguindo assim uma padronização. Alguns resultados que de certa forma são surpreendentes como roubo a bancos, estupro e depredação do patrimônio público. Para 97% dos entrevistados, o tráfico de drogas é considerado entre gravíssimo e grave alcançando o maior resultado na soma destes níveis, o que denota esse tipo de crime como a maior preocupação dos moradores. Com relação aos homicídios o que chama atenção são os 18% dos entrevistados que responderam ser um tipo de violência comum ou não sabem responder. O elevado índice pode ter relação com o código de conduta de alguns entrevistados, principalmente nos bairros da Quadra Q e do Curral.

Durante a tabulação dos dados percebemos alguns nomes considerados suspeitos pela polícia, tendo três deles entrado para as estatísticas de homicídio. O código de conduta desses envolvidos nos revela que por exemplo, matar rivais ou roubar bancos são crimes comuns ou irrelevantes, enquanto violência contra mulher, criança ou até mesmo a homofobia são considerados mais graves. As modalidades de furtos e roubos também obtiveram elevado grau de preocupação da população, enquanto o roubo a instituições financeiras foi considerado normal ou não sabe para 20% dos entrevistados. Sobre as ameaças, maior tipo de violência registrada nos boletins de ocorrência na delegacia local, também ganha destaque na opinião popular, para 94% dos entrevistados ameaçar é considerado entre gravíssimo e grave.

Entre as tipologias de crime que chamaram atenção estão os 17% que consideram a prática do estupro normal, irrelevante ou não sabem informar. Mesmo com 87% da população considerando o estupro como gravíssimo a grave, mas os 17% que dizem não se importarem são alarmantes. E com relação a depredação do patrimônio público, onde para 34% é considerado comum ou irrelevante. Esse elevado índice pode ser observado nas ruas e nas praças da cidade.

Na nona questão as respostas foram múltiplas. Perguntamos, na sua opinião por que motivo os pobres, especialmente os negros compõem a maior parte da população envolvida em atos de violência? Para 22% dos entrevistados o racismo é o principal motivo, 20% disseram que a má conduta dessa população atrapalha na busca por melhores condições de vida. Questionamos o que seria essa má conduta e percebemos que estaria mais para o racismo. Outros 17% responderam que faltam

oportunidades, mas 15% responsabilizaram a falta de empregos, para 11% o baixo grau de escolaridade aflige mais essa camada da população e por fim, 14% não souberam opinar.

A décima questão quis saber: na sua opinião o que falta no seu bairro e na cidade de Baixa Grande para amortizar a violência? Para 43% dos entrevistados, a falta de empregos é o que mais faz falta, outros 40% acreditam que quanto mais polícia melhor seria. Mas 10% acham que a educação ainda seria a solução dos problemas, 3% pedem mais lazer e esportes para a juventude, 2% culpam o governo municipal pelas mazelas e mais 2% preferiram não comentar.

A próxima pergunta é uma avaliação. De 0 a 5, qual o grau de confiança na polícia e no Estado como combatentes da violência? Na soma das notas a média aritmética foi a seguinte: a polícia foi avaliada com média de 3,36 em uma escala de 0 a 5, enquanto o Estado marcou uma média de 3,31. As duas notas superaram a expectativa se colocássemos a média 2,5 como regular, 0 como péssimo e 5 como excelente.

A décima segunda e última questão deste segmento foi a mais subjetiva das perguntas e foi respondida também pelo total de entrevistados, 90 pessoas. Pedimos para que de acordo com a sua vivência, o que você define como violência? De modo geral, as respostas foram apenas exemplos para eles do que é violência. Então, 55% disseram que violência é cometer crimes, 10% responderam que violência é uma tristeza, 5% relatam que violência é o uso excessivo da força, outros 5% afirmam que violência é intransigência e 25% não souberam responder.

Como observado e analisado anteriormente nos mapas 05 e 06, os setores 01 (Quadra Q) e 02 (Curral) são os mais violentos da cidade. Neles o tráfico de drogas e homicídios são registrados frequentemente. Porém, essa violência está ligada a confrontos entre a concorrência dos dois setores e a polícia.

Com base na avaliação do conjunto e das interpretações das respostas e gestos dos entrevistados destes setores, podemos dizer que a violência entre moradores dos próprios bairros é quase nula. Uma das razões para o fato das deles evitarem cometer crimes em seus bairros pode estar conectada com o conceito de conveniência.

A conveniência é grosso modo é comparável a sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando a anarquias das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar” (saber-se “comportar-se”, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato

social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana (CERTEAU, 1996, p. 39)

São dois territórios dominados pela criminalidade e pela concorrência entre si. Aqui, as paisagens do medo não são tão visíveis, as casas não possuem os gradeados e os muros altos que são comuns no restante da cidade. Quando analisamos os conceitos de território, não podemos esquecer a abordagem política, cultural e sua relação com o poder. Souza (2001) ao afirmar que “todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território, do quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países membros da OTAN” (SOUZA, 2001, p.11). Saquet (2004) utiliza três vertentes citadas por Haesbaert (cultural, econômica e jurídico-política) para definir o território,

[...] as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas, efetivam um território, um processo social, no (e com o) espaço geográfico, centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades/temporalidades/territorialidades. A apropriação é econômica, política e cultural, formando territórios heterogêneos e sobrepostos fundados nas contradições sociais. (SAQUET, 2003, p.28).

Tendo como base os autores supracitados e os conceitos de território podemos relacionar com a realidade dos setores 01 e 02. Esses territórios apresentam contradições sociais em comparações com os demais. A falta de políticas públicas e assistencial aos jovens principalmente, faz com que a inserção desta população no crime ocorra de forma mais sólida, onde o “sucesso” e o poder dos chefes das gangues, dos bandos e do tráfico sejam o exemplo a serem seguido e admirado por eles.

No roteiro de entrevista para moradores de todos os bairros da cidade (exceto Quadra Q e do Curral). A primeira pergunta foi a seguinte: Para você a cidade de Baixa Grande continua sendo uma cidade tranquila/pacata para morar? Para 80% das entrevistas Baixa Grande não é uma cidade pacata ou tranquila para se morar, enquanto 20% disseram que sim. Esses 20% justificaram que existem lugares piores e com guerras.

A próxima questão quis saber: Você notou alguma diferença nos últimos 10 anos com relação a violência na cidade de Baixa Grande? A maioria absoluta, 85% responderam que SIM e apenas 15% responderam NÃO. Os que disseram sim, justificaram com relação ao tráfico de drogas, as taxas de homicídios e roubos.

A terceira pergunta foi com relação a segurança nas ruas. Você se sente seguro (a) ao andar pelas ruas da cidade de Baixa Grande em qualquer horário do dia? 60% responderam que NÃO sentem medo em andar pelas ruas a qualquer hora do dia,

enquanto 40% disseram SIM, que sentem medo, principalmente à noite e com a deficiente iluminação e falta de segurança.

Para sabermos como o mercado de utensílios de segurança vem atuando em Baixa Grande, perguntamos aos entrevistados: Ultimamente você investiu em algum tipo de segurança para a sua casa? 55% afirmam que NÃO compraram nada, enquanto 45% disseram que SIM. Entre os utensílios de segurança mais citados então cercas elétricas, muros com vidros e câmeras de vídeo.

A quinta pergunta foi a seguinte: Há na sua casa/prédio equipamento de segurança? 60% das pessoas responderam grades e muros altos, 15% cercas elétricas, 10% sirenes/alarmes, principalmente donos de casas comerciais, 8% câmeras de vídeo, 4% responderam ter cães ferozes e 3% guarda particular na rua.

A próxima pergunta era em comum com o segmento analisado anteriormente, mas pela grande diferença nas respostas analisaremos separadamente. Você ou algum membro de sua família já sofreu algum tipo de Violência? 80% responderam que NÃO, enquanto 20% disseram que SIM. Na ordem decrescente citaremos quais tipos de violência mais atingiram as pessoas que responderam sim, tráfico de drogas, roubo a residência e ameaça.

A sétima questão confirma o que já era esperado: Você acredita que o tráfico de drogas seja o principal responsável pelo aumento da violência em Baixa Grande? Para 95% dos entrevistados as drogas são o principal causador da violência em Baixa Grande. A contundência e a rapidez nesta resposta foram notáveis para nós entrevistadores. Apenas 5% acredita que as drogas NÃO são as responsáveis pela violência, culpam a falta de policiamento.

A oitava questão queria saber: Na sua opinião quem é/são o responsável pelo aumento da violência na cidade de Baixa Grande? Houve um empate triplo nesta resposta, o Estado pela omissão no combate a violência, o tráfico de drogas e a falta de policiamento adequado marcaram 30% cada um. Baixa escolaridade da população e não souberam responder também empataram com 5% cada.

A pergunta seguinte questiona a capacidade da polícia de Baixa Grande em combater a violência: Você acredita que a polícia de Baixa Grande está apta a combater a violência com os equipamentos que possui? Para 93% a polícia é incapaz de combater a violência, a pequena quantidade de policiais que o município possui, apenas uma viatura, armas de baixo calibre em comparação com as dos meliantes,

foram algumas posições citadas pelos entrevistados. Apenas 2% disseram confiar na capacidade da polícia e 5% não souberam opinar.

A penúltima pergunta deste segmento quer saber: Qual tipo de política pública seria mais adequado para afastar os jovens do crime e ressocializar os envolvidos? Mais um empate entre as respostas, para 40% das entrevistas a criação de empregos e mais investimentos em educação seriam as prioridades mais urgentes. 10% acreditam que o esporte seria a solução, 6% resumem a uma melhor estrutura familiar e 4% não souberam opinar.

Por fim, o que tem mudado na cidade em decorrência da violência? Para 45% andar mais atento e “direito” é um bom começo. Enquanto 35% apontam uma mudança na relação entre a amizade das pessoas, se veem menos. 15% preferem ficar mais tempo em casa nas horas vagas e 5% não souberam responder.

Os setores 03, 04, 05 e 06 que correspondem a população do segundo seguimento entrevistado, são nesses setores que as paisagens do medo mais sobressaem. As casas fortificadas e o comércio com sua aparelhagem de vigilância refletem o medo da violência a todo instante. A população amedrontada e enclausurada teve sua rotina e sua relação com os outros moradores alterada. Nesse contexto, os laços sociais, a memória afetiva, as relações amorosas parecem, aliás, cada vez mais incertos e fugazes. Constituindo assim, o retrato de uma sociedade em que ocorre a liquefação dos valores e onde se empobrecem as relações (BAUMAN, 2008).

Essas paisagens, inquestionavelmente, dizem muito de nós, dos nossos hábitos, da nossa vida coletiva, entrelaçados em lembranças. Para Corrêa e Rosendahl (2007, p.17) “[...] elas são tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas e estão cheias de significados e a recuperação destes significados, em nossas paisagens, nos diz muito sobre nós [...]”. É notório que uma pessoa que não seja de Baixa Grande e que não conheça os problemas locais, em um passeio pela cidade e imbuído com um pouco mais de atenção, vai notar através dessas paisagens urbanas que existe um problema relacionado a segurança na cidade.

Reiterando a sua importância, faz-se necessária, aqui, a reprodução da fala de Gomes (2001, p.121) na qual o autor afirma que a “[...] paisagem é uma autobiografia coletiva e inconsciente que reflete gostos, valores, aspirações, medos, que aos poucos acarretam a decodificação dos sentimentos imbuídos pelas sociedades ao espaço [...]”.

Tuan (2006) vai afirma que “a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos” (TUAN, 2006, p. 251). Felix (2002) descreve como sociedades atingidas pela violência reagem a problemática,

[...] o medo tanto pode inibir ações cooperativas contra o crime quanto encorajar estratégias individualistas em nível residencial. A utilização de animais em residências, o design de certas construções (grades de proteção, muros altos, vitrões pequenos e altos etc.), a criação de guardas particulares, a manutenção de luzes acesas no interior das casas, o surgimento de bairros fechados etc., são positivamente relacionados com o medo do crime. A exploração deste medo e a ansiedade da população são visíveis em diversos setores e explorado das mais diversas formas, que vão desde o marketing político (eleitoreiro) até o financeiro (imobiliário). Atualmente os anúncios de compra e venda de imóveis estão dando maior destaque à segurança do que ao próprio conforto habitacional (FELIX, 2002, p. 129).

As paisagens do medo em Baixa Grande tendem a se uniformizar cada vez mais com o aumento da criminalidade. A população entrevistada sem muita perspectiva recorre aos meios de defesa que o dinheiro pode proporcionar. Os mais abastados movimentam o incipiente mercado securitário na cidade.

O último segmento entrevistado é composto por funcionários da Secretaria de Pública da Bahia, prefeito¹⁸ de Baixa Grande e gestores municipais. O questionário semiestruturado utilizado nestas entrevistas possuem perguntas mais abrangentes para o citado tema e é composto também por questões levantadas pela população em geral.

Começamos com a seguinte interrogativa: Por que os índices de violência aumentaram tão significativamente em Baixa Grande nos últimos 10 anos? Obtivemos duas respostas preponderantes. A primeira, para 70% dos entrevistados, está relacionada com o tráfico de drogas e para 30% o aumento populacional dos últimos anos contribuiu para a escalada da violência em Baixa Grande.

Na próxima questão ocorreu pela primeira vez uma unanimidade nas respostas. Perguntamos aos entrevistados, qual grupo social mais comete e sofre violência em Baixa Grande? Jovem pobres e negros tiveram 100% das respostas, mas com algumas ressalvas, sabe-se que jovens brancos da classe média também fazem parte do esquema ilícito. Mas predominantemente neste quesito os jovens pobres e negros são a maioria absoluta.

Em outra conformidade nas respostas, questionamos a seguinte situação: Você acredita que o que vem ocorrendo em Baixa Grande seja reflexo dos mesmos problemas que assolam a Bahia e o Brasil? Todas as respostas coletadas foram SIM.

¹⁸ Com uma entrevista reveladora, decidimos transcrever em *ipsis litteris* a fala do prefeito de Baixa Grande.

Alguns entrevistados complementaram que a situação de Baixa Grande ainda poderia ser pior devido à falta de recursos no combate a violência.

A próxima pergunta obteve uma resposta consonante ao período escolhido pelos pesquisadores deste trabalho, com relação a mudança de comportamento na sociedade baixagrاندense. Na sua opinião, qual foi o momento exato da transição de uma sociedade pacata para uma sociedade que convive com alguns tipos de violência até então inexistentes? A resposta compartilhada por todos é de aproximadamente uma década atrás.

A sexta questão possui seis itens para que os entrevistados possam fazer as seguintes relações: a) pobreza e violência: maior índice de pessoas envolvidas pertencem a esta classe social; b) etnia e violência: os negros são os mais envolvidos nos casos de violência, tanto na promoção quanto na recepção; c) padrão de consumo e violência: existe relação, mas em Baixa Grande não é o determinante para elevação dos índices; d) consumo de drogas e violência: principal causa da violência em Baixa Grande; e) consumo de álcool e violência: grande relação, principalmente no quesito de brigas e arruaças; f) nível educacional e violência: quanto menor o nível de escolaridade, maior a possibilidade de os jovens principalmente entrarem para o crime, e a falta dos valores familiares também contribuem para o mesmo.

Com relação as políticas públicas e territoriais, fizemos a sétima questão: na sua opinião quais políticas públicas e territoriais deveriam ser colocadas em prática imediatamente e qual faixa etária seria prioridade? Esta pergunta foi respondida com mais de uma possibilidade pelos entrevistados, por isso, a soma da porcentagem ultrapassa os limites dos 100%. A educação aparece em primeiro lugar, foi lembrada por de 80% dos entrevistados, seguida pela a geração de empregos 60%, outros 40% afirmam que áreas de diversão e lazer seriam importante e 30% lembraram que o município não tem um plano diretor urbano e que na elaboração do mesmo os jovens sejam lembrados. Com relação a faixa etária, os jovens ficaram com 73% das respostas, as crianças com 21% e todas as faixas etárias apareceu com 6%.

A oitava pergunta tem relação com o sentimento de cada entrevistado com as mudanças de hábitos na sociedade local. O que tem mudado na cidade em decorrência da violência? Assim como na resposta anterior, os entrevistados citaram mais de uma questão. Em primeiro lugar ficaram empatados o temor de ter um parente envolvido no crime e o temor contra o patrimônio privado, com 40% cada um. Sofrer um atentado

direta ou indiretamente contra a vida teve 20% das citações, 10% responderam que não ver nenhuma mudança significativa.

Sobre a vida cotidiana dos moradores mais pobres da cidade, pedimos para eles: você pode descrever o cotidiano de algum bairro periférico de Baixa Grande que você conhece ou imagine como seja? As respostas apresentaram pequenas diferenças, mas de modo geral a descrição segue um padrão. Com pouca ou quase nenhuma infraestrutura, sem opções de lazer, sem escolas ou creches, mas com uma população amigável e honesta.

Fizemos a análise das respostas dos questionários semiestruturados deste segmento junto com a entrevista transcrita do prefeito de Baixa Grande (ver apêndice IV), Pedro Lima Neto do Partido dos Trabalhadores (PT). De origem rural, o prefeito pareceu muito à vontade com as perguntas, apesar do entra e sai de assessores em seu gabinete. A entrevista durou aproximadamente trinta minutos devido as pausas e interrupções de seus secretários de governo. Utilizaremos as iniciais RM para o entrevistador Ramom Machado antes de cada pergunta, enquanto as letras PLN para o entrevistado Pedro Lima Neto antes de cada resposta.

Ao analisarmos as respostas das principais perguntas dos questionários semiestruturados percebemos que há uma consonância entre o que foi escrito nos capítulos anteriores, no que é divulgado pela imprensa local e sobre o que pensa a população de Baixa Grande. A primeira pergunta dos questionários é uma das mais importantes querendo saber se eles consideram Baixa Grande uma cidade violenta. Todos os segmentos responderam sim, a única diferença foi na quantidade de respostas entre os segmentos pesquisados, mas de modo geral a média ponderada revela que para 80% dos moradores a cidade é violenta.

Outra análise de grande relevância são as respostas sobre a mudança no cotidiano da cidade. Mais uma vez a maioria revela as mudanças de hábitos no cotidiano dos cidadãos. Alguns costumes antigos foram abandonados e a realidade agora é bem diferente. O vazio das ruas a partir das 19 horas é uma contestação, não se ver crianças, donas de casas nos passeios, apenas quem precisa trabalhar ou estudar transitam pelas calçadas. As ruas escuras ou pouco iluminadas não atraem ninguém, no comércio apenas alguns bares ficam abertos, lojas e restaurantes fecham cedo. Os bancos tiveram seus horários de funcionamento reduzidos e a sala de autoatendimento segue fechada depois do expediente e durante feriados e finais de

semana. A cidade vazia é a nova prova da vitória da violência e do medo sobre a sociedade local.

Com relação a infraestrutura das moradias e dos bairros do Curral e Quadra Q, podemos constatar a indignação dos mais de 82% que responderam não estarem satisfeitos nem com sua moradia, nem com a infraestrutura dos bairros. No Curral, as ruas foram calçadas recentemente, mas os matagais e o esgoto a céu aberto propagam mosquitos e o mau cheiro, além dos currais que existem nas proximidades do bairro contribuem para o aumento do odor. Não existem áreas de lazer, praças, escolas, posto de saúde e nem comércio. O Curral é um bairro exclusivamente de moradia de baixa renda. A Quadra Q é um bairro mais recente, possui algumas ruas calçadas na parte plana, porém a maioria ainda é de terra batida. Diferente do Curral, a Quadra Q possui uma creche e um posto de saúde recém-inaugurados, mas com muitas reclamações dos moradores. As casas são de baixo padrão e algumas sem água encanada e esgoto, o bairro não possui comércio.

As próximas duas respostas podem ser analisadas conjuntamente. Para 65% dos moradores, eles vivem em bairros violentos. Mas para 35% dos moradores do Curral e da Quadra Q que afirmaram que os bairros não são violentos. Afinal, o que esses números querem dizer? Se 80% dos entrevistados gerais afirmam que Baixa Grande é uma cidade violenta, como apenas 65% dizem que os bairros onde acontecem os maiores índices de homicídios e tráfico de drogas são menos violentos que a cidade em geral? As respostas parecem ser complexas, mas com os últimos acontecimentos na cidade e as análises pessoais que os entrevistadores faziam dos entrevistados durante a aplicação dos questionários semiestruturados podem ajudar a responder esses questionamentos. Tanto no Curral, quanto na Quadra Q, moradores vizinhos tinham respostas completamente dicotômicas, o que nos levou a entender que alguém está propagando inverdades ou omitindo a informação.

Recentemente, em meados de abril de 2016, houve um homicídio no bairro do Curral, o motivo foi um morador ter denunciado à polícia alguns comparsas do chefe do tráfico no bairro. A sociedade indignada cobrou uma resposta das autoridades, que dias depois deflagrou uma operação em conjunto com a polícia de Ipirá e prendeu ou levou para prestar depoimento mais de uma dezena de pessoas. Durante a operação mais de 30 casas foram averiguadas, o que mostra a quantidade de pessoas envolvidas ou supostamente envolvidas com o tráfico naquele lugar. Descobrimos que algumas casas que nos receberam durante o trabalho de campo, foram submetidas por

ordem judicial a revistas da polícia e através dos nomes nos questionários vimos que estas mesmas pessoas responderam que o bairro não é violento.

Com relação a que os moradores acham sobre o outro bairro observamos que a rivalidade entre o bairro do Curral e a Quadra Q ainda persiste no imaginário daquelas pessoas e foi aflorada pelas disputas de gangues em festas e traficantes. Quase ninguém de um bairro frequenta o outro, e a maioria diz que o outro bairro é pior e mais violento que o seu.

A nona pergunta obteve respostas interessantes para serem analisadas. Apenas 11% das pessoas atribuíram a baixa escolaridade o motivo dos negros e pobres serem a camada da sociedade mais envolvida na violência, tanto praticado, quanto sofrendo. O que mais chamou atenção foram 20% que responderam que a má conduta dessa população era o motivo da questão. Para eles, só o fato de nascer negro já era uma desvantagem, outros 22% afirmam que pela sociedade baixagrandense ser racista, foram as respostas que mais chamaram atenção. A décima pergunta pede para os moradores dos dois bairros darem sugestões para pôr fim à violência nos seus bairros e na sua cidade. A maioria das pessoas acredita que apenas a geração de empregos é suficiente para tirar os jovens da criminalidade, mas não se atentam que a baixa escolaridade e a falta de experiência e qualificação são um empecilho para a geração de emprego. Outros 40% acreditam que para combater a violência é preciso aumentar o efetivo policial, apenas 10% vê na educação uma saída ou uma diminuição nos índices de violência. Esses 40% que pedem mais policiamento pensam igual a uma grande parte da sociedade brasileira que preferem combater a violência no seu estágio final, do que combater-la no início, na raiz do problema.

Outra pergunta importante tem a ver como as pessoas se protegem em suas casas em relação a violência. Para 60% dos entrevistados a utilização de grades e muros altos são as primeiras opções. É nítido quando se anda por Baixa Grande a quantidade de casas com grades e muros altos, até mesmo ruas inteiras são compostas por esse tipo de moradia. O gradeamento pode fazer até parte de uma ornamentação para alguns dos moradores, mas o motivo primordial é sem dúvida, a segurança. Com 15% das respostas, as cercas elétricas compõem outro grupo de moradias, as mais recentes construídas, principalmente nas casas mais afastadas do centro da cidade, especialmente nos bairros do Alto de Guinho e Jardim Cruzeiro que são rodeados por áreas de matagais. Sirenes e alarmes são comuns na região central, na zona do comércio e na Avenida 2 de Julho, o que representa 8% dos investimentos

feitos para tentar inibir o roubo a esses estabelecimentos comerciais. As outras respostas somadas atingiram apenas 7%. Mas com esses referenciais estatísticos obtidos no trabalho de campo, observamos que Baixa Grande pode ser considerada uma cidade das grades e dos muros. A mudança na constituição do espaço urbanos nos últimos é visível e impressiona até mesmo os já acostumados moradores. As pessoas na cidade estão cada dia mais reclusas e exigindo mais dos gestores locais e do Estado.

Em relação ao segmento de autoridades e gestores públicos, e mais a entrevista do prefeito, podemos concluir também que apesar de tentarem minimizar a ação dos bandidos na cidade, todos concordam que a violência parece está fora do controle. Os motivos são os mais diversos possíveis, mas o tráfico de drogas é a razão principal para os acontecimentos em efeito dominó, estando associados de maneira intrínseca. O tráfico ocupa o topo da pirâmide, enquanto os roubos, furtos, ameaças e as demais tipologias compõem a base e o tronco.

Em alguns momentos, percebemos que para os próprios gestores e autoridades da justiça, a batalha está sendo perdida. Por mais que os setores públicos tentem mostrar para a sociedade algum serviço, os dias se mostram difíceis. Desde o final de fevereiro de 2016 quando decidimos encerrar a coleta de alguns dados, a incidências de casos de violência só aumentou. Algumas operações em conjunto entre diversos tipos de policias aconteceram, pessoas presas, mas o crime continuou atingindo a todos e se espetacularizando.

A cada publicação ou divulgação de vídeos com apologias ao crime, a polícia respondia na mesma plataforma virtual. É possível encontrar diversos vídeos com declarações polêmicas das autoridades ao comentarem a violência na cidade. A caça ao principal acusado pelo terror em Baixa Grande continua e a sociedade acompanha todo o espetáculo pelas telas dos celulares e computadores enclausurados em suas casas.

Assim como sinaliza Debord (1997) afirmando que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14). A violência é considerada como uma linguagem e sua repercussão na cidade através da espetacularização vai amplia-la de forma exacerbada, atingindo principalmente os mais jovens e conectados com as redes sociais.

As paisagens do medo e os territórios da violência são uma constatação para as autoridades e gestores locais. Eles admitem a formação de bairros cada vez mais fortificados e caros para se viver. Fica claro como esse recente padrão de vida nas pequenas cidades tem afetado o modelo da cidade, com espaço público moderno e democrático, com circulação livre, abertura de ruas, uso espontâneo de praças e encontros. Bauman (2008) diz que:

A consolidação de fronteiras vigiadas com a mais alta tecnologia, que buscam almejar a defesa da comunidade, que empregam seguranças armados para o controle da entrada, que promovem assaltantes à condição de inimigos e invasores, que compartimentam áreas públicas em enclaves defensáveis dotados de acesso seletivo, que promovem a separação em detrimento do lugar da vida em comum, todas essas são as principais dimensões da evolução da vida urbana contemporânea. (BAUMAN, 2008, p. 111).

Durante a aplicação do trabalho de campo presenciamos alguns fatos que devem ser relatados. Entrementes estávamos entrevistando o escrivão da delegacia local e em um breve período de tempo os policiais tinham recuperado uma moto e um carro roubado no município. Outro episódio ocorreu quando fazíamos o reconhecimento do bairro Quadra Q, o carro em que estávamos foi seguido por homens em motos do início ao fim do nosso percurso. Por fim, percebemos um grande desconforto entre algumas pessoas entrevistadas, notamos uma certa apreensão nas respostas, ou até mesmo informações não condizentes com a realidade vivida por eles e percebida por nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que o crime e a violência fazem parte da história da humanidade desde o seu início. Nesses milênios até a contemporaneidade a violência foi estudada, analisada e observada. Existem várias conclusões para cada tipologia de violência e para as marcas deixadas nas vidas das pessoas, entre essas marcas podemos destacar o medo, seja ele físico ou psicológico.

Aquele medo que enclausura pessoas atrás de grades e muros altos, ou o medo de serem atingidos em sua integridade física e moral são os resultados falhos das políticas públicas estatais de prevenção que não dão conta dos princípios básicos dos direitos dos cidadãos. A mídia no seu papel de informar é um dos principais responsáveis pela manutenção sempre em alta do mercado da segurança, e da psicosfera do medo, pois em qualquer comunidade com níveis altos e constantes de violência, a indústria do medo é lucrativa: blindagem, segurança particular ou comunitária, grades, armas e munição, mesmo no mercado paralelo. A população possui acesso à informação sobre a violência em todos os níveis, na maioria dos casos sem nunca ter feito parte das estatísticas, pois existe uma diferença entre a percepção real, que é como a realidade é interpretada, e a violência real. Com isso, alguns casos podem ser classificados como imaginário do medo ou paranoia securitária.

Porém, em todo o Brasil o nível de violência aumentou significativamente nos últimos anos e os médios e grandes centros urbanos não são mais as únicas cidades a fazerem parte dessa constatação. O fato é que a violência se interiorizou e atingiu as zonas rurais e principalmente as pequenas cidades, e não Bahia não seria diferente.

A cidade sem perspectiva e futuro envolta em uma luta de forças desproporcionais parece não saber como reagir ao tráfico de drogas e suas consequências. A mentalidade da população também vem mudando drasticamente e atitudes preconceituosas e racistas ganham cada vez mais robustez na classe média e alta local. Notamos nos discursos e relatos que negros e pobres são excluídos apenas pelas características físicas, mesmo todos se conhecendo e não tendo passagem pela justiça.

Entre os comerciantes as reclamações são constantes, pois o medo interfere diretamente nas vendas. Parte desse medo amputa a vida social da cidade, festas canceladas, estabelecimentos comerciais noturnos sem clientela, a praça sem jovens. As pessoas são induzidas a tomar medidas preventivas que, com o tempo, passam a ser automáticas e todos saem perdendo.

Portanto, podemos afirmar que o tráfico de drogas é o principal responsável pelo aumento gradativo da violência em Baixa Grande. Desde a assiduidade dos primeiros casos até o constante aumento dos índices de violência bruta, os homicídios. O tráfico foi o responsável pela mudança de paradigma na cidade e pela consolidação de poderes não oficiais nos bairros da Quadra Q e do Curral, os territórios da violência, que utilizam do terror para amedrontar a sociedade e manter os seus lucros com os mais diversos tipos de vendas de entorpecentes. As localizações dos dois bairros citados também contribuem para a facilitação da distribuição de drogas na zona urbana e facilita a fuga dos meliantes pelas estradas ou matagais, dificultando ainda mais o trabalho da polícia.

Os efeitos dessa violência e do medo em Baixa Grande podem ser observados de várias maneiras. Na paisagem urbana, na arquitetura das casas e no incipiente mercado securitário. Essas paisagens do medo refletem de forma comportamental nas pessoas e na sua maneira de se relacionar com os outros moradores. Aos poucos, o modo receptivo de ser dessa sociedade vai sendo deixado de lado.

A aplicação dos questionários foi de fundamental importância para esse estudo de caso. Podemos conhecer a realidade mais de perto, ter contado com as pessoas que fazem parte deste fenômeno. Entrevistamos pessoas de vários níveis sociais diferentes e notamos que os anseios são os mesmos. Tivemos contatos com suspeitos de fazerem parte da organização criminosa que assola a cidade, discutimos com autoridades e gestores, para no fim observarmos o tamanho do problema em questão. Com a banalização das mídias sociais e a intensa espetacularização de imagens e vídeos violentos na cidade de Baixa Grande, percebemos que os muros e as grades foram dissolvidos, e o que as pessoas enclausuradas em suas fortalezas não queriam ver, agora recebem em tempo real a realidade nociva dos fatos. As redes sociais, *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* e *WhatsApp* se transformaram em palcos de batalha, a violência transbordou do território para o espaço virtual. Assim, o medo e a espetacularização da violência se expressam em Baixa Grande.

A cidade das grades, dos muros, das câmeras e de uma paisagem que vai se tornando uniforme com o passar dos anos. Baixa Grande vem perdendo a guerra para a violência, assim como tantas outras cidades. Reflexo da falta de compromisso com as necessidades básicas da população como, o lazer, o esporte, a geração de emprego e principalmente a educação. Não sei se estamos aptos a apontarmos um ou mais culpados, mas tudo se resume em erros acumulados e que agora precisaremos enfrentar antes que o futuro seja comprometido pelo medo e pela violência.

REFERÊNCIAS

- ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Fundação João Pinheiro, Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (IPEA), 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/>>. Acesso: 10 out. 2015.
- ARAÚJO, Adriana Cristina et al. A violência e suas complexidades: reflexões e contribuições possíveis a partir do trabalho com profissionais da educação. **Revista Chão da Escola**. Curitiba, v. 7, p. 14-22, nov. 2008.
- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- AZEVEDO, Judith Soares de Souza e Azevedo. **Vida de Baixa Grande: 1860-1977**. Feira de Santana: 1977. Disponível em: <http://www.baixagrande.net/biblioteca/vida_de_baixa_grande.pdf>. Acesso: 10 out. 2015.
- BEATO, Carlos. A mídia define as prioridades da segurança pública. In: RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007, p. 33-35.
- BATELLA, Wagner Barbosa; DINIZ, Alexandre Magno Alves. Análise espacial dos condicionantes da criminalidade violenta no estado de Minas Gerais. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, p. 151-163, abr. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A periferia urbana. **Revista GEOSUL**. Florianópolis: UFSC, n. 2, p. 70-78, jul./set. 1986.
- _____. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 41-53, jan./jun. 1999.
- _____. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: introdução a temática, os textos e uma agenda. In.: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução a Geografia cultural**. Ed: Bertrand Brasil, Rio de Janeiro 2007, p.09-18.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Seria o Brasil menos urbano do que se calcula? **GEOUSP**, n.13, DG-FFLCH-USP, 2003.
- CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 117-140.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In.: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Ed UFPR, Curitiba, 2002, p.14-28.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia: Revista da Pós Graduação em Geografia da UFF**, ano 1, n. 2, p. 7-26. 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 11-28

DURKHEIN, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ENDLICH, Angela Maria. **Maringá e o tecer da rede urbana regional**. 1998. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Presidente Prudente, 1998.

_____. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2006.

ENDLICH, Angela Maria; FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. **XIII Colóquio Internacional de GeocríticaEl control del espacio y los espacios de control**. Barcelona, 5-10 de mayo de 2014, p. 01-21. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/Angela%20Maria%20Endlich%20revisado.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

ESPINHEIRA, Gey. Violência pobreza: janelas quebradas e o mal-estar da civilização. **Caderno CRH**, v. 18, n. 45, p. 461-470, Salvador, 2005.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FELIX, A. F. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Ed. UNESP, Marília, 2002.

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa; PENNA, Nelba Azevedo. Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 18, p. 155 - 168, 2005. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp18/Artigo11_Ignez%20e%20Elba.pdf>. Acesso em: 21jul. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. Ed: Graal, São Paulo, 2004.

FRATTARI, Najla Franco. Insegurança e medo no mundo contemporâneo: uma leitura de Zygmunt Bauman. **Sociedade e Cultura**, vol. 11, n. 2. 2008, pp. 397-399.
GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES. Carlos Alberto da Costa. Espaço urbano e criminalidade: uma breve visão do CASTRO problema. **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, Ano VII, n. 11, p. 57-68, 2005.

GOMES, Edvânia Tôres Aguiar. Natureza e cultura – representações na paisagem. In.: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Ed: UERJ, Rio de Janeiro. 2001, p.118-132.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**. v 02, n 03, 2012, p. 523-545.

HEASBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton *et al*; **Territórios, territórios**: ensaio sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 39-52.

HENRIQUE, Wendel. Cidades médias e pequenas da rede urbana do recôncavo da Bahia: uma análise sobre Cachoeira. XII Encontro de Geógrafos da América Latina, **Anais do ...** Montevideu: Universidade de la Republica, v. 01, 2009. p. 01-12.

_____. Desafios da geografia nos estudos sobre cidades pequenas. In: DIAS, Patrícia Chame; SANTOS, Janio(Orgs.). **Cidades médias e pequenas**: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos. Salvador: SEI, 2011 (Série Estudos e Pesquisas, 94), p. 63-79.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: 1ª edição. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados sócioeconômicos (2013)**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2010/PAM2010_Publicacao_completa.pdf>. Acesso em: 02 out. 2013.

_____. **Censo Cidades (2010)**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=290260>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais (2004)**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias>. Acesso: 01 mai. 2014

INSTITUTO SANGARI. **Mapa da Violência**. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 02 out. 2013.

IORIO, Vitor. Violência Invisível. **Lumina**. Juiz de Fora: UFJF, v. 2, n. 2, p.135-142, jan./jun. 1999.

JEUDY, Henri Pierre. Mídia e Violência Urbana. In: **Seminário de mídia e violência urbana**. FAPERJ, Rio de Janeiro, 1994.

KRUG, Etienne G. et alii. **World Report on violence and health**. World Health Organization: Geneva, 2002.

LACOSTE, Yves. **A Geografia**: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. A pesquisa e o trabalho de campo: Um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 77-92, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

_____. **Lógica Formal, Lógica Dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LOPES, Diva Maria Ferlin. **O conceito de urbano e as cidades de pequeno porte no semi-árido baiano:** Novo Triunfo, Santa Brígida e Sítio do Quinto. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

_____. Cidades médias e pequenas: desafios e possibilidades do planejamento e gestão. DIAS, Patricia Chame; LOPES, Diva Maria Ferlin (Orgs.). **Cidades pequenas do semiárido: dinâmicas sociodemográficas e marginalização.** Salvador: SEI, 2014. (Série estudos e pesquisas, 95).

MACHADO, Lia Osório. Movimento de dinheiro e tráfico de drogas na Amazônia. **MOST Discussion Paper.** n 22, p.16, 1998.

_____. A estratégia nacional de defesa, a geografia do tráfico de drogas ilícitas e a bacia amazônica sul-americana. **Seminário de Defesa e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia.** UNODC, Rio de Janeiro. p. 99-113, 2010.

MACHADO, R.SOUZA, W. IPIRÁ: A CIDADE MÉDIA DO TERRITÓRIO DA BACIA DO JACUIPE?. In: IV Simpósio Cidades Pequenas e Médias da Bahia, 2014, Barreiras, Bahia. **Periódicos UESC,** 2014. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/view/4455> Acesso: 15 jan. 2015 MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade:** permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB. 2000. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, 2000a.

_____. A cidade e o urbano na Paraíba: algumas considerações a respeito dos conceitos e das noções terminológicas. **I ENCONTRO PARAIBANO DE GEOGRAFIA.** Campina Grande. Espaço paraibano: produção e representação. João Pessoa: Associação dos Geógrafos Brasileiros, v. 1., p. 22-30, 2000b.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades:** alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELGAÇO, Lucas de Melo. Por uma ciência do atrito: ensaio dialético sobre a violência urbana. **Geografias Artigos Científicos.** São Paulo: PUC, v. 1, n. 1, p. 98-110, 2005.

_____. **A Geografia do atrito: dialética espacial e violência em Campinas.** 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Securização urbana: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança.** 2010. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

MENDONÇA, Magno José Távora de. **Transformações e permanências socioeconômicas do município de Pracíba (AP): 1992-2008.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – UNIFAP, Macapá, 2009.

MICHAUD, Yves. **A violência.** Ed: Ática, São Paulo: 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NEVES, Joana. **A construção de um mundo globalizado.** São Paulo: Saraiva, 2002.

OLANDA, Elson Rodrigues. As pequenas cidades e o vislumbrar do urbano pouco conhecido pela Geografia. **Ateliê Geográfico**. Goiânia: UFG, v. 2, n. 4, p. 183-191 ago. 2008.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PORTO, Gil Carlos Silva. **Configuração sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-Ba e arredores no circuito inferior da economia**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAIXA GRANDE. **História do Município**. Disponível em: <<http://www.baixagrande.ba.gov.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

RACINE, Jean Bernard; RAFFESTIN, Claude; RUFFY, Victor. Escala e ação, contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p.123-135, 1983.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993 (tradução Maria Cecília França).

RICAS, D. **Aspectos históricos da educação no Brasil versus violência física na infância: reflexões**. Minas Gerais: UFMG, 2010. Disponível em: <<http://www.medicina.ufmg.br/rmmg/index.php/rmmg/article/viewFile/236/219>>. Acesso em: 10 set. 2014.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura, na criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

_____. **Abordagens e concepções sobre o território**. São Paulo: Expresso Popular, 2007.

SILVA, Armando Côrrea. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Silvío C. Bandeira de Mello e Silva; FONSECA, Antonio Angelo Martins da. Políticas territoriais de integração e fortalecimento urbano e regional para o Estado da Bahia. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 10, n. 17, p. 15-22, jan. 2008.

SERPA, Angelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teorico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p.7-24, 2006.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES SOBRE MORTALIDADE (SIM). **Homicídios no Brasil**. Disponível em: www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701. Acesso em: 20 jun. 2014.

SOARES, Carlos Jardel Araújo. **Poder e território na geografia**: estudo do tráfico de drogas em Teresina-Pi. Disponível em: <geociencias.ufpb.br/posgrad/sernne/artigo12.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócioespacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 77-116.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação. Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, p. 123-145.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA(SEI).

Disponível

em:<http://www.sei.ba.gov.br/images/pib/pdf/municipal/boletim_tecnico/boletim_PIB_municipal_2010.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2015.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Violências e conflitualidades**. Tomo Editorial, Porto Alegre, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Ed. Difel. São Paulo, 1980.

_____. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2006.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. São Paulo: USP, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. **X Encontro de Cientistas Sociais do Norte e Nordeste do Brasil**. Fundação Joaquim Nabuco, UFPE, Recife, 2001.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Ed.FVG. Rio de Janeiro, 2004.

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Roteiro de entrevista para moradores em geral

Nome: _____ Idade: _____

Gênero: _____ Etnia: _____

Naturalidade: _____ Bairro onde mora: _____

Escolaridade: _____ Ocupação: _____

1. Para você a cidade de Baixa Grande continua sendo uma cidade tranquila/pacata para morar?

() Sim () Não

Se sim, o que é tranquila para você?

Quais indicadores?

1. Você notou alguma diferença nos últimos 8 anos com relação a violência na cidade de Baixa Grande?

() Sim

() Não

Se sim, qual? _____

2. Você se sente seguro (a) ao andar pelas ruas da cidade de Baixa Grande em qualquer horário do dia? () Sim

() Não

Se NÃO, qual o horário? _____

3. Ultimamente você investiu em algum tipo de segurança para a sua casa?

() Sim

() Não

Se SIM, qual? _____

4. Há na sua casa/prédio equipamentos de segurança?

a. Câmeras de vídeo b. Sirenes/alarmes c. Muros altos d. cerca elétrica
e. guarda f. firma de vigilância privada g. cães h. outros

6. Você ou algum membro de sua família já sofreu algum tipo de Violência?

() Sim

() Não

Se SIM, qual? _____

7. Você acredita que o tráfico de drogas seja o principal responsável pelo aumento da violência em Baixa Grande?

() Sim

() Não

Se NÃO, qual seria? _____

8. Na sua opinião quem é/são o/os responsáveis pelo aumento da violência na cidade de baixa grande?

9. Você acredita que a polícia de Baixa Grande está apta a combater a violência com os equipamentos que possui?

() Sim

() Não

10. Qual a gravidade você atribui a esses atos:

1. Gravíssimo

2. Muito grave

3. Grave

4. Comum, normal.

5. Irrelevante

6. Não sabe

() Tráfico de drogas

() Furto a residência

() Homicídios

() Roubo a residência

() Roubo a banco

() Homofobia

() Roubo a pessoa

() Lesão corporal

() Estupro

() Furto a residência

() Violência doméstica

() Ameaça

() Furto a pessoa

() Acidente de trânsito

() Crime contra o patrimônio público

11. Qual tipo de política pública seria mais adequado para afastar os jovens do crime e ressocializar os envolvidos?

12. O que tem mudado na cidade em decorrência da violência?

13. De acordo com a sua vivência, o que você define como violência?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**Questionário semiestruturado para os moradores dos bairros do Curral e
Quadra Q**

Nome: _____ Idade: _____

Gênero: _____ Etnia: _____

Naturalidade: _____ Bairro onde
mora: _____

Escolaridade: _____ Ocupação: _____

1. Você considera Baixa Grande uma cidade violenta?

2. Como é o cotidiano do seu bairro?

3. Você está satisfeito (a) com sua condição de moradia e de infraestrutura no seu bairro?

4. Você considera seu bairro violento?

5. Você já passou por alguma situação de risco, em que teve medo ou chegou a ser vítima de alguma violência? Se sim, qual foi essa situação?

6. Qual sua opinião sobre o bairro do Curral? Você o considera um bairro violento? Por quê? (Para moradores do bairro Quadra Q)

7. Qual sua opinião sobre o bairro do Quadra Q? Você o considera um bairro violento? Por quê? (Para moradores do bairro Curral)

8. Qual a gravidade você atribui a esses atos:

1. Gravíssimo 2. Muito grave 3. Grave
4. Comum, normal. 5. Irrelevante 6. Não sabe

- () Tráfico de drogas () Furto a residência () Homicídios
() Roubo a residência () Roubo a banco () Homofobia
() Roubo a pessoa () Lesão corporal () Estupro
() Furto a residência () Violência doméstica () Ameaça ()
Furto a pessoa () Acidente de trânsito () Crime contra o patrimônio público

9. Na sua opinião por que motivo os pobres, especialmente os negros compõem a maior parte da população envolvida em atos de violência?

10. Em sua opinião o que falta no seu bairro e na cidade de Baixa Grande para amortizar a violência?

11. De 0 a 5, qual é o grau de confiança na Polícia e no Estado como combatentes da violência?

Polícia: _____

Estado: _____

12. De acordo com a sua vivência, o que você define como violência?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE GEOCIÊNCIA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Roteiro de entrevista para gestores públicos e autoridades

Nome: _____ Idade: _____

Gênero: _____ Etnia: _____

Naturalidade: _____ Bairro onde mora: _____

Escolaridade: _____ Ocupação: _____

1. Você considera Baixa Grande uma cidade violenta?

2. Por que os índices de violência aumentaram significativamente em Baixa Grande nos últimos 10 anos?

3. Qual grupo social mais comete e sofre violência em Baixa Grande?

4. Você acredita que o que vem ocorrendo em Baixa Grande seja reflexo dos mesmos problemas que assolam a Bahia e o Brasil?

5. Na sua opinião, qual foi o momento exato da transição de uma sociedade pacata para uma sociedade que convive com alguns tipos de violência até então inexistentes?

6. Na sua opinião qual a relação entre os seguintes itens:

a) Pobreza e violência: _____

b) Etnia e violência:

c) Padrão de consumo e violência:

d) Consumo de drogas e violência:

e) Consumo de álcool e violência:

f) Nível educacional e violência:

7. Na sua opinião quais políticas públicas e territoriais deveriam ser colocadas em prática imediatamente e qual faixa etária seria prioridade?

8. O que tem mudado na cidade em decorrência da violência?

9. Você pode descrever o cotidiano de algum bairro periférico de Baixa Grande que você conhece ou imagine como seja?

10. De acordo com a sua vivência, o que você define como violência?

APÊNDICE II:**Entrevista com o Prefeito de Baixa Grande Pedro Lima Neto (PT)**

RM: Você considera Baixa Grande uma cidade violenta?

PLN: Rapaz, se você for olhar é uma pergunta muito complexa. No meu olhar acho que existe violência não de alto grau, de médio. Não vejo muita violência, mas de vez em quando mataram um, um dia desses aqui. Mataram “Pinica”, outro dia mataram um no Corte Vermelho, já é violência, mataram outro aqui na Rua da Conceição, tudo isso não importa o motivo, é violência, mataram outro na Rua do Curral. De vez enquanto vai surgindo, isso é violência. Tem que contar também com a questão das drogas, e tem outros tipos de violência.

RM: Por que os índices de violência aumentaram significativamente em Baixa Grande nos últimos 10 anos?

PLN: Eu, pra mim um dos índices que aumentaram foi o da droga.

RM: Qual grupo social mais comete e sofre violência em Baixa Grande?

PLN: Eu acho que tá mais para uma questão de jovem...Eu acho que é misturado, agora acaba, o que aparece para todo mundo e na mídia de quem é suspeito nas drogas é os negros. Já o branco ali é camuflado. Você chega ali na Quadra Q ou “ni” um bairro desse do Curral, é visto ali, vem a droga vem a droga. Mas a gente sabe que tem gente da classe média que vive da droga, mas ninguém vira bode expiatório. Já quem vive num bairro desse aí de poder aquisitivo baixo leva a culpa.

RM: Você acredita que o que vem ocorrendo em Baixa Grande seja reflexo dos mesmos problemas que assolam a Bahia e o Brasil?

PLN: Eu, quando tinha 10 anos de idade em 1971 e vivia nesta região, ouvia falar do que acontecia da droga, da violência e de assalto falava no Rio de Janeiro, as pessoas que siam daqui para ir trabalhar lá e voltavam. Falavam que não podiam sair com nada que tinha assalto e nem falar com muita gente. Isso que eu tô vendo hoje, o que acontece na região aqui, no município, na zona rural que toma uma moto. Eu acho que isso vem da grande cidade para os interiores, no município e hoje tomou a sede. Com muita gente envolvida, eu acredito que vem dos grandes centros, nem só de Salvador. Aí ela evoluiu de forma rápida, na zona rural tem menino passando droga, praticando assalto, é um negócio que não existia.

RM: Na sua opinião, qual foi o momento exato da transição de uma sociedade pacata para uma sociedade que convive com alguns tipos de violência até então inexistentes?

PLN: Olha, a maconha por exemplo, foi muito forte o uso da maconha na Baixa Grande há mais de 30 anos, a maconha. E essa outra droga, vamos dizer assim, o crack, a cocaína, eu acredito que ela tá por aí nos últimos 8 anos, 12 anos por aí. Ela vem

umentando, né? Tem gente que usa a maconha até hoje e não faz mal a ninguém. Eu acho também que a cachaça, ou melhor, o álcool também está elevando muito, é de ficar abismado a quantidade de gente e o excesso de bebida que tá. Você vai em uma festa e ninguém dança, só bebida, bebida, bebida. Isso tá tomando nos últimos anos aí, o excesso de bebida tem sido um problema. O pessoal do hospital todo final de semana fica ligado, antenado, pois tem muito acidente de moto, briga, o álcool tem sido meio brabo.

RM: Na sua opinião qual a relação entre os seguintes itens:

RM: Pobreza e Violência:

PLN: Acredito que sim, mas não sei se dá para eu julgar desta forma. A classe pobre vive ali, pratica essas coisas. Agora o que fica a classe média, classe alta, pratica um crime maior, mas que também não é visto. Mas na sua pergunta acredito que é a classe mais pobre, mas não quer dizer...Mas o rico rouba muito, pratica crime mais graves.

RM: Etnia e violência:

PLN: Não, acho que os negros são mais marginalizados. Não que eles pratiquem mais, é um pessoal que teve menos oportunidade.

RM: Padrão de consumo e violência:

PLN: Eu acredito que sim. Por exemplo, o roubo de moto, o jovem ficar sem ter um meio de locomoção é difícil, ver seus colegas cada um com uma moto. Mas também é uma questão de caráter, pois na minha juventude vi muito jovem querendo ter uma bicicleta e não roubava. O consumismo, a tecnologia avançou muito, passou a oferecer muitas coisas.

RM: Consumo de drogas e violência:

PLN: Antigamente se roubava muitas casas aqui e depois descobriram que era usuários de drogas, roubavam para comprar drogas. Era "Popó" e outros aí.

RM: Consumo de álcool e violência:

PLN: Sim, já até falei antes. Antes a gente ia numa festa para dançar, se divertir e namorar. Não vou dizer que não bebo, eu bebo. Mas hoje em dia estão indo para festa, mas o foco não é a festa, é a bebida, pode observar fica todo mundo parado e bebendo.

RM: Nível educacional e Violência

PLN: Sim, eu acho que sim. O pessoal que não estou, mas não quer dizer que o pessoal que estudou não pratique, esses fazem bem feito, ladrão de banco por exemplo.

RM: Na sua opinião quais políticas públicas e territoriais deveriam ser colocadas em prática imediatamente e qual faixa etária seria prioridade?

PLN: Rapaz, eu não vejo outra forma que não seja o trabalho educativo. Envolver as instituições, os segmentos da sociedade. Só repressão não adianta, não vai. Tem que

ter trabalho educativo em todas as instancias, no setor público e no setor privado e a sociedade civil.

RM: O que tem mudado na cidade em decorrência da violência?

PLN: A mudança é muito grande. Aqui em Baixa Grande esse negócio de grade tá muito forte. É muito recente, a grade que tinha era a gradezinha baixa, hoje a grade já é um meio de segurança. Hoje já tem muita gente com câmera e cerca, já entrou no ritmo de cidade grande.

RM: Você pode descrever o cotidiano de algum bairro periférico de Baixa Grande que você conhece ou imagine como seja?

PLN: Eu tenho visitado alguns bairros, eu sinto nas pessoas um pessoal amigo. Até mesmo entre as pessoas que usa droga eu vejo um tratamento educado. Eles praticam aquilo porque são um pessoal sem opção. Eles me tratam bem, me pedem oportunidade de trabalho, eles pendem. Só que esses pessoal que já são pobres, discriminados e não estudou, eles pedem uma oportunidade e ninguém dá mais. Vamos dizer assim, eu vejo pessoas aí que ninguém quer dá trabalho, perdeu um oportunidade, perdeu a confiança da comunidade. Fica com a fama, tipo assim, Fulano de tal usa droga.

Vamos pegar aqui um bairro onde fizemos duzentas casas, e antes da inauguração o pessoal invadiu, e entre esse pessoal, tem pessoas que são suspeitas de usuários de drogas. Criou um trauma e ninguém quis ir morar lá juntos com os usuários de drogas, no "Minha casa, minha vida". Isso criou um trauma. Eu mesmo se não tivesse onde morar, moraria lá. Só vejo criança brincando. E não tenho nenhum problema com os usuários. O povo no Rio não vive com usuários e traficantes nas favelas?

RM: De acordo com a sua vivência, o que você define como violência?

PLN: Violência para mim vem de uma sociedade capitalista, ou seja, uma sociedade que não tem uma distribuição de renda. Falta inclusão social. Nós não tiramos ainda os negros da escravidão.

ANEXO I

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, _____, portador (a) do RG _____, e abaixo assinado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) _____, portador (a) do RG _____, abaixo assinado, orientado pelo Professor Doutor _____, portador do RG _____, e abaixo assinado, a utilizar as informações e documentos por mim fornecidas, assim como meu nome, a serem veiculados, primariamente, no material em texto desenvolvido como tese acadêmica, ou ainda destinados à inclusão em outros projetos acadêmicos, sem limitação de tempo ou de número de exposições. Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha as informações concedidas no dia ____/____/_____, pelo aluno (a) supracitado, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD (“compact disc”), CD ROM, CD-I (“compact-disc” interativo), “home video”, DAT (“digital audio tape”), DVD (“digital video disc”), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exposições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual. Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Salvador, ____ de _____ 2012.

Assinatura do professor orientador

Assinatura do (a) participante

Assinatura do aluno pesquisador